

ANTOLOGIA

ANO JUBILAR



**OPTIMA PENTAMUS:
INTELLECTUS**

Isvânia Marques • Maria Adriana Torres • Norma Alcântara (Org.)

**ANTOLOGIA
ANO JUBILAR**

DIREÇÃO EDITORIAL: Luciele Vieira da Silva

DIAGRAMAÇÃO: Bruna Natalia de Freitas

REVISÃO ORTOGRÁFICA: Autores

DESIGNER DE CAPA: Rommel Mendes

O conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores e organizadoras, incluindo o padrão textual, o sistema de citação e referências bibliográficas.



Todos os livros publicados pela Editora Kattleya estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

2022 Editora Kattleya

Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05

Antares, Maceió - AL, 57048-230

www.editorakattleya.com

editorakattleya@gmail.com

Catalogação na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A634

Antologia ano jubilar / Organização de Isvânia Marques, Maria Adriana Torres, Norma Alcântara; Prefácio de Alberto Rostand Lanverly. – Maceió-AL: Kattleya, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-65-83366-10-8

1. Antologia. I. Marques, Isvânia (Organizadora). II. Torres, Maria Adriana (Organizadora). III. Alcântara, Norma (Organizadora). IV. Lanverly, Alberto Rostand (Prefácio). V. Título.

CDD 869.908

Índice para catálogo sistemático

I. Antologia

Isvânia Marques
Maria Adriana Torres
Norma Alcântara
(Organizadoras)

**ANTOLOGIA
ANO JUBILAR**

Direção Editorial

Luciele Vieira da Silva

Comitê Científico Editorial

Dr. Edson Hely Silva

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Brasil)

Dr. Adlene Silva Arantes

Universidade de Pernambuco - UPE (Brasil)

Dr. Augusto César Acioly Paz Silva

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)

Dr. João Paulino da Silva Neto

Universidade Federal de Roraima | UFRR (Brasil)

Dra. Ana Maria de Barros

Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Ana Maria Tavares Duarte

Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Me. Elizabete Cristina Rabelo de Araújo

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)

Me. Laudemiro Ramos Torres Neto

Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Prof. Denivan Costa de Lima

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Dr. José Luís Romero Hernández

Universidade Nacional Autônomo do México | UNAM (México)

Me. Ruth Nitzia Botello Ortiz

Instituto Politécnico Nacional | IPN (México)

SUMÁRIO

Prefácio

Que venham mais vinte e cinco anos

Alberto Rostand Lanverly..... 10

Apresentação

As Organizadoras..... 12

PRIMEIRA PARTE

ANO JUBILAR DA ACADEMIA PALMEIRENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES – APALCA

APALCA: sua história e seu legado

Isvânia Marques..... 15

Salve a Academia de Letras de Palmeira dos Índios

Maria José C. Ferro..... 20

Ode à Apalca

Isvânia Marques

Maria José Cardoso Ferro..... 21

A Palavra como Memorial: Discurso Teopoético de Gratidão e Esperança

Por ocasião do Jubileu da APALCA

Antônio Mélo de Almeida (Pe. Motinha)..... 22

Sentimento de Gratidão

Aloísio Alves Souza..... 26

Parabéns, APALCA!

Auta Tânia do Nascimento Lima..... 28

Os 25 Anos da Academia Palmeirense de Letras

Jorge Luiz Soares Melo..... 31

Exaltação à APALCA

Paulo Bezerra Nunes..... 33

SEGUNDA PARTE **PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS E** **DOCUMENTAIS: TECENDO O CONHECIMENTO**

Irracionalismo: origem e atualidade

Norma Alcântara..... 36

Uma mulher à frente do seu tempo: o legado da palmeirense Maria Lúcia

Maria Adriana Torres..... 44

De coração para coração: um breve comentário à encíclica *dilexit nos*, do Papa Francisco

Cosme Rogério Ferreira..... 54

Inteligência financeira: caminho da prosperidade

Bosco Torres..... 64

A Senhora futuro: vulgo, ansiedade

Isabelle da Silva Mendes..... 72

Pontes de Miranda, o *habeas corpus* e a prisão administrativa de militares por ato de indisciplina

Francisco de Assis de França Júnior

Herófilo Soares Souza Pantaleão Ferro..... 77

TERCEIRA PARTE

MODALIDADE TEXTUAL EM PROSA

Barber Shop

Ricardo Ramos Filho..... 83

A tirania do pensamento único e a ilusão da liberdade cognitiva

Valdester Cavalcante Pinto..... 86

Resposta a um agnóstico penedense

Moézio de Vasconcellos Costa Santos..... 89

Biografia: ofício e arte

Marcos Vasconcelos Filho..... 97

A cruz da cigana

Erisvaldo Vieira da Silva..... 96

O menino levado e o cachorro doido, que talvez não estivesse doido	
<i>Jorge Tenório</i>	105
História da música	
<i>Germana de Araújo</i>	111
Lira dos vinte anos	
<i>Olegário Venceslau de Oliveira e Silva</i>	118
Em certas pausas do dia, escrevo...	
<i>Júlia Karolline Vieira Duarte</i>	120
Minha professora de francês	
<i>Carlindo de Lira Pereira</i>	122
Verdes lembranças	
<i>Maria de Lourdes Ribeiro</i>	126
Mãe é amor, e o amor não tem preconceito, e o preconceito não é de Deus	
<i>Jackeline Siqueira Formiga</i>	128
A universalidade do folclore	
<i>Ana Clara Vieira de Vasconcelos</i>	137
Sonhando	
<i>Ruth Freitas de Assis Nunes</i>	140
QUARTA PARTE	
ENTRE VERSOS E REVERSOS	
“Princesa do Sertão”	
<i>Luzia Rodrigues</i>	144
Palmeira, Princesa do Agreste	
<i>Elisabeth Wolbeck Jüngermann Dorta</i>	146
Uma nova mulher...	
<i>Mônica Campos Albuquerque</i>	148
Sou Filha do Meu Sertão	
<i>Rafaela Silva de Oliveira</i>	150
Senhora	
<i>Ari Lins Pedrosa</i>	153

O Parto

Pedro Duarte de Oliveira..... 154

Doce

Diego Viana Cabral..... 156

Incerteza

Pedro Paulo Barbosa..... 158

Anexos – Matérias de jornais sobre o Ano Jubilar da APALCA..... 159

Apêndice – Fotos da cerimônia do Ano Jubilar..... 160

Dez Edições do Concurso Prosa e Verso (Fomentando a leitura e a produção de textos!) 163



Prefácio

QUE VENHAM MAIS VINTE E CINCO ANOS

* *Alberto Rostand Lanverly*

Há livros que são apenas páginas impressas; outros, porém, se caracterizam como monumentos de amor à palavra, tomando como exemplo esta antologia que pertence à segunda espécie, pois nasce no ano jubilar da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes – APALCA, como flor rara cultivada ao longo de vinte e cinco anos de primaveras, verões, outonos e invernos literários, sendo cada capítulo uma estação, cada texto um fruto, cada verso verdadeiro perfume que se espalha para além do tempo.

Este trabalho, dividido em quatro capítulos, quatro caminhos, com cada um guardando tesouros, e todos se encontrando no mesmo jardim da palavra.

O primeiro brota como aurora, celebrando o ano jubilar, abrindo as portas do tempo para que a luz da recordação ilumine o presente. Nele, a história é celebrada como se enaltece o aniversário de um velho amigo querido; parágrafos erguem-se como taças, brindando ao legado e à resistência desta Casa que, desde o seu berço, aprendeu a transformar o silêncio em voz, a memória em presença, e a presença em eternidade.

O segundo tece o tempo com fios de ouro e prata, bordando lembranças e registros, para que nenhuma história se perca no vento; um capítulo que é teia e é tear, fios de lembranças e registros, cuidadosamente retirados de bibliotecas e corações, entrelaçam-se para formar uma tapeçaria luminosa, onde cada ponto é nome, cada cor é momento, cada trama é história que não se perdeu, porque a APALCA a guardou com mãos firmes e alma generosa.

O terceiro é a casa da prosa, onde o verbo não é somente escrito, é estímulo, e as ideias passeiam em narrativas, crônicas e reflexões, sendo cada página um abraço entre o autor e o leitor, com laudas se abrindo como janelas para mundos coloquiais, às vezes real, às vezes inventado, mas sempre verdadeiro na emoção. São narrativas que caminham pelas ruas de Palmeira dos Índios, cruzam fronteiras invisíveis, pousam no íntimo do viajante de letras e o convidam ali a permanecer.

O quarto chega como entardecer que se veste de encanto, fechando a antologia com o perfume dos versos, onde a emoção é semente e a inspiração faz com que a obra se feche com a luz que merece: a poesia; pois ela chega como música que não precisa de partitura, como vento que não pede licença, como rio que nunca se cansa de seguir. Nas suas estrofes aqui reunidas, a emoção é soberana: canta, chora, ri e recorda, sempre com a delicadeza de quem sabe que o instante é semente de eternidade.

O mais importante é que tudo isso nasceu da pena e do coração dos sócios e convidados que, orgulhosos como eu, oferecem seus textos como quem estendem um presente de alma inteira.

Salve a Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes – APALCA... que venham mais 25 anos! Estou feliz!

* Sócio honorário (com muita honra) desde 2021 da APALCA
Presidente da Academia Alagoana de Letras
(Desde o “Arquipélago do Sol”, em Barra de São Miguel, numa tarde
de domingo)

Apresentação

A Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes (APALCA), fundada em 21 de junho de 2000, celebra seus 25 anos de atuação, neste Ano Jubilar. Seu legado e sua história estão registrados nos diversos trabalhos em favor da cultura, da arte e da educação do município de Palmeira dos Índios-AL (e região), a exemplo da promoção de concursos literários com incentivo à leitura e à produção de textos, além de suas publicações em diferentes estilos literários. O Estatuto contempla a ampliação de seu quadro de sócios efetivos, honorários, correspondentes, beneméritos e colaboradores, através da análise curricular e de sua contribuição e importância à instituição a que se propõe pertencer.

A promoção de eventos, palestras, exposições literárias e artísticas compõe as atividades durante seu ano acadêmico, reunindo diversos segmentos da cultura local e do nosso Estado, ante os desafios impostos para manter esta instituição em pleno funcionamento, interagindo com a comunidade escolar, universidade, professores, escritores e demais grupos de nossa cidade.

Neste Ano Jubilar, a APALCA evidencia sua notoriedade e seu compromisso com o fortalecimento da cultura e da literatura, enquanto comemora junto à sociedade, aos seus sócios e demais convidados suas bodas de prata, mantendo viva a memória de personalidades alagoanas como Graciliano Ramos, Luiz de B. Torres, Jofre Soares, Dom Fernando Iório, Ananete de Macedo (primeira professora diplomada e primeira vereadora do município), Maria Lúcia Duarte (primeira mulher a escrever um Almanaque Feminino no Brasil), entre tantos outros Patronos e Patronas que contribuem com seu legado para o conhecimento intelectual desta região.

Apresentamos esta Antologia alusiva ao Ano Jubilar, numa edição especial recheada de produções seletas de seus sócios e convidados, que se debruçam nos textos comemorativos à história da instituição, incluindo outros em prosa, verso e pesquisa acadêmica. Desse modo, reacendemos a chama das diferentes formas de conhecimento, reverenciando a poesia, a cultura, a arte e a ciência, no sentido de socializar para os leitores os contributos da nossa majestosa instituição acadêmica.

O objetivo desta obra é, portanto, reunir textos literários e acadêmicos que evocam compromisso com a disseminação do conhecimento em prosa e verso, crônicas e pesquisas sobre temas afeitos a diferentes estilos literários sem, contudo, neles interferir.

Deste modo, cabe ao leitor atribuir sentidos e significados, podendo deleitar-se e se reconhecer na variada atmosfera de contos, crônicas, poemas e artigos. Esse arcabouço de temas permite decifrar em cada verso e nos fios invisíveis que deles fazem parte, o pertencimento à cultura, à ciência e às artes como elementos imanentes aos seres humanos.

Esta Antologia, cujo primoroso refinamento literário contempla a história da APALCA e a riqueza dos escritos, de responsabilidade exclusiva de seus autores, integrará o acervo bibliográfico da instituição, como fonte de pesquisa e legado para as gerações do presente e do futuro.

Salve a nossa APALCA!

As Organizadoras

PRIMEIRA PARTE

ANO JUBILAR DA ACADEMIA

PALMEIRENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E

ARTES – APALCA



Isvânia Marques

Nascida em Palmeira dos Índios-AL, é professora aposentada e escritora. Autora de dez livros publicados, sendo cinco destinados à literatura infantojuvenil (em várias edições) e outros ao leitor adulto. É professora Especialista em Docência para o Ensino Superior (UFAL) e em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (Acad. Alagoana de Letras - UNICIP). É sócia efetiva e fundadora da Academia Palmeirense de Letras - APALCA, titular da Cadeira No 11, cujo Patrono é Pedro Torres Neto. Participou de vários concursos literários em outros estados brasileiros, galgando premiações em alguns deles, Integra - ainda - o corpo de sócios efetivos nas Academias Maceioense de Letras, Alagoana de Cultura e do Grupo Literário Alagoano.

APALCA: sua história e seu legado

Fundada em 21 de junho de 2000, a Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes foi formada por 21 cadeiras acadêmicas, embora apenas 17 destas tenham sido ocupadas no dia da primeira posse acadêmica, em 18 de agosto de 2001. E, nesta data, a primeira página da “Folha de Alagoas”, sob direção de Luiz Byron Torres, seu diretor e integrante do quadro efetivo, estampava o título: “Palmeira dos Índios está em festa!”

Era um momento ímpar e de júbilo para nossa cidade, que difundia seu registro no âmbito da Cultura e da Literatura alagoanas, quando recepcionava representantes de outras sociedades congêneres para parabenizá-la e homenageá-la em sua magna atitude e demonstração de desenvoltura dentre aquelas que já ocupavam seu destaque em nosso Estado.

Assim, ela se torna aprendiz, altiva e – cada vez mais – profícua no seio da cultura estadual, especialmente quando tenta reagir diante do marasmo e da ausência de apoios que conspiraram contra a legalização ao patrimônio cultural de nossa terra e ao legado daqueles que o

impulsionaram, quando investiram seus estudos e pesquisas no intuito de serem igualmente multiplicados às gerações atuais e vindouras, para a proliferação de frutos cada vez mais desencadeados na ressurreição de novas práticas e ministérios, em favor do enaltecimento cultural de nossa terra.

E, para além da criação, a profusão, a imaginação, a reinvenção, a edição de livros em vários segmentos estilísticos, peças de teatro onde circundam a história real ou inventada, telas simbolizando a realidade ou a criação em todas as suas nuances, além das estamparias nos tecidos e nas porcelanas, nos mosaicos e nas paredes e, por último, na imaginação de cada um de seus ilustres confrades e confreiras!

Lembramo-nos e aqui citamos: Graciliano Ramos, Luiz B. Torres, Adalberon Cavalcanti, Valdemar Lima, José Pinto de Barros, Bezerra e Silva, Jofre Soares, Tobias Granja, Maria Lúcia Duarte, (alagoana com destaque nacional pela criação do primeiro *Almanaque Feminino*) e Rosa Eulália Pimentel (primeira vereadora de Palmeira dos Índios), dentre outros nomes contidos na relação de Patronos de nossa Academia, que se propagam nas páginas e nas distribuições das bibliotecas públicas, escolas, entidades acadêmicas, faculdades etc., levando a história e seus personagens onde quer que lhes caibam e sejam acolhidos.

As quarenta cadeiras criadas – atualmente – tendo sua formação por nomes que envolvem escritores, músicos, artistas, pintores e pesquisadores palmeirenses, dignificam o nome desta agremiação com seus trabalhos divulgados em prol da coletividade acadêmica, integrando a pléiade de literatos de nossa taba xucuru-kariri e do Ministério Acadêmico do Estado de Alagoas.

A apresentação de seus históricos curriculares, a junção de seus conhecimentos e experiências somadas à vontade de contribuir efetivamente com os objetivos e as ações desenvolvidas pela APALCA fazem de seus filhos da terra e aspirantes à vaga acadêmica uns guerreiros fortes prestes à aliança e à batalha, que a faça brilhar entre as demais agremiações majestosas, aprendendo e observando seu Estatuto, contribuindo em suas funções de acordo com o compromisso assumido em seu Juramento a esta Casa da Literatura, das Ciências e das Artes palmeirenses.

Por isso, lutamos em favor da Crença, do Conhecimento, da Moral e da Arte porque permeiam todas as formas de linguagem, traduzidas em emoção e reveladas com o esforço dos operários do Saber e estudiosos da Palavra.

Realizamo-nos, quando servimos de ponte entre o autor e sua obra, o criador e sua criação, embora tenhamos plena consciência de que há muito a fazer por nós mesmos, entidade e promotores, revestindo os conceitos de poética e de arte, conjugando-os em favor de uma tendência que retrate o nosso pensamento e o registro de nossa época.

Sabemos que os pensamentos e os ideais são condicionados a um sacrifício, a uma luta constante e infinita em busca da realização dos sentimentos almejados. Estes, então, vivenciam um viés entrecortado pelos percalços que assustam todo e qualquer sonho, se nele não reinar a persistência e o amor à causa que o impulsionam, na tentativa de se transformar em realidade, seja ela áspera ou amena, triste ou esperançosa, repleta de “nãos” ou convertidas em coragens, que buscam incessantemente os “sins”, em locais ainda não visitados ou a pessoas que, surpreendentemente, nos acolhem e comungam conosco de nossos sonhos e aspirações na construção de uma instituição VIVA, atuante, apta ao diálogo com a sociedade a que pertence e também com aqueles que a buscam para formação de parcerias...

As Academias literárias e culturais “não sobrevivem por si mesmas”, mas da congregação de seus membros e do compromisso assumido perante a instituição e a comunidade, assim como do apoio vindo dos governos (mesmo em pequenas escalas), além do amor maior daqueles que nela estão inseridos ou daqueles que por aqui passaram e fizeram sua história: Alberto Leão Maia, Byron Torres, Everaldo Damião, Eraldo Mello, Amélia Rebelo, Alba Granja, Geraldo Passos e Dom Fernando Iório.

Somente dessa maneira, a luta em favor das formas de linguagem traduzidas em emoção ou aventuras, do conhecimento, da moral e da arte (sob qualquer uma de suas manifestações), se apoiará na crença de uma missão vocacional que jamais deverá ser desmotivada.

Nesta “estrada retilínea” percorrida pelos amantes da cultura literária, e por aqueles que creem nas mentes produtivas do senso de

dignidade inalienável do homem, inúmeros são os caminhos a trilhar para que busquem as raízes do intelecto, a origem das descobertas e o profundo pesquisar de teorias que se transformam em consagrações futuras para as mais novas gerações.

Segundo Balzac, a insistência é a persistência dos tolos, enquanto outros pensadores reafirmam que a persistência é a teimosia dos sábios. E, foi graças à perseverança dos nossos ilustres e eminentes fundadores que a Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes – APALCA surgiu no seio da sociedade palmeirense, distingindo-se por seu exemplo de probidade, de valores éticos e de muita fé em Deus e nas pessoas de boavontade.

Se começar foi difícil (lebramo-nos da falta de um espaço para as primeiras reuniões com os membros fundadores), quando tínhamos que ocupar a sala de visitas da Casa Episcopal, sob o olhar anfitrião e amigo de Dom Fernando Iório, a direcionar a pauta dominical para possíveis e futuras ações, ou visitar a casa do primeiro Tesoureiro institucional, Luiz Byron Torres (filho do historiador Luiz B. Torres) e diretor do “Folha de Alagoas”, que circulava nesta cidade junto com a “Tribuna do Sertão”, pioneiro no ramo editorial e jornalístico de nossa cidade.

Somos Soldados das Letras, das Ciências e das Artes, quando colocamos em nosso “Batalhão” nomes que se associam à Galeria Célebre das vozes e dos brados em favor de nossa instituição, sem esquecer de nossa missão maior quanto ao fomento da leitura e da produção de textos, incentivando novos autores e premiando seus textos, nas dez edições do Concurso Prosa e Verso, consagradas pela credibilidade de um novo público que de nós se aproxima.

Somos apóstolos da cultura, quando, por vezes, imitamos e peregrinamos Gabinetes, salas de espera, ambientes propícios à entrega de ofícios e à demonstração de nossas carências, utilizando a palavra sob formatos escrito e oral para convencer e demonstrar a importância desta Magna Casa, que se faz respeitar pelas conquistas obtidas com os ensinamentos de quem – em primeira mão – nos fez descobrir e reconhecer que a perseverança é o começo, o meio e o fim de todo desejo a ser realizado.

Se hoje vivo estivesse, Dom Fernando Iório aqui estaria à mesa, nos enriqueceria com seu discurso (breve e rico de metáforas, assim como em suas homilias); certamente, repetiria (como o fez muitas vezes): “Hoje, as palmas das palmeiras batem palmas”, balançam e se agitam - freneticamente, comemorando junto conosco os anos vividos e consagrados ao resgate da história do passado (por meio do estudo aos Patronos), às marcas do presente (agregando mais pessoas ilibadas e comprometidas), a fim de que deixemos tal legado às futuras gerações.

Palmeira dos Índios, conhecida como “berço da cultura alagoana”, recebe de nossas mãos esta história de vinte e cinco anos de luta e de construção, a ser perenizada por aqueles que amam e defendem nossa terra com o sentimento de honradez e a responsabilidade de torná-la cada vez mais imbatível e soberana!

Em uníssono, bradamos: Parabéns, Academia Palmeirense de Letras!



Maria José C. Ferro

Médica (Oftalmologista). Diretora do Centro Oftalmológico Osório Cardoso. Especialista pelo CBO. Membro Titular da Academia Americana de Oftalmologia. Presidente da ONG MAIORFÉ (promoção Humana). Sócia efetiva da APALCA, da qual é vice-presidente. Ocupa a Cadeira Nº 07, 2^a Titular, cujo Patrono: Lourival de Mello Mota, desde 2008.

Salve a Academia de Letras de Palmeiras dos Índios!

Amada e gloriosa APALCA!
Patrimônio da cultura e dessa cidade, o valor.
A mais rica experiência já contada,
Lar de escritores e artistas, poetas e cientistas e, também, de trovador!
Caminho bonito de sabedoria diversa,
A tua história brilhará com todo esplendor

Ode à Apalca

*Isvânia Marques
Maria José C. Ferro*

Cantamos a ti, venerada Apalca
Inspiração de nossa terra amada,
Orgulho da gente que te viu nascer
E em prosa e verso ser celebrada.

Exaltamos tua história que encanta,
Jamais esquecida pelos mortais,
Eternizada na luta travada
E no valor de teus ancestrais.

O tempo aplaude tuas narrativas,
Teus escritores, tua literatura,
Em respeito aos anos vividos,
Aos teus feitos e a tua bravura.

Das Letras, Ciências e Artes,
És emoção e tens lugar marcado.
Apalca, herança embalada com amor,
Às gerações, teus presente e teu legado!

Salve, Majestosa Apalca,
Herdeira deste solo xucuru!
De tuas serras, sons e magia
Exaltam cultura de norte a sul.



Antônio Mélo de Almeida (Pe. Motinha)

Sacerdote, educador, teólogo, escritor e poeta. Formado em Filosofia (Faculdade João Paulo II – RJ) e Teologia (PUC-RJ), Licenciado em Pedagogia (FEFIR) e Ciências da Religião UNiverde), além de Mestrando em Ciências da Religião, desenvolvendo pesquisas no campo da Teopoética, tecendo com sensibilidade o que chama de “poética do sagrado”. Sócio efetivo titular e fundador da Academia Palmeirense de Letras – APALCA. Cadeira Nº 09. Patrono: Manoel Bezerra e Silva.

A Palavra como Memorial: Discurso Teopoético de Gratidão e Esperança

Por ocasião do Jubileu da APALCA

Na tessitura do tempo, onde o instante se entrelaça com a eternidade, somos convocados a celebrar não apenas o que passa, mas aquilo que permanece. Saúdo-vos, em nome da presidência jubilar desta nobre Academia, estendendo minha palavra às dignas autoridades desta mesa, aos confrades e confreiras que escrevem conosco esta epopeia silenciosa, bem como aos convidados que hoje comungam deste instante sagrado.

O tempo, esse poeta invisível, segue seu curso sem deter-se, como areia fina que escorre pela ampulheta da existência. Os ponteiros do relógio não se comovem, seguem adiante, traçando histórias, às vezes esquecidas, outras eternizadas. A memória humana, frágil por natureza, nem sempre é capaz de conter a vastidão do vivido. Mas é a palavra, esta centelha de eternidade, que nos salva do esquecimento. A palavra escrita, falada, sussurrada, celebrada, é ela quem fixa no pergaminho do mundo aquilo que a pressa do tempo tentaria apagar.

Na retina da alma, revivo, como se ontem fosse, a cena inaugural desta nossa Casa das Letras. Era uma tarde prenhe de esperanças e, em sua fundação solene, éramos dezenove. Tantos rostos, tantas vozes,

tantas presenças... Algumas já não mais entre nós, levadas pelo tempo. Outras chegaram, como quem aceita o chamado de dar sequência ao sonho comum.

E que memória viva temos!

Alberto Leão, com sua verve cinematográfica, ampliava horizontes na tela grande.

Geraldo Passos, entre manuscritos e planilhas, organizava a palavra e os recursos da casa.

Alba Granja, a artesã das cores e dos versos, com delicadeza quase litúrgica, mesclava poesia e paisagem.

Eraldo Mello, presença suave e fecunda, entre caligrafia e tipografia, fixava no papel tantas histórias.

Everaldo Damião, cuja voz firme e presença serena ecoavam como guardião das letras e da memória. Homem de palavra pensada, escrita com zelo, voz crítica e fraterna, construtor silencioso deste legado comum.

Byron Torres, espírito precursor, dividia-se entre a loja e a crônica diária, alargando a presença da arte na vida comum.

Foi por justiça e beleza que concordamos em perpetuar o nome de **Luiz Torres** como nosso Patrono eterno, e o de **Graciliano Ramos** como nosso Paraninfo imortal. Nomes que não apenas escreveram, mas gravaram em carne viva a alma desta terra.

Evitei, com reverência e cuidado, a disputa pela presidência. Um acordo fraterno me confiou o posto inaugural. E como não poderia ser de outro modo, iniciei os trabalhos e imediatamente passei o bastão à figura excelsa de **Dom Fernando Iório**, aquele cujo currículo e espírito não podiam ser igualados. Sua liderança honrou o início de nossa trajetória com a dignidade dos grandes, orientando os primeiros passos da escritora e vice-presidente da APALCA, **Isvânia Marques**.

Hoje, celebrando vinte e cinco anos dessa travessia que parece breve aos olhos da eternidade, empresto minha voz à Palavra maior, aquela que transcende o discurso e se faz oração. Eis o poema que ora proclamo como súplica, hino e oferenda de **autoria de D. Iório**:

Agradecimento

Eu te agradeço, ó Deus,

Que me dese tanto:

A vista e pranto.

Eu te agradeço, ó Deus,

Que me dese tanto:

O gosto e o canto.

Eu te agradeço, ó Deus,

Que me dese tudo:

O tato e o luto.

Eu te agradeço, ó Deus,

Que me dese de uma vez:

Ouvir na surdez.

Eu te agradeço, ó Deus,

Que me dese tanto:

No declinar da vida

Degustar encanto.

Há poesia maior do que esta? Há teologia mais encarnada? Creio que não. A gratidão que se faz verso é a mais nobre oração. E nesta oração poética devolvemos ao Infinito um pouco do que d'Ele recebemos.

Sigamos, pois. Que venham novos anos, novas gerações. Que a pena passe de mão em mão, e que o papel, ungido de tinta e memória, continue a registrar esta história viva.

Vida longa à APALCA.

Que o verbo siga adiante. Avante!



Aloísio Alves Souza

Formado em Publicidade e *Marketing*, é sócio da Chama Publicidade há 45 anos. Agraciado como Publicitário Latino-Americanano (Festival Mundial de Gramado/RS/2006); articulista do Jornal Gazeta de Alagoas; escritor e autor do livro *Vi, ouvi, escrevi*, além de ter sido agraciado com “Comenda Senador Arnon de Mello” (2021); “Personalidade do Ano: Prêmio Master Ademi” (2023); “Personalidade Guerreiro de Ouro - Prêmio Guerreiros da Criação/PSCOM”. É Sócio Efetivo da Academia Palmeirense de Letras-APALCA. Titular da Cadeira Nº 30. Patrono: Péricles Brandão Barros.

Sentimento de Gratidão

Uma celebração carregada pelo peso da história, à luz da cultura e da força da gratidão. A Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes completou 25 anos de existência. Um Jubileu de Prata que não apenas marca o tempo, mas consagra uma trajetória de entrega, de luta, de amor à nossa identidade. A comemoração tão bela e emocionante só foi possível graças à dedicação de muitas mãos que se entrelaçaram para fortalecer o brilho daquelas horas de inesquecível felicidade.

Em cada olhar iluminado via-se uma expressão de sorriso, a cada instante uma surpresa diferente fazendo palpitar mais forte os corações de acadêmicos, familiares e convidados. Foram anos de trabalho incansável, caminhos muitas vezes tortuosos para galgar a conquista de um momento tão especial. Enfim, a bandeira da vitória tremulou com o soprar do vento da esperança e fé no amanhã, que sabíamos, chegaria um dia com a determinação dos guerreiros que conduzem as armas do saber.

Braços que se abraçaram fortemente, vozes que se levantaram em defesa da memória, da literatura, da arte, da ciência e da palavra. Foram 25 anos preservando a história de Palmeira dos Índios,

promovendo a cultura local e dialogando com o presente – sempre com os olhos voltados para o futuro.

A APALCA nasceu do desejo de entender, valorizar e transformar nossa sociedade por meio do conhecimento. E, desde então, tem sido farol. Tem sido ponte. Tem sido casa. É com esse espírito de orgulho e de pertencimento que a comunidade recebeu, com emoção, a celebração deste Jubileu como o evento mais importante da cidade neste ano de 2025. Mais do que comemorar, nós reafirmamos um compromisso: o de não deixar que o passado caia no esquecimento, e o de fazer uma construção consciente e viva.

A noite de gala do dia 19 de julho foi aberta para dar boas-vindas aos nossos padrinhos, madrinhas e novos sócios que passam a fazer parte desta missão tão nobre. Os mais sinceros agradecimentos a todos pelo apoio, mas, sobretudo, pelo respeito à história desta terra que pulsa cultura em cada esquina: Palmeira dos Índios é a mais cultural das cidades do interior de desta maravilhosa Alagoas!



Auta Tânia do Nascimento Lima

Licenciada em Geografia e Especialista em Psicopedagogia. Atuou como professora desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Ministra palestras educacionais. Autora de poesias, contos, cordéis e biografias em versos. Dedica-se à literatura; participa de várias antologias brasileiras. Escritora. Escreve para o *site Recanto das Letras*, desde 2010. Sócia efetiva da Academia Alagoana de Literatura de Cordel e da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes – APALCA. Ocupa a Cadeira Titular Nº 38. Patrona: Célia Margarida de Souza Cavalcante.

Parabéns, APALCA!

Este cordel abrilihanta
Festejando com alegria
O feliz aniversário
Da nossa Academia
25 anos completa
Com fervor e maestria.

Primeiros anos de vida
Com muita dificuldade
Com luta os fundadores
Se uniram com vontade
Buscando sempre um local
De reuniões na cidade.
Nunca eles desistiram
mesmos nas dificuldades
Sabiam da importância
Também da necessidade
E esses donos das Letras
Amavam sua cidade.

Por APALCA registrada
Este nome reverencia
Uma sigla muito nobre
Transporta sabedoria
E grande significado
Arte com categoria.

Academia de Letras
E das Ciências também
Tem Arte por excelência
Representada tão bem
Pois cada um se propõe
Dar o melhor que se tem.

Composta por menestréis
Impulsionando cultura
Grande legado marcante
Deste fazer de bravura
Seja escrita ou cantada
É sabedoria pura!

Nesta nobre confraria
Grandes nomes destacados
Graciliano e Luiz Torres
Patronos perpetuados
Dom Fernando e assim
Benfeiteiros renomados.
Cada um na Galeria
Tem cadeira numerada
Ocorrendo a vacância
Logo será completada
Com o crivo da diretoria
Outra pessoa empossada.

Esta agremiação
Tem a marca registrada
E vários concursos promove
De forma direcionada
Homenageando nomes
Da cultura eternizada.

O Concurso Prosa e Verso
Bienalmente é lançado
Tem bela participação
Por ser bem-organizado
A culminância acontece
Com prêmios recompensados.

Neste Ano Jubilar
A confraria enaltece
São trinta e nove cadeiras
Que muito lhe engrandecem
Cada um em sua área
Bom trabalho oferece.
Portanto, essa excelência
Permanecerá mantida
Pois cada sócio cultiva
Perpetuando sua vida
Com o carinho de todos
Jamais será esquecida.



Jorge Luiz Soares Melo

Médico, professor universitário e escritor. Presidente da Academia Maceioense de Letras. Membro Efetivo das Academias: Alagoana de Letras, Maceioense de Letras, Alagoana de Medicina, Alagoana de Cultura, SOBRAMES-AL. Sócio Honorário da APALCA e do Rotary Club Maceió/Pajuçara. Autor de oito livros publicados.

Os 25 Anos da Academia Palmeirense de Letras

Caros leitores, neste breve artigo, vou me deter um pouco sobre a grande comemoração que aconteceu na cidade de Palmeira dos Índios, o Jubileu de Prata da Academia Palmeirense de Letras, fundada com o propósito de valorizar as Letras e a Cultura daquela cidade, que é a princesa do sertão de Alagoas.

Como sócio honorário desse sodalício, tive a oportunidade de falar naquela bela solenidade. Celebramos os 25 anos de uma entidade que orgulha nossa terra, a atuante e vibrante Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes. São vinte e cinco anos de história, resistência e cultura. Nesta caminhada, muitos intelectuais contribuíram com sua luz. Cito alguns deles: Graciliano Ramos, José Maria de Medeiros, João Neto, Orlando Duarte, Benedito de Andrade, José Laurentino, João Paulo Cavalcante, Maria José Cardoso Ferro, Raimundo Nonato, Fernando Iório Rodrigues, João Bosco Torres, Ivan Barros, Jorge Tenório e José Uedison Nomeriano.

Mas desejo aqui registrar a atuação, há exatos 20 anos, dessa guerreira que ama a arte literária, a presidente desse sodalício, brilhante escritora Isvânia Marques da Silva. Uma mulher de coragem, inteligência e generosidade, que conduz esta Casa do Saber como verdadeiro baluarte da Cultura; uma das guardiãs da memória literária de Palmeira dos Índios, incentivadora de escritores, poetas, artistas e pesquisadores. Sob sua presidência, a Academia conquistou

definitivamente sua sede própria, esse sodalício que se renova e se fortalece. Isvânia Marques representa a força feminina que transforma o mundo, porque ela organiza, cuida, estuda e lidera com amor. Sua competência é um exemplo para todos nós. Sua dedicação incansável honra o legado dos Patronos daquela casa.

É grande meu orgulho de ser Sócio Honorário desta entidade literária e cultural. E fiquei honrado, como Presidente da Majestosa Academia Maceioense de Letras, ser homenageado, ao lado do Presidente da altiva Academia Penedense de Letras, Moézio de Vasconcellos Costa Santos, além da presidente do atuante Grupo Literário Alagoano, Lenita Amorim.

A Academia Palmeirense de Letras é um farol cultural em nossa região e em todo o estado de Alagoas. Que ela prossiga iluminando gerações futuras, inspirando jovens escritores e leitores. Que a querida Isvânia Marques continue com essa visão firme, guiando esse barco literário pelos mares do saber. Barco este que valoriza as Letras, as Artes e o pensamento científico, que a tornou referência regional. A cada acadêmico dessa agremiação, minha reverência. A cada palavra escrita nos anais desta casa, minha eterna gratidão. Parabéns à Academia Palmeirense de Letras, por seus 25 anos de existência fecunda!

Vida Longa à nossa Casa das Letras!
Que venha o Jubileu de Ouro dessa entidade que orgulha o
Estado de Alagoas!



Paulo Bezerra Nunes

Natural de Palmeira dos Índios, é médico veterinário, (UFRPE) e advogado (CESMAC), além de especialista em conservação de alimentos (UFPB). Foi Professor Adjunto da UFAL e Titular do CESMAC. Presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária de Alagoas e seu Conselheiro Federal. Sócio da Academia de Medicina Veterinária de Alagoas (fundador e 1º Presidente). Sócio efetivo da APALCA, ocupando Cadeira Nº 23, cuja Patrona é Rosa Eulália Pimentel. Comendador e titular da “Comenda do Mérito dos Profissionais da Medicina Veterinária Paulo Bezerra Nunes” (2025).

Exaltação à APALCA

A Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes é um farol de excelência e inovação, celebrando a riqueza cultural e intelectual de nossa comunidade. É o espaço onde ideias são lapidadas, teorias são construídas e soluções são encontradas. Nela, cultivam-se a crítica, a criatividade e a colaboração, impulsionando o avanço de seus projetos e os estudos que moldam o futuro progressista de seus membros.

Com sua dedicação à promoção das Letras, Ciências e Artes, essa instituição inspira e capacita indivíduos a alcançar seu potencial máximo, inserido em suas verdadeiras aptidões literárias e culturais, tornando-se orgulho para nossa Pátria, além de modelo de como a educação e a cultura podem transformar a vida de pessoas (por mais simples que sejam).

Por meio do fomento à leitura e à escrita, dentro de um contexto que envolve as promoções dos concursos literários “Prosa e Verso”, abrangendo uma gama de leitores inscritos neste Estado e em suas adjacências, numa aliança fortalecida entre professores e alunos, universitários e leitores dos mais variados níveis.

É dessa forma, incentivando e promovendo, que se escreve a história dessa briosa instituição dedicada e comprometida com os anseios mais nobres.

Parabéns à Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes por seu compromisso com a excelência e a criatividade. É um privilégio fazer parte desse universo de aprendizado e transformação.

SEGUNDA PARTE

PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS E

DOCUMENTAIS: TECENDO O

CONHECIMENTO



Norma Alcântara

Graduada em Serviço Social, professora da Universidade Federal de Alagoas (aposentada), PhD em Fundamentos do Serviço Social (Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ), autora de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais (e livro).

Organizadora de diversas coletâneas, membro do Conselho Editorial de periódicos nacionais e internacionais; avaliadora Ad Hoc de artigos para revistas e eventos, membro fundador do Instituto Lukács e sócia efetiva da APALCA, ocupando a Cadeira Nº 12 (2^a Titular), cujo Patrono é Valdemar de Souza Lima.

Irracionalismo: origem e atualidade

Introdução

O procedimento investigativo adotado neste artigo pauta-se pela análise imanente¹ da obra de Georg Lukács intitulada *A Destruição da Razão*² e de outras reflexões suas e de demais autores que tratam sobre o tema, com o objetivo de fornecer um panorama do processo de destruição da razão que vai se desenhandando originalmente na Alemanha imperialista entre os séculos XIX e XX. Como “não há filosofia inocente”, para usar as palavras de Lukács, atentaremos igualmente para a gênese e a função social que esse período de decadência

¹ Trata-se de um procedimento investigativo com vistas a desvendar a estrutura categorial dessa e de outras obras a fim de expor o pensamento de Lukács e de outros autores acerca do irracionalismo. Tal procedimento pauta-se pela necessária subordinação ao que o texto analisado expressa objetivamente, sem deixar que a subjetividade do pesquisador se sobreponha ao objeto analisado, isto é, o texto.

² Obra publicada pela primeira vez em língua portuguesa em 2020, pelo Instituto Lukács, lançada originalmente em alemão em 1954, embora sua gênese remonte aos anos de 1930. Somente no início dos anos de 1950 foi concluída. O contexto histórico dessa produção se põe entre o período pré-guerra e a II Guerra Mundial.

filosófica representou para a Alemanha, com consequências para o restante do mundo.

Lukács considera o irracionalismo um fenômeno internacional do período imperialista, corrente dominante da filosofia reacionária burguesa que conviveu com outras tendências da época. Contudo, como enfatiza: “Embora não exista filosofia reacionária sem certa dose de irracionalismo, o raio de ação da filosofia burguesa reacionária é bem mais amplo do que o da filosofia irracionalista em seu sentido próprio e estrito” (LUKÁCS, G., 2020, p. 9). Não é nossa intenção – nem sequer teríamos conhecimento para tal – apresentar um profundo estudo sobre a temática, mas tão somente traçar algumas linhas acerca da forma clássica de seu surgimento, ocorrido na Alemanha, sua função social e aspectos da presença dessa tendência no mundo moderno.

Iniciaremos por apresentar elementos do irracionalismo como um fenômeno internacional próprio do imperialismo, sua função no contexto da filosofia reacionária, seguida de elementos da história da Alemanha naquele período e, por fim, algumas anotações sobre sua presença na sociedade moderna.

O irracionalismo como fenômeno internacional do imperialismo

A análise do irracionalismo passa não apenas pela História da Filosofia, da arte e da literatura, conforme nos alerta Lukács, mas também – e principalmente – pelo desenvolvimento das forças produtivas enquanto “forças motrizes primárias”, assim como pela luta de classes. Tais fundamentos não podem ser ignorados, sob pena de não revelarmos a essência dos traços fundamentais da filosofia reacionária burguesa que se expressa, entre outras correntes, no irracionalismo de um movimento histórico em sua forma clássica na Alemanha.

O percurso seguido por Lukács tem seu ponto de partida na vida social e retorna a ela mediante uma análise capaz de trazer à tona um conjunto de determinações e relações reproduzidas pelo pensamento, a retratar “o caminho seguido pela Alemanha, no terreno da filosofia, até chegar a Hitler” (LUKÁCS, G., 2020, p. 10). O desembocar no

hitlerismo foi algo necessário se considerarmos que “as lutas de classe concretas produziram tal resultado – naturalmente, não sem a ajuda desse desenvolvimento ideológico” (LUKÁCS, G, 2020, p. 15).

Para atingir tal objetivo, a gênese e a função social são de importância primordial. Como não existe nenhuma visão de mundo “inocente”, torna-se decisiva “a tomada de posição a favor ou contra a razão”¹, como diz Lukács (2020, p. 10), até porque

[...] a razão não é algo que paira acima do desenvolvimento social de modo apartidário e neutro; pelo contrário, ela reflete sempre a racionalidade (ou irracionalidade) concreta de uma dada situação social, de uma dada direção do desenvolvimento histórico e, ao lhe dar clareza conceitual, promove ou retarda esse desenvolvimento. (LUKÁCS, 2020, p. 11).

A razão dialética, conforme Coutinho (2010, p. 30), “afirma a cognoscibilidade da essência contraditória do real”. O irracionalismo, ao contrário, funda-se na “intuição arbitrária” ou num profundo agnosticismo que nega a possibilidade do conhecimento, limitando a racionalidade às suas formas puramente intelectivas – afirma o mesmo autor (2010). A tendência de desenvolvimento ocorre objetivamente com consequências que independem da consciência humana. Afirmar ou rejeitar a racionalidade ou a irracionalidade constitui um fator essencial e decisivo na tomada de posição e na luta de classes na filosofia, de acordo com Lukács (2020).

Conforme esse autor, tornar evidente o caráter reacionário de uma filosofia é igualmente evidenciar a história do irracionalismo moderno, que surgiu e operou em permanente luta contra o materialismo e contra o método dialético. Não podemos esquecer que

¹ Em *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*, obra de Carlos Nelson Coutinho publicada originalmente em 1972 e reeditada pela Expressão Popular em 2010, na qual o autor trata sobre o rompimento da burguesia revolucionária com a conquista da realidade pautada pela razão dialética, inicia-se um período que Marx denomina de decadência ideológica. A tarefa agora se resume “em negar ou em limitar o papel da razão no conhecimento e na práxis dos homens”. (COUTINHO, C. N., 2010, p. 33).

esse debate filosófico é também um reflexo das lutas de classes. Exemplo disso foi a Revolução Francesa, palco dos desdobramentos da última e mais desenvolvida forma da dialética idealista hegeliana com suas consequências sociais.

O primeiro período importante do irracionalismo moderno surge, de maneira correspondente, em oposição ao conceito histórico-dialético idealista de progresso; trata-se do caminho de Schelling a Kierkegaard e que é, ao mesmo tempo, o caminho que vai da reação feudal provocada pela Revolução Francesa à hostilidade burguesa contra o progresso. (LUKÁCS, 2020, p. 12).

A partir das Jornadas de Junho e da Comuna de Paris, tem-se uma nova situação, na qual a concepção de mundo do proletariado parisiense, pautada pelo materialismo histórico e dialético, torna-se o adversário, fato este que determina o desenvolvimento do irracionalismo, sendo Nietzsche seu principal representante. Constatase, a partir de então, um rebaixamento do nível da filosofia, necessário ao irracionalismo. Mas isso não é tudo. Lukács enfatiza que a finalidade da pretensa luta burguesa contra Hitler “muitas vezes era contrarrevolucionária, chegando até mesmo a se converter em apologia do fascismo”. A intenção era justamente “abandonar Hitler e Rosenberg para salvar ideologicamente a ‘essência’ da forma mais reacionária do capitalismo monopolista alemão e, com isso, o futuro de um novo imperialismo alemão agressivo” (LUKÁCS, 2020, p. 13).

Para além da Alemanha, o irracionalismo se desenvolve em países que ocupam posição importante no período imperialista. Lukács destaca como importante determinação do irracionalismo, encampada pela burguesia reacionária, “oferecer ao homem certo *comfort* no terreno da concepção de mundo, a ilusão de uma liberdade completa, a ilusão da independência pessoal, da superioridade moral e intelectual” (LUKÁCS, 2020, p. 25 – grifo do autor).

Notas sobre a história da Alemanha imperialista e o irracionalismo

Uma característica decisiva na história da Alemanha remete ao desenvolvimento tardio do capitalismo com consequências não apenas político-ideológicas, mas sociais. Diferentemente, países ocidentais como Inglaterra e França “conquistaram a sua unidade nacional já sob a monarquia absoluta”. Assim, a unidade nacional foi para aqueles povos “o primeiro resultado das lutas de classe entre a burguesia e o feudalismo” (LUKÁCS, 2020, p. 45). Esses alicerces da revolução democrático-burguesa que permitiram a unidade nacional estavam por conquistar a Alemanha.

Quanto aos elementos mais essenciais da história alemã do século XIX, Lukács assim resume:

Podemos apenas apontar, de modo esquemático, os elementos mais essenciais no interior do desenvolvimento das tendências sociais. Os estratos plebeus da Alemanha não tinham, nesse período, a força para conquistar seus interesses pela via revolucionária. Os progressos econômicos e sociais necessários fizeram-se ou sob a pressão das circunstâncias da política externa, ou como compromisso com as classes dirigentes. (LUKÁS, 2020, p. 53).

A fragilidade dos estratos plebeus bem como a traição da burguesia quanto à revolução tiveram como uma das consequências, na revolução de 1848, “selar a vitória da reação feudal-absolutista” (LUKÁCS, G., 2020, p. 53). Derrota decisiva, nas palavras do autor (2020), para o desenvolvimento estatal e ideológico posterior da Alemanha. Conforme afirma, o ano de 1848 foi chamado pela burguesia alemã de “o ano louco”, contrastando com os períodos reacionários da história alemã apresentados em esplendor e glória.

Inspirado no Lukács de *Realismo e Existencialismo*, obra publicada pela Editora Arcadia, Coutinho (2010) assevera que o momento definitivo do rompimento da burguesia com o progresso ocorreu a partir das revoluções de 1830 e, principalmente, de 1848,

quando, nas palavras de Lukács (s/d, p. 30), “a burguesia perdeu o seu lugar na vanguarda do progresso social”. Desenha-se, a partir de então, “o limiar de um novo período imperialista”. Irracionalismo e hostilidade ao progresso são inseparáveis, diz Lukács (2020, p. 60).

A dissolução da última grande filosofia da sociedade burguesa, o hegelianismo, ocorre justamente em 1848, decomposição que vinha se desenhando desde o período de 1920-1930 e que forneceu as bases para a crítica marxiana da decadência ideológica¹ da burguesia. “Na Alemanha, os partidos burgueses traíram, em favor da monarquia Hohenzollern, os grandes interesses – ligados ao povo – da revolução democrático-burguesa; na França, traíram os interesses da democracia, em favor de Bonaparte” (LUKÁCS, G. 2010, p. 52).

Tal reviravolta político-ideológica teve consequências na ciência da sociedade. As contradições sociais são escamoteadas em favor dos interesses da burguesia ascendente; constrói-se uma pseudo-história impeditiva de se compreender as verdadeiras forças motrizes da sociedade. As questões fundamentais da decadência ideológica são as mesmas do período clássico da ideologia burguesa: responder aos problemas colocados pelo desenvolvimento social do capitalismo.

A diferença reside apenas em que os ideólogos anteriores forneceram uma resposta sincera e científica, mesmo se incompleta e contraditória, ao passo que a decadência foge covardemente da expressão da realidade e mascara a fuga mediante o recurso ao “espírito científico objetivo” ou a ornamentos românticos. Em ambos os casos, é essencialmente acrítica, não vai além da superfície dos fenômenos, permanece no imediatismo e cata ao mesmo tempo migalhas contraditórias de pensamento, unidos pelo laço do ecletismo. (LUKÁCS, 2010, p. 61).

¹ Gianna argumenta que Lukács identifica “no desenvolvimento do pensamento burguês um segundo momento histórico, dado pelo que chamará de *decadência ideológica*”. (GIANNA, Sérgio Daniel, 2022, p. 105).

Nesse mesmo sentido, o autor observa, na economia, uma fuga na análise do processo de produção e de reprodução e uma análise dos fenômenos superficiais da circulação tomados isoladamente. Para Lukács, (2010), Marx já havia analisado esse fato, ressaltando “o caráter estreito e animalesco” da subordinação do ser humano à divisão capitalista do trabalho, cuja expressão podemos encontrar no contraste entre racionalismo e irracionalismo. “O racionalismo é uma direta capitulação, covarde e vergonhosa, diante das necessidades objetivas da sociedade capitalista. O irracionalismo é um protesto contra elas, mas igualmente impotente e vergonhoso, igualmente vazio e pobre de pensamento” (LUKÁCS, 2010, p. 67).

O irracionalismo como concepção de mundo fixa este esvaziamento da alma humana de qualquer conteúdo social, contrapondo-o rígida e exclusivamente ao esvaziamento, igualmente mistificado, do mundo do intelecto. Assim, o irracionalismo não se limita a ser a expressão filosófica da barbárie que cada vez mais intensamente domina a vida sentimental do homem, mas a promove diretamente. (LUKÁCS, 2010, p. 68).

Considerações Finais

Reservamos este espaço restante a algumas anotações sobre as expressões do irracionalismo no período posterior a 1945, quando ocorre um movimento intelectual após à derrota de Hitler. Uma das constatações de Lukács (2020) é que, após a Segunda Guerra Mundial, a liderança da reação imperialista se desloca da Alemanha para os Estados Unidos, de onde provêm as raízes sociais e espirituais das ideologias vigentes. Surgem importantes tendências, que não são passíveis de se expor nessas poucas linhas.

Queremos tão somente “pôr em manifesto a mudança geral de orientação da ideologia após a derrocada de Hitler”. Do que se trata? Se, por um lado, “a ideologia hitlerista esteve sempre atrelada a um irracionalismo aberto” com consequências tais que “as contradições do capitalismo, tidas como insolúveis mediante o emprego de meios

normais, abriram caminho para um salto num mito radicalmente irracionalista”, por outro, a defesa atual do capitalismo parece renunciar ao mito e ao irracionalismo, mas só aparentemente, “pois o conteúdo dessas construções conceituais é a pura falta de conceito, a construção de conexões aparentes, reveladas imediatamente (livres de conceitos) pela imediaticidade da superfície da realidade econômica” (LUKÁCS, 2020, p. 673).

A conclusão a que ele chega é que estamos diante de uma nova forma de irracionalismo com uma aparência de racionalidade. Portanto, as tendências irracionalistas próprias da economia vulgar reveladas por Marx continuam presentes nos dias de hoje, e de modo muito mais agudo, porque incorporam uma nova qualidade em que “o irracionalismo implícito da antiga economia vulgar se converte agora num irracionalismo explícito” (LUKÁCS, 2020, p. 674).

Referências

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**, 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GIANNA, Sérgio Daniel. **Decadência ideológica do pensamento burguês: a crítica ontológica de Lukács ao agnosticismo e ao irracionalismo**, Marília: Lutas Anticapital, 2022.

LUKÁCS, Georg. **Realismo e existencialismo**, trad. de Egípto Gonçalves, Lisboa: Arcadia, s/d.

_____. *Marx e o problema da decadência ideológica*. In: **Marxismo e teoria da literatura**; Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho, 2. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **A destruição da razão**, trad. de Bernard Herman Hess, Rainer Patriota, Ronaldo Vielmi Fortes; revisão de Ester Vaisman, Ronaldo Vielmi Fortes, São Paulo: Instituto Lukács, 2020.



Maria Adriana Torres

Assistente Social, bacharela em Direito. PhD em Direitos Sociais pela Universidade de Salamanca - Espanha. Professora da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Escritora de livros e revistas com publicações nacionais e internacionais que versam sobre os direitos humanos, as políticas sociais e as populações vulneráveis. Sócia efetiva da APALCA. Cadeira Nº 10. Patrona: Maria Lúcia Duarte.

**Uma mulher à frente do seu tempo: o legado da palmeirense
Maria Lúcia**

Introdução

Este texto se debruça sobre a vida e o legado deixado por Maria Lúcia, natural de Palmeira dos Índios/Alagoas, primeira mulher alagoana a escrever sobre a mulher em almanaque do século XIX, no Brasil, num contexto histórico marcado pela forte presença das relações patriarcais que subjugavam a mulher ao ambiente doméstico. Desse modo, pensar o feminino para além da polidez e do puritanismo hegemonicamente predominante à época, revela a coragem e o posicionamento de uma mulher à frente do seu tempo, como visionária e protagonista de uma atuação que marcou o cenário nacional, influenciando comportamentos que contribuíram significativamente para demarcar o lugar da mulher na educação formal, nos escritos literários e na imprensa luso-brasileira.

No decorrer dessas linhas, que não têm a pretensão de esgotar a temática, apresentamos um pouco do conhecimento adquirido mediante uma breve pesquisa documental e bibliográfica sobre a vida e as obras dessa mulher, escritora, editora e educadora, como se verá a seguir.

Uma mulher pioneira: Quem é Maria Lúcia?

O século XIX foi marcado por um conjunto de transformações societárias mundiais nas áreas da economia, política, arte e cultura, entre outras. Nesse contexto, o Brasil se liberta da colonização e, tardiamente, do regime escravocrata, com registros na literatura da época que mesclam conservadorismo e idealismo, tônica da escrita literária. Alagoas, região com forte predomínio de influências portuguesas, holandesas, e também indígenas e quilombolas, é marcada pelos registros literários de homens que participavam através de seus escritos poéticos da vida político-republicana. Muitas vezes as mulheres foram subjugadas intelectualmente.

É nesse cenário, predominantemente de escrita literária masculina, que nasce Maria Lúcia, no dia 15 de abril de 1863, no município de Palmeira dos Índios/AL, conhecido como “a Princesa do Sertão”. Sua participação ativa na educação formal impressiona por seu protagonismo incontestável em dar voz ao silenciamento das mulheres na literatura local, regional e nacional. A data de seu falecimento ainda é incerta, ainda que escritores da área de educação apontem o ano de 1917 como possível data.¹

Os dados sobre sua família são ambíguos e requerem uma maior investigação nos documentos da época. Na antologia organizada pela Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes (Apalca), da qual Maria Lúcia é patrona da cadeira nº 10, consta que ela era “filha de tradicional família palmeirense” (SILVA; ALBUQUERQUE, 2023, p. 83). Nessa obra, há pelo menos três vertentes sobre a sua família. A primeira diz que ela “nasceu no povoado de Palmeira de Fora, em 15 de abril de 1863, e era filha de Manoel da Costa Duarte, mais conhecido como Coronel Dezinho, e de dona Cândida Avelino Duarte” (Idem, p. 83). A segunda vertente decorre das pesquisas sobre as famílias palmeirenses realizada por Byron Torres. Este “[...] encontrou dados que apontam ter sido ela a segunda filha do primeiro casamento do ex-

¹ Consultar, para mais informações, Madeira (2018, p. 63).

intendente Luiz Pinto de Andrade com Maria Hortência Duarte Pinto de Andrade” (ibidem). A terceira e última vertente, mais recente, foi publicada por Izabel Brandão, e diz: “Era filha do capitão José Vieira Sampaio e Capitulina Clotildes Alves Vieira” (idem, ibidem).

Percebe-se na pesquisa documental realizada por Santos e Ananias (2020, p. 569) que há uma coerência com a terceira vertente, pois acrescenta que Capitulina Clotilde Alves Vieira e José Vieira Sampaio tiveram pelo menos duas filhas: Maria Lúcia Duarte (1863) e Anna Vieira Sampaio (1879) – primeira mulher alagoana a obter um diploma de nível superior na Faculdade de Direito do Recife, em 1893. Anota Barreto e Santos (2024, p. 6) que “provavelmente, as irmãs foram motivadas pelo ambiente familiar, favorável ao cultivo das letras e a uma ruptura com os moldes de atuação feminina, focados majoritariamente no âmbito doméstico”.

Num contexto fortemente marcado por contradições econômico-sociais, Maria Lúcia sofreu o peso de uma sociedade onde o acesso à educação era um privilégio. “Sua infância foi como a de qualquer criança de sua idade, principalmente vivenciando uma comunidade paupérrima e sem muitas opções. Como seu pai tinha posses, na adolescência foi estudar na capital alagoana, e foi daí que começou a sua nobre carreira literária” (SILVA, ALBUQUERQUE, 2023, p. 83).

Durante o Brasil Império, poucas mulheres, conseguiram galgar espaços no mundo das letras. É o que observa Izabel Brandão (2004, p. 239) em seus escritos sobre mulheres brasileiras, onde reitera que Maria Lúcia, “após terminar com distinção o curso do Liceu de Maceió, tentou matricular-se em uma das faculdades do país, sem sucesso”. Ao que parece, o vínculo de Maria Lúcia com a educação nos espaços públicos oitocentistas tem a ver com seus pais, que eram abolicionistas e defensores do ensino público.

Na seção “Gazetilha”, do jornal *O Caixeiro*, consta que Maria Lúcia prestou exames preparatórios para as disciplinas de português e francês e obteve aprovação com distinção em ambas as matérias. O mesmo jornal confirma que a jovem era filha de José Vieira Sampaio,

um “respeitável e abalisado tabellião publico” e “cavalheiro progressista”, de modo que “a talentosa alagoana deu inconcussas provas de seu devotamento ao estudo e pôz em relevo os seus elevados dotes intellectuaes [...]”² (O CAIXEIRO, 1880, p. 3, nº 19).

Casou-se pela primaria vez com o poeta e seu professor de francês Antônio de Almeida Romariz. Para Madeira (2018, p. 67), “em que pese a morte prematura, aos trintas anos, o nome de Antônio Romariz serviu de apoio a Maria Lúcia quando ela fundou, em 1883, o Atheneu Alagoano, um colégio feminino para jovens maceioenses”. Depois, casou-se, em 1889, com João Francisco Duarte. Os sobrenomes adotados em suas publicações estão relacionados aos seus dois matrimônios: “Maria Lúcia assinava, inicialmente, com o sobrenome do esposo falecido em fevereiro de 1883, Antônio de Almeida Romariz. Em novembro de 1889, ela passou a assinar Maria Lúcia Duarte, em virtude do matrimônio com João Francisco Duarte” (Idem, p. 73).

Contrariando o patriarcalismo de sua época, Maria Lúcia funda o colégio Atheneu Alagoano, em 1883, em Maceió/AL, com o propósito de oferecer educação primária e secundária para as meninas e aproxima-las dos conhecimentos científicos e intelectuais da época. Mesmo vinculado a valores do catolicismo e da moral cristã, o colégio inovou na metodologia do ensino secundário, com vistas a ofertar um ensino intelectual mais aprofundado, que possibilitasse às meninas ingressar nas Faculdades do Império, com direito a matricular-se em cursos superiores, ampliando o leque de possibilidades para além do âmbito doméstico.

Mesmo que o colégio Atheneu fosse uma instituição de ensino frequentada pelas “moças da elite” cujas famílias detinham posses para custear seus estudos, somou à desconstrução do discurso fatalista de dominação feminina num contexto de forte conservadorismo e religiosidade cristã. A elas era facultado o direito à educação superior e

² Todas as citações dos jornais do século XIX, mantêm a originalidade da escrita da época.

a possibilidade de ampliar o horizonte de participação na vida pública, reservada prioritariamente aos homens.

Observa-se que a educação não era universal e consistia num privilégio reservado a poucas mulheres. Outro fato importante é o conhecimento de Maria Lúcia das leis sobre a Instrução Pública para a educação, numa época marcada pelo patriarcalismo. Houve o despertar para a mudança de costumes e a difusão de ideias e da luta pelo direito à educação para mulheres, movimentando os escritos de imprensa, da qual foi redatora.

O *Almanack Litterario Alagoano das Senhoras*: uma produção documental e abolicionista

Observa-se a sistematização de suas ideias incorporadas à Revista Alagoana (*Periódico Scientifico e Litterario*) de 1887. O lançamento dessa revista foi divulgado no jornal *O Orbe*, jornal de maior circulação à época em Maceió/AL: “Seu programma terá por objectivo primordial a educação da mulher, a instrucção popular, industrias, especialmente commercial e agricola, sciencias, letras, artes e modas” (*O Orbe*, 1886, nº 156, p. 1). Era uma mulher das letras, impulsionadora de uma cultura que abria os caminhos para a literatura feminina num contexto de forte predomínio do liberalismo, onde a escrita feminina era restrita às camadas abastadas da sociedade.

O viés literário foi impulsionado por Maria Lúcia quando editou o primeiro *Almanack Litterario Alagoano das Senhoras*, publicado em 1888 com o auxílio da Princesa Imperial Regente. Continha escritos de Alcina Leite, Ana Sampaio, Ignes Sabino Pinto Maia, Maria Jucá, entre outras escritoras da época, trazendo no prólogo os agradecimentos à imprensa alagoana e ao jornal *A província*, de Recife (ROMARIZ, 1888). Efetiva-se “um projeto ambicioso para uma jovem viúva: pôr em circulação um almanaque destinado a publicar e intercambiar as produções literárias de mulheres brasileiras e portuguesas da década de 1880” (ROMARIZ, 1888, p. 63).

A segunda edição do *Almanach Litterario Alagoano das Senhoras*, de 1889 (curto: 1\$000 Réis), ano II, para leitores do país e do estrangeiro, foi um “tributo de reconhecimento e veneração” à Princesa Imperial do Brasil, Isabel, a quem Maria Lúcia chamou de “redentora”, por seu feito: “a extinção do elemento servil”. De modo que a “[...] então Regente do Império salva [...] da escravidão o filho da mulher brasileira escravizada, quebrando o prolongamento do martyrio de um século de extensão” como um “ato de patriotismo e amor”, com a promulgação da Lei de 13 de Maio, que elevou o Brasil ao nível das nações civilizadas (DUARTE, 1889, p. 3).

Esse *Almanach*, produzido e editado por Maria Lúcia, contou com a colaboração de seus amigos e amigas, de pessoas a quem chamou de “os amigos das letras” da sua província e de fora dela, que se juntaram para confeccionar esse livro em comemoração à Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, que, segundo a autora, elevou o Brasil ao nível das nações civilizadas, quando declarou extinta a escravidão. O referido *Almanach* era constituído por publicidade de estabelecimentos que recebiam dos principais centros manufatureiros da Europa (Paris, Londres, Manchester e Hamburgo) tecidos finos, calçados, chapéus e perfumes. Dirigia-se às senhoras do chamado *high-life*, com produtos considerados luxuosos e elegantes, adequados ao “fino gosto”, um *boudoir* para valorizar a beleza e feminilidade da mulher da época (DUARTE, 1889, p. 83).

Um conjunto de contos, poemas, sonetos e logografos trazia para a obra um sentimento de tristeza, angústia, felicidade e pertencimento ao contexto histórico do século XIX, que se revelava nos dramas da vida cotidiana, de uma sociedade cindida pelas questões familiares, do casamento, do nascimento, dos acontecimentos no âmbito doméstico e público. Na celebração do casamento da proprietária e relatora do *Almanach*, em 29 de novembro de 1888, com o Sr. João Francisco Duarte, Guido Duarte proferiu um discurso, felicitando-os: “Meus senhores – São sempre gratos ao coração humano as solemnidades como esta, em que dous seres jovens e alegres dão-se as mãos para fazerem juntos a romagem da vida” (DUARTE, 1889, p. 58).

O *Almanach*, em suas duas edições, foi a primeira revista brasileira dirigida para as mulheres com produções literárias de mulheres brasileiras e portuguesas da década de 1880. Esses periódicos impulsionaram o projeto intelectual dirigido às mulheres; ambos com sede em Maceió/AL, tiveram circulação nacional, sob o manto do Brasil Império.

Maria Lúcia foi uma protagonista no ensino e na escrita literária porque despertou a cultura literária para as mulheres, uma vez que a proposta era ensinar disciplinas, como português, francês, geografia e aritmética, entre outras, diferenciando-se da proposta pedagógica dos colégios da época, eminentemente delimitadora do lugar da mulher destinada a prendas domésticas, ao ensino religioso e moral, e somente ao aprendizado das primeiras letras. Esse protagonismo ocupou as páginas de importantes jornais do Brasil Império. “Em 12 de maio de 1896, o *Gutenberg* veiculou algumas notas sobre Maria Lucia na Câmara dos Deputados do Estado de Alagoas” (MADEIRA, 2018, p. 75).

Os jornais da época que continham debates políticos, econômicos e culturais escreveram sobre Maria Lúcia, a exemplo de *O Caixeiro* (1880), de Sergipe, e *O Orbe* (1883), de Alagoas. Também se faz presente no jornal *A Família* (SP), que tinha o objetivo primordial de tratar sobre a educação para as mulheres e constituía um espaço importante para as mulheres das letras exporem seu pensamento e requerer direitos como educação, espaço de trabalho e o direito ao voto (sufrágio universal). Esse periódico foi editado em 1888 por Josephina Álvares de Azevedo, uma jornalista paraibana que residiu em São Paulo e publicou textos sobre a mulher moderna e a emancipação feminina no século XIX (RODRIGUES, 2021).

Todo esse florescer de ideias e a presença ativa de Maria Lúcia, no cenário nacional e internacional, foram encobertos quando “Veio a República e ela caiu no anonimato. Alguns registros foram encontrados sobre suas atividades nesta época em que se promoveu. Apesar deste período difícil, ela encontrou forças para enfrentar o poderio dos

homens. Foi, realmente, uma grande mulher e uma grande palmeirense” (SILVA; ALBUQUERQUE, 2023, p. 84).

Por todo o exposto, Maria Lúcia deu os primeiros passos para tornar visível a participação feminina na intelectualidade no marco das relações do Brasil Império. Teceu os fios visíveis que não poderão ser esquecidos pelo tempo histórico que traz à tona suas contribuições à escola e à imprensa. Os documentos históricos reservam a essa mulher o pioneirismo da edição de jornais que deram voz ao feminino, perpetuado em cada página destinada a esse público que deve a ela um total reconhecimento aos seus escritos revolucionários para a época.

Conclusão

Ao percorrer a trilha documental e bibliográfica sobre Maria Lúcia, chegamos à conclusão de que há muito caminho ainda a ser percorrido, porque os poucos escritos sobre ela são incompletos, e por vezes, controversos no que tange à sua família de origem, à data precisa de sua morte e a suas atuações para além de seus vínculos com a educação, escrita e redação de Almanaque. É notória a contribuição dessa palmeirense, com pensamentos e escritos tão avançadas para o contexto em que a formação culta e refinada de mulheres, a exemplo das jovens alagoanas, integrava o projeto da elite nacional para que suas filhas tivessem o acesso a uma educação em que o ensino de idiomas, entre eles o francês e o latim, fossem contemplados no currículo escolar, e as disciplinas de aritmética e geografia também ministradas, preparando-as de forma diferenciada para ocupar um lugar de prestígio social num país que se encontrava sob a regência das relações dos tempos oitocentistas.

A projeção dessas moças se daria pelos impressos, cujos jornais e almanaque, bem como a escola, serviam para difundir um conhecimento que fosse útil para moldar corpos e mentes. É nesse cenário que Maria Lúcia traz seu pensamento e ação, que se tornaram uma referência obrigatória nas produções jornalísticas do século XIX.

Constata-se ser ela uma mulher à frente do seu tempo, revelando um perfil destemido e abolicionista, a contribuir para uma educacional libertadora. Por isso, nos convoca a revisitar sua história, para que o protagonismo feminino continue a influenciar mais mulheres de classes e etnias distintas, preservando o seu legado. Daí a necessidade de retirá-la da invisibilidade.

Referências

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; SANTOS, Izabela Cristina de Melo. Um poderoso argumento a favor da emancipação que tanta gente julga impossível: o caso da primeira alagoana bacharela em Direito, Anna Alves Vieira Sampaio. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 23, p. 1-15, 2024. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/che/v23/1982-7806-che-23-e2024-47.pdf>.

BRANDÃO, I. F. O. “Maria Lúcia Duarte”. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. 1. ed. Florianópolis: Mulheres. Sta. Cruz do Sul: Edunisc, 2004, v. II, p. 239-46.

DUARTE, Maria Luiza. **Almanaque Literário Alagoano das Senhoras**. Maceió/AL, 1888, ano I.

MARQUES, Isvânia; ALBUQUERQUE, Jorge Tenório (Orgs.). **Estudos biográficos dos patronos e acadêmicos da Apalca**. Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes – APALCA, II. Arapiraca: Eduneal, v. II, 2023.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. Magistério e literatura em periódicos alagoanos da década de 1880: as composições poéticas de Alcina Leite e Maria Lúcia Romariz. In: SILVA, Edgleide de Oliveira Clemente da Silva; SANTOS, Ivanildo Gomes dos Santos; ALBUQUERQUE, Suzana Lopes de (Orgs.). **A história da educação**

em manuscritos, periódicos e compêndios dos séculos XIX e XX.
Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

O CAIXEIRO: periodico noticioso, commercial e litterario. Maceió, AL, ano, n. 19, 1880. 33x24cm. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/o-caixeiro/809586>. Acesso em: 16 jun. 2025.

RODRIGUES, Mariana Silva. Século XIX, a escrita feminina em jornais, suas transformações e perspectivas... Como o conto de maria lúcia indica isso? REVISTA ANÔMALAS, Catalão – GO, v. 1, n. 2, p. 93-109, jul./dez. 2021.

O ORBE, Maceió, 21 de novembro de 1886, nº 156.

ROMARIZ, Maria Lucia. **Almanack Litterario Alagoano das Senhoras.** Maceió: Typ. Novo-Mundo, 1889, ano II.

SANTOS, Ivanildo Gomes dos; ANANIAS, Mauricéia. Província das Alagoas, Brasil: a presença de alunos órfãos, pretos e pardos nas aulas avulsas de ensino secundário (1844-1847). **Cadernos de História da Educação**, v. 19, n. 2, p. 561-574, mai./ago. 2020.



Cosme Rogério Ferreira

Graduado em Filosofia, especialista em História de Alagoas, mestre em Sociologia e doutor em Letras e Linguística. Ator, diretor de cena, escritor e poeta, é professor de Filosofia e Bioética e Biossegurança do Instituto Federal de Alagoas – Ifal/Campus Batalha, animador do Movimento *Laudato Si'*, sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Bioética – SBB, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes – APALCA, Cadeira Nº 39 e sócio acadêmico da Academia Brasileira de Cinema – ABC.

De coração para coração: um breve comentário à encíclica *dilexit nos*, do Papa Francisco

Introdução

De modo surpreendente, durante a Assembleia Sinodal realizada em Roma em outubro de 2024, veio a público a quarta encíclica do Papa Francisco, intitulada *Dilexit nos*, abordando um tema igualmente inesperado: o amor humano e divino do Coração de Jesus Cristo. Ela se juntou, em sequência cronológica neste pontificado, às encíclicas *Lumen fidei* (2013), sobre a fé (coescrita com seu antecessor, Bento XVI); *Laudato si'* (2015), sobre o cuidado da casa comum; e *Fratelli tutti* (2020), sobre a fraternidade e a amizade social.

Uma encíclica é uma carta pública na qual o Bispo de Roma desenvolve a doutrina católica sobre um determinado tema, muitas vezes diante de eventos atuais. O título do documento, originalmente escrito em latim, costuma ser composto pelas suas primeiras palavras. No caso da *Dilexit nos*, os termos iniciais, extraídos da epístola de São Paulo aos Romanos (8, 39), traduzem-se em português como “Amou-nos”.

A escolha desse trecho bíblico para iniciar a nova encíclica, sucedida por outras passagens das Escrituras que sustentam a fé no Cristo e em seu amor pela humanidade, é um lembrete de que o coração aberto de Jesus nos precede e nos espera sem condições ou requisitos pré-estabelecidos. No resumo do padre Tony Neves, missionário da Congregação do Espírito Santo, o objetivo maior da recente encíclica “é que os cristãos olhem para Cristo como o grande ‘cardiologista’ que tem um grande coração, mas que, sobretudo, tem uma grande capacidade de tratar corações”.

No presente texto, tenciono apresentar um panorama geral desse documento pontifício, tecendo comentários sobre seu tema central e seus valores teológico, ético e social, nos quatro pontos seguintes.

A questão do coração filosoficamente recolocada

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, na obra *O coração de Heidegger: sobre o conceito de tonalidade afetiva em Martin Heidegger*, afirma que “O coração guarda o ser ou o acontecimento apropriador ao trabalhar como o guardião da *tonalidade afetiva fundamental*” (HAN, 2023, p. 39, grifo nosso). Por tonalidade afetiva, Han comprehende o fio condutor da possibilidade da vida. Em diálogo com Han, o Papa acrescenta que “o coração torna possível qualquer vínculo autêntico, porque uma relação que não é construída com o coração não pode ultrapassar a fragmentação do individualismo” (DN, § 17).

Apoiada na tradição e na atualidade da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, a *Dilexit nos* aborda, de início, a questão do *coração* – palavra que encontra sua origem etimológica em *kardía*, termo que no grego clássico profano designava a parte mais íntima dos seres humanos, dos animais e das plantas.

De Homero a Platão, o Papa demonstra muito didaticamente como, desde a Antiguidade, se adverte não se considerar o ser humano como uma soma de diferentes capacidades. Sustentado na mensagem bíblica de Hebreus (4, 12), e adentrando a rica herança teológica cristã,

ele descreve a noção do coração como um núcleo “que se esconde por detrás de todas as aparências, e até mesmo de pensamentos superficiais que nos confundem” (*DN*, §3).

Na síntese antropo-teológico-filosófica de Francisco, o ser humano é concebido como “um complexo anímico-corpóreo com um centro unificador que dá a tudo o que a pessoa experimenta um substrato de sentido e orientação” (*DN*, §3). A esse centro chamamos de *coração*.

Fugindo do sentimentalismo que possa estar vinculado a essa ideia, o Papa recorda que o coração teve pouco espaço na antropologia e é estranho ao grande pensamento filosófico: “Preferiram-se outros conceitos, como a razão, a vontade ou a liberdade. O seu significado permanece impreciso e não lhe foi atribuído um lugar específico na vida humana” (*DN*, §10). Tal noção, que “não pode ser explicada plenamente pela biologia, pela psicologia, pela antropologia ou por qualquer outra ciência” (*DN*, §15) –, é, segundo o Romano Pontífice, um atributo fundamental dos seres humanos: “o lugar da sinceridade, onde não se pode enganar ou dissimular. Costuma indicar as verdadeiras intenções, o que se pensa, se acredita e se quer realmente, os ‘segredos’ que não se contam a ninguém, em suma, a verdade nua e crua de cada um. O que não é aparência ou mentira, mas autêntico, real, inteiramente ‘pessoal’” (*DN*, §5).

A noção de coração conduz, portanto, ao ponto mais íntimo de um ser humano: é o lugar “onde cada pessoa, de qualquer classe e condição, faz a própria síntese; onde os seres concretos encontram a fonte e a raiz de todas as suas outras potências, convicções, paixões e escolhas” (*DN*, §9). O coração é o “centro mais íntimo”. Não é o núcleo da alma, mas o núcleo da “pessoa inteira em sua identidade única, que é alma e corpo” (*DN*, §21).

Um mundo sem coração

Uma marca registrada do pontificado de Francisco é a crítica à mentalidade excessivamente racionalista e tecnocrática do mundo em

que vivemos. Na *Laudato si'*, por exemplo, o Papa reconhece e valoriza a melhoria da qualidade de vida do ser humano graças às inovações tecnológicas oriundas do desenvolvimento científico em diversos níveis: “Como não havemos de reconhecer todos os esforços de tantos cientistas e técnicos que elaboraram alternativas para um desenvolvimento sustentável?” (*LS*, §102). Sem ignorar que esse desenvolvimento está disponível apenas “àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder econômico para o desfrutar” (*LS*, §104), o Papa alertou para um problema fundamental e ainda mais profundo, ligado ao paradigma tecnocrático e que se constitui na raiz humana da crise ecológica: o modo como a humanidade assumiu a tecnologia e seu desenvolvimento, ligado a uma concepção do “sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, comprehende e assim se apropria do objeto que se encontra fora” (*LS*, §106).

Na *Dilexit nos*, o Papa retoma a sua crítica a esse paradigma atualizando-o à era da “inteligência artificial” e reitera a necessidade da poesia e do amor para a salvação do humano. Num belíssimo trecho em que expõe sobre o coração como unidade que une os fragmentos, Francisco escreveu o seguinte: “O que nenhum algoritmo conseguirá abarcar é, por exemplo, aquele momento de infância que se recorda com ternura e que continua a acontecer em todos os cantos do planeta, mesmo com o passar dos anos. Penso na utilização do garfo para selar as bordas daquelas empadas caseiras que preparávamos com as nossas mães ou avós. É aquele momento de aprendizagem culinária, a meio caminho entre a brincadeira e a idade adulta, em que assumimos a responsabilidade do trabalho para ajudar o outro. Tal como o exemplo do garfo, poderia citar milhares de pequenos pormenores que sustentam a biografia de cada um: sorrir com uma piada, fazer um desenho em contraluz numa janela, jogar o primeiro jogo de futebol com uma ‘bola de trapos’, cuidar de lagartas numa caixa de sapatos, secar uma flor entre as páginas de um livro, cuidar de um pássaro que caiu do ninho, formular um desejo ao despetalar uma margarida. Todos estes pequenos pormenores, o ordinário-extraordinário, nunca poderão estar entre os algoritmos. Porque o garfo, as piadas, a janela, a bola, a caixa de

sapatos, o livro, o pássaro, a flor... são sustentados pela ternura preservada nas memórias do coração” (*DN*, §20).

Na visão papal, este mundo líquido – usando uma conhecida expressão de Zygmunt Bauman (2001) – perdeu, ou está perdendo, o coração. Mas, apesar de atual, o problema da desvalorização do coração como centro íntimo do ser humano é antigo: “encontramo-la já no racionalismo grego e pré-cristão, no idealismo pós-cristão ou no materialismo nas suas diversas formas” (*DN*, §10).

A desvalorização do coração implica desvalorizar também o significado de “falar a partir do coração, agir com o coração, amadurecer e curar o coração. Quando não se consideram as especificidades do coração, perdemos as respostas que a inteligência por si só não pode dar, perdemos o encontro com os outros, perdemos a poesia. E perdemos a história e as nossas histórias, porque a verdadeira aventura pessoal é aquela que se constrói a partir do coração. No fim da vida – acentua o Papa –, só isto contará” (*DN*, §11).

Ao invés da subordinação da vida a uma razão que despreza o coração, destituída, portanto, de humanidade, o Papa sugere colocar todas as ações sob o “controle político” do coração: “que a agressividade e os desejos obsessivos sejam acalmados no bem maior que o coração lhes oferece e na força que ele tem contra os males; que a inteligência e a vontade sejam também postas ao seu serviço, sentindo e saboreando as verdades em vez de as querer dominar, como algumas ciências tendem a fazer; que a vontade deseje o bem maior que o coração conhece, e que a imaginação e os sentimentos se deixem também moderar pelo bater do coração” (*DN*, §13).

O Coração que tanto ama: um olhar sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus

O cerne da discussão do Papa Francisco em sua quarta encíclica é a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que ele logo define como uma adoração que não é dirigida a um órgão separado de Cristo, mas – conforme o magistério papal concebe o coração –, como uma

adoração à Pessoa de Cristo por inteiro. Essa devoção também se traduz na adoração dirigida não à imagem, mas na atração pelo amor que a imagem de seu Coração representa. A adoração, portanto, se deve ao Cristo Vivo, em sua humanidade e divindade.

A origem da devoção à Pessoa humana e divina de Cristo ligada à imagem do Sagrado Coração de Jesus remonta às experiências místicas de Santa Margarida Maria Alacoque, religiosa da Ordem da Visitação de Santa Maria, instituto religioso de vida consagrada e monástica fundado por São Francisco de Sales e pela freira e baronesa Santa Joana de Chantal.

No entanto, antes de ser uma possibilidade histórica – isto é, uma devoção moderna ligada a uma iconografia do Cristo na qual se destaca o seu Coração, nascida no século XVII como uma “resposta à rigorosidade jansenista” (SÃO JOÃO PAULO II, 1994 *apud* FRANCISCO, 2024, p. 54) e popularizada no mundo nas décadas finais do século XIX, com o pontificado de Leão XIII –, se trata de uma expressão de fé que tem profundas raízes teológicas. Com todo o zelo para não cometer anacronismos e extrapolar os aspectos devocionais propriamente modernos para as formas medievais e bíblicas dessa devoção, Francisco apresenta um rol de argumentos que reforçam teologicamente o culto ao Sagrado Coração desde a Antiguidade.

Baseado na tradição patrística, ele diz que o culto ao Coração de Jesus encontra suas raízes no Evangelho: “Santo Agostinho abriu o caminho para a devoção ao Sagrado Coração como lugar de encontro pessoal com o Senhor. Ou seja, para ele o lado de Cristo não é só fonte de graça e de sacramentos, mas personaliza-o, apresentando-o como símbolo da união íntima com Cristo, como lugar de um encontro amoroso. É aí que reside a origem da sabedoria mais preciosa, que é conhecê-Lo. Com efeito, Agostinho escreve que João, o amado, quando inclinou a sua cabeça sobre o peito de Jesus, durante a última ceia, aproximou-se do lugar secreto da sabedoria” (DN, §103).

Na Idade Média, São Boaventura falava do “simbolismo do lado trespassado do Senhor, entendendo-o explicitamente como revelação e dom do amor do seu Coração” (DN, §104). Guilherme de Saint-Thierry,

por sua vez, “convidava a entrar no Coração de Jesus, que nos alimenta no seu próprio seio” (*DN*, §105). Santa Ângela de Foligno, Santa Gertrudes de Helfta, Santa Lutgarda, Santa Matilde de Hackeborn, Juliana de Norwich, entre outras, são lembradas pelo Papa como santas mulheres que relataram experiências de encontro com a Pessoa de Cristo, “caracterizado pelo repouso no Coração do Senhor, fonte de vida e de paz interior” (*DN*, §110).

Gradualmente, a devoção ao Coração de Jesus transcendeu os mosteiros e influenciou a espiritualidade de santos mestres, pregadores e fundadores de congregações religiosas que a espalharam pelo mundo, de modo que, especialmente pela iniciativa de São João Eudes, se realizou, pela primeira vez com autorização da Igreja, a festa do Coração Adorável de Nossa Senhora Jesus Cristo, na Diocese francesa de Rennes.

Chegando aos tempos modernos, o Papa retoma a influência salutar de São Francisco de Sales nos acontecimentos de Paray-le-Monial, onde viveu Santa Margarida Alacoque, descrevendo-os como uma nova declaração de amor ao Coração de Jesus, propagada inicialmente por São Cláudio de La Colombière, que, além de divulgador, teve um papel especial na interpretação dessa devoção à luz do Evangelho. No final do século XIX e início do século XX, “São Charles de Foucauld e Santa Teresa do Menino Jesus, sem o pretenderm, reformularam certos elementos da devoção ao Coração de Cristo, ajudando-nos a compreendê-la de uma forma ainda mais fiel ao Evangelho” (*DN*, §129).

Como jesuíta, Francisco dedica alguns parágrafos às ressonâncias do culto na Companhia de Jesus, citando as recomendações do fundador de sua congregação em seus Exercícios Espirituais: “Santo Inácio diz que podemos comunicar as nossas coisas ao Senhor e pedir-lhe conselho sobre elas. Qualquer exercitante pode reconhecer que nos Exercícios há um diálogo de coração para coração” (*DN*, §144).

O Papa encerra o capítulo que dedica a essas reflexões com um apelo de respeito às manifestações populares de afeição e apreço à

imagem do Coração Amoroso de Cristo: “Peço, portanto, que ninguém ridicularize as expressões de fervor devoto do santo povo fiel de Deus, que na sua piedade popular procura consolar Cristo. E convido cada um a perguntar-se se não há mais racionalidade, mais verdade e mais sabedoria em certas manifestações desse amor que procura consolar o Senhor do que nos atos de amor frios, distantes, calculados e mínimos de que são capazes aqueles que julgamos possuir uma fé mais reflexiva, cultivada e madura” (*DN*, §160).

A esse apelo segue-se outro: quem se sente consolado por Deus também deve se dispor a consolar o seu irmão: “Nesta contemplação do Coração de Cristo, entregue até o fim, somos consolados. A dor que sentimos no coração dá lugar a uma confiança total e, por fim, resta a gratidão, a ternura, a paz, o seu amor reinante na nossa vida. (...) E a nossa dor une-se à dor de Cristo na cruz, pois quando dizemos que a graça nos permite superar todas as distâncias, isso significa também que Cristo, quando sofria, estava unido a todos os sofrimentos dos seus discípulos ao longo da história. Assim, se sofremos, podemos experimentar a consolação interior de saber que o próprio Cristo sofre conosco. Desejando consolá-lo, saímos consolados” (*DN*, §161).

A necessidade de construir sobre as ruínas

Após as fecundas reflexões teológicas recolhidas da interpretação das Escrituras, da tradição e do magistério da Igreja e que fundamentam e dão sentido ao culto ao Sagrado Coração de Jesus, fonte inesgotável de amor e de misericórdia, o Papa chega ao final da *Dilexit nos* discorrendo acerca da necessidade da “reparação”, isto é, de reparar as feridas do Coração de Cristo dos pecados contra Ele cometidos, e conclui: “Junto a Cristo, sobre as ruínas que, com o nosso pecado, deixamos neste mundo, somos chamados a construir uma nova civilização do amor. Isto é reparar conforme o que o Coração de Cristo espera de nós. No meio do desastre deixado pelo mal, o Coração de Cristo quis precisar da nossa colaboração para reconstruir a bondade e a beleza” (*DN*, §182).

Corroborando com os conteúdos das encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti*, ele reafirma que beber do amor de Jesus nos torna capazes de tecer laços fraternos e de cuidar juntos da casa comum. Em seu tom profético habitual, Francisco denuncia: “Hoje tudo se compra e se paga, e parece que o próprio sentido da dignidade depende das coisas que se podem obter com o poder do dinheiro. Somos instigados a acumular, a consumir e a distrairmo-nos, aprisionados por um sistema degradante que não nos permite olhar para além das nossas necessidades imediatas e mesquinhias. O amor de Cristo está fora desta engrenagem perversa e só Ele pode libertar-nos desta febre onde já não há lugar para o amor gratuito. Ele é capaz de dar coração a esta terra e reinventar o amor lá onde pensamos que a capacidade de amar esteja morta para sempre” (*DN*, §218).

Nosso amor ao Coração de Cristo, sempre segundo Francisco, possui uma dimensão missionária, pois é um amor que se torna um serviço comunitário. É da irradiação do amor do Coração de Cristo que brota a missão, que “requer missionários apaixonados, que se deixem cativar por Cristo e que inevitavelmente transmitam esse amor que mudou as suas vidas. Por isso, custa-lhes perder tempo a discutir questões secundárias ou a impor verdades e regras, porque a sua principal preocupação é comunicar o que vivem e, sobretudo, que os outros percebam a bondade e a beleza do Amado através dos seus pobres esforços. Não é isto que acontece com qualquer enamorado?” (*DN*, §209).

Enfim, o maior desejo para um missionário da alma, segundo o Papa, “É falar de Cristo, pelo testemunho ou pela palavra, de tal modo que os outros não tenham de fazer um grande esforço para o amar (...). Não há proselitismo nesta dinâmica de amor, as palavras do enamorado não perturbam, não impõem, não forçam, apenas levam os outros a se perguntarem como é possível um tal amor. Com o maior respeito pela liberdade e pela dignidade do outro, o enamorado limita-se a esperar que lhe seja permitido narrar esta amizade que preenche a sua vida” (*DN*, §210). Que a adoração ao Coração de Cristo, manso e humilde, nos conduza a ter um coração semelhante ao Dele.

Dado em Roma, durante o Jubileu dos Artistas, em 18 de fevereiro de 2025.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato si'***: sobre o cuidado da Casa Comum. Roma: Tipografia Vaticana, 2015.

_____. **Carta Encíclica *Dilexit nos***: sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2024.

HAN, Byung-Chul. **O coração de Heidegger**: sobre o conceito de tonalidade afetiva em Martin Heidegger. São Paulo: Vozes, 2023.

SÃO JOÃO PAULO II. Catequese (8 de junho de 1994). **L'Osservatore Romano** (ed. semanal em português), Vaticano, 11 jun. 1994.



Bosco Torres

Sócio efetivo das Academias de Letras ALANE, AML e APALCA. Nesta última, ocupante Titular da Cadeira N° 37, cujo Patrono é José Marques de Melo. Graduado em Administração, pós-graduação em Auditoria, Mestrado em Economia e Doutoramento em Gestão. Exerceu cargos de Gerente Geral e de Auditor Interno no Brasil e em vários países da América do Sul. Ex-Professor em cursos de graduação e pós-graduação.

Inteligência financeira: caminho da prosperidade

Introdução

A Inteligência Financeira (IF) é fundamental para alcançar objetivos financeiros e garantir uma vida financeira saudável. Com planejamento, gestão de orçamento, investimento e gestão de risco, é possível desenvolver inteligência financeira e alcançar a estabilidade e liberdade tão sonhada por todos.

A IF é a capacidade de gerenciar eficazmente as finanças pessoais ou empresariais, tomando decisões informadas e estratégicas para alcançar objetivos financeiros. Como já disse o grande autor e conferencista mundial Robert Kiyosaki, empresário, investidor e autor americano, mais famoso por seu livro de sucesso mundial “Pai Rico, Pai Pobre”: “*A educação financeira é a chave para a liberdade financeira.*”

A Inteligência financeira traz características importantes, quais sejam: estabelecimento de metas financeiras claras e criação de um plano para alcançá-las; controle das despesas e criação de um orçamento realista; conhecimento de opções de investimento e escolha daquelas que se alinham com os objetivos financeiros; identificação e gerenciamento de riscos financeiros, como dívidas e perdas; e continuidade do aprendizado sobre finanças.

A inteligência financeira traz os seguintes benefícios: reduz a ansiedade e o estresse relacionados às finanças; alcance de objetivos financeiros e mais controle sobre as finanças; proteção do futuro financeiro e garantia de uma aposentadoria confortável; e identificação de oportunidades de investimento e aproveitamento delas para aumentar a riqueza.

Vejamos algumas dicas importantes para desenvolver inteligência financeira: leia livros, artigos e blogs sobre finanças; registre as despesas e crie um orçamento realista; faça cursos ou workshops sobre finanças; reduza as dívidas e evite novas dívidas; a inteligência financeira é um processo contínuo e requer paciência e disciplina.

Importante lembrar do que falou Warren Buffett, um dos maiores investidores financeiros do mundo, autor e palestrante internacional: “*A educação financeira é fundamental para tomar decisões informadas sobre seu dinheiro.*” Neste artigo, vamos destacar quatro pontos importantes e imprescindíveis para a formação de uma boa inteligência financeira, quais sejam: 1º. Mudança de mentalidade; 2º. Inteligência para poupar; 3º. Formação de novas fontes de renda; e 4º. Criação de renda passiva.

Mudança de mentalidade

Jim Rohn, autor e palestrante mundial, empresário e motivador americano, dizia que “*A riqueza é uma atitude mental.*” Mudar a mentalidade é um passo fundamental para adquirir inteligência financeira. Veja-se dicas para mudar a mentalidade e desenvolver uma abordagem saudável em relação às finanças.

É necessário mudar a mentalidade de "gasto" para "investimento", ou seja, ver as despesas como investimentos em sua vida e futuro, em vez de apenas gastos. Gasto é toda despesa que gera renda, no presente ou no futuro. Também deve-se priorizar objetivos financeiros de longo prazo, como poupança e investimentos, em vez de apenas se concentrar em ganhos imediatos. É preciso mudar a

mentalidade de falta para abundância, acreditando que há recursos suficientes para alcançar seus objetivos financeiros, bem como desenvolver confiança em sua capacidade de gerenciar finanças e tomar decisões financeiras informadas. Importante frisar que se deve buscar o conhecimento e educação financeira para tomar decisões informadas.

T. Harv Eker, empresário, autor e motivador canadense-americano, costumava dizer que “*A mentalidade é o primeiro passo para a mudança.*” A mudança de mentalidade traz os seguintes benefícios: maior controle financeiro, pois com uma mentalidade mais saudável, se terá mais controle sobre suas finanças; melhor tomada de decisões, pois com uma abordagem mais informada, teremos decisões financeiras mais acertadas; redução do estresse, já que a mudança de mentalidade pode reduzir o estresse e a ansiedade relacionados às finanças; e por último, o aumento da confiança, pois desenvolve a confiança em sua capacidade de gerenciar finanças, o que pode aumentar sua autoestima.

Lembrando que o grande Napoleon Hill, escritor e motivador americano, autor de “*Pense e Enriqueça*” (*Think and Grow Rich*), dizia que “*a prosperidade começa na mente.*” Por isso, veja-se algumas dicas para mudar a mentalidade financeira: reconheça as crenças que o limitam em relação às finanças; acredite que é possível aprender e melhorar suas habilidades financeiras; estabeleça objetivos financeiros claros e crie um plano para alcançá-los; encontre pessoas que compartilhem sua visão financeira e possam apoiá-lo; a mudança de mentalidade é um processo contínuo e requer paciência e disciplina.

Em resumo, mudar a mentalidade é fundamental para adquirir inteligência financeira. Com uma abordagem mais saudável e informada, você pode desenvolver habilidades financeiras mais eficazes e alcançar seus objetivos.

Inteligência para poupar

Existem diversas formas de poupar dinheiro, dependendo das necessidades e objetivos individuais. Aqui estão algumas opções:

depositar dinheiro em opções de investimentos que rendam juros ou dividendos periodicamente, preferencialmente mensalmente, constituindo uma renda-passiva; sempre, pelo menos uma vez por mês, investir em ações, títulos, fundos de investimento ou outros ativos financeiros parte de seus ganhos mensais (recomenda-se no mínimo 10% do salário ou de outras fontes de renda); contribuir para um plano de aposentadoria privado, já que o público é incerto e improvável, dadas as condições de má administração da previdência social pública, que o torna crescentemente deficitário; criar um fundo de emergência, ou fundo de reserva, para cobrir despesas inesperadas; configurar, de sua conta corrente bancária, transferências automáticas para uma conta de poupança ou de investimento, de forma a auferir renda passiva crescente mês a mês; eliminar despesas desnecessárias e alocar o dinheiro economizado em investimentos rentáveis, como a compra de ações de boas empresas ou de fundos de investimento imobiliários, os quais pagam mensalmente dividendos; e, por fim, buscar oportunidades de aumento de renda para poupar mais e investir mais.

As vantagens de poupar dinheiro podem ser assim declaradas: pode proporcionar segurança financeira e reduzir o estresse; proporcionar liberdade financeira para alcançar objetivos e realizar sonhos; permitir investir em oportunidades e aumentar a riqueza; e garantir um futuro financeiro seguro.

Podemos sugerir algumas dicas para poupar dinheiro: estabeleça metas financeiras claras e crie um plano para alcançá-las; poupar dinheiro regularmente pode ajudar a desenvolver um hábito saudável; reduza dívidas para liberar recursos para poupança e investimentos; encontre pessoas que compartilhem sua visão financeira e que possam apoiá-lo.

Em resumo, existem diversas formas de poupar dinheiro, e a escolha da melhor opção depende das necessidades e objetivos individuais. Com disciplina e consistência, poupa-se dinheiro e se alcança a segurança e a prosperidade.

Formação de novas fontes de renda

A formação de novas fontes de renda é uma estratégia importante para aumentar a segurança financeira e garantir a sobrevivência em um mundo cada vez mais incerto. A diversificação de fontes de renda pode ajudar a reduzir a dependência de uma única fonte de renda e aumentar a estabilidade financeira.

São benefícios da diversificação de fontes de renda: pode reduzir o risco de perda de renda em caso de problemas em uma das fontes; ter múltiplas fontes de renda pode aumentar a segurança financeira e reduzir a ansiedade; pode abrir oportunidades de crescimento e aumento de renda; e pode proporcionar flexibilidade para mudar de carreira ou perseguir novos objetivos.

Existem várias formas de diversificar as fontes de renda. Vejamos algumas delas: trabalho *freelance*: oferecer serviços freelancer em áreas como escrita, *design*, programação etc.; empreendedorismo: criar um negócio próprio, seja *online* ou *offline*; investimentos: investir em ações, títulos, imóveis ou outros ativos financeiros; trabalho remoto: buscar oportunidades de trabalho remoto ou flexível; habilidades adicionais: e desenvolver habilidades adicionais, como ensino de idiomas ou habilidades artísticas.

Algumas dicas para diversificar fontes de renda: identifique suas habilidades e interesses para encontrar oportunidades de diversificação; pesquise oportunidades de diversificação e avalie o potencial de cada uma; comece com pequenas iniciativas e aumente gradualmente; seja paciente, pois diversificar fontes de renda pode levar tempo e esforço; e aprenda com erros e ajuste, sempre que necessário, sua estratégia de diversificação.

Em resumo, a diversificação de fontes de renda é uma estratégia importante para aumentar a segurança financeira e garantir a sobrevivência. Com planejamento, pesquisa e paciência, é possível diversificar fontes de renda e alcançar maior estabilidade financeira.

Criação de renda passiva

Investir continuamente é uma estratégia importante para criar uma boa renda passiva. A renda passiva é o dinheiro que você ganha sem trabalhar ativamente por ele, e é uma fonte sólida de segurança financeira e liberdade.

Veja-se alguns benefícios de investir continuamente para auferir renda passiva: pode gerar uma renda passiva significativa ao longo do tempo; investir regularmente pode ajudar a aumentar o seu patrimônio líquido; a renda passiva pode proporcionar segurança financeira e reduzir a ansiedade; pode permitir que você tenha mais liberdade para perseguir seus objetivos e sonhos.

Há várias formas de investir para criar renda passiva. Vejamos algumas: investir em ações de empresas que pagam dividendos regularmente; investir em títulos de dívida pública ou corporativos que geram juros; investir em imóveis para alugar ou vender; investir em fundos de investimento, inclusive o imobiliário, o qual geram renda passiva geralmente mensalmente; e criar um negócio que gere renda passiva, como um site ou um produto digital.

Dicas para investir continuamente: estabeleça metas claras para seus investimentos de renda passiva; comece a investir o mais cedo possível para aproveitar o poder do tempo; seja consistente e invista regularmente para criar um的习惯o saudável; diversifique seus investimentos para reduzir o risco; e aprenda com erros e ajuste sua estratégia de investimento.

Não se deve esquecer da importância da disciplina, pois ela é fundamental para investir continuamente e criar uma boa renda passiva; ter paciência também é importante, pois a criação de renda passiva pode levar bastante tempo (muitos anos); edique-se sobre investimentos e renda passiva para tomar decisões.

Em resumo, investir continuamente é uma estratégia importante para criar uma boa renda passiva. Com disciplina, paciência e educação é possível criar uma fonte de segurança financeira e liberdade.

Considerações finais

Países que investem na educação financeira da população, incluindo desde a idade escolar, são aqueles que priorizam o desenvolvimento de habilidades financeiras nos currículos escolares e promovem a inclusão financeira. Alguns exemplos são os países nórdicos, como a Finlândia, conhecida por seu sistema educacional de alta qualidade e que inclui a educação financeira em seu currículo escolar; Noruega também prioriza a educação financeira para crianças e jovens; Dinamarca, que investe em programas de educação financeira para promover a alfabetização financeira; Suécia, que inclui educação financeira em seu currículo escolar para desenvolver habilidades financeiras nos jovens. Outros países, como Israel, que investe em educação financeira para promover a inclusão financeira e o desenvolvimento econômico; Canadá, que inclui educação financeira em seu currículo escolar para desenvolver habilidades financeiras nos jovens; América Latina e Caribe, onde alguns países da região implementaram ou estão implementando estratégias nacionais de inclusão ou educação financeira, incluindo o desenvolvimento de programas de educação financeira para grupos específicos da população e o uso de mídia tradicional para divulgação e alcance de todos os segmentos da população.

Esses países, dentre outros, reconhecem a importância da educação financeira para o desenvolvimento econômico e social, e estão trabalhando para promover a alfabetização financeira em suas populações. Jean Chatzky já dizia: “*A educação financeira pode mudar a vida das pessoas.*”

Referências

CLASSON, George S. **O homem mais rico da Babilônia.** Ed. Fundamento, 2008.

PROCTOR, Bob. **O código da prosperidade.** Ed. Best Seller, 2008.

KIYOSAKI, Robert. **Pai rico, pai pobre.** Ed. Campus, 2000.

WATTLES, Wallace D. **A arte de ficar rico.** Ed. Fundamento, 2010.



Isabelle da Silva Mendes

Nascida em Palmeira dos Índios, é servidora pública do Tribunal de Justiça de Alagoas. Sócia Efetiva da Academia Palmeirense de Letras, ocupante da Cadeira Titular N° 31, cujo Patrono é Álvaro Correia Paes. Escritora, palestrante e criadora de projetos tecnológicos de alcance social.

A Senhora Futuro: vulgo, ansiedade

No quarto escuro, senti meu peito queimar.

A respiração, inesperadamente, tornou-se ofegante, acelerada, sem ritmo.

Chorei. Compulsivamente.

Enquanto meu corpo desabava, minha mente estava a mil.

O passado, sorrateiro, sondava-me.

O presente dava-me medo.

E o futuro, distante, deixava-me em pânico.

O tempo passou.

Mas ainda não me acostumei com essa visita,

Que chega do nada,

Sem ao menos avisar antes.

Só invade o meu peito e leva-me ao extremo de mim.

Avassaladora, ela chega para mostrar que eu não tenho o controle.

Coloca-me contra a parede e faz com que eu desague, desmanche-me por completo.

Para então retomar minha quietude.

E valorizar a paz de antes.

É a partida dessa visita que faz com que meu coração queira paz.

Leva-me de encontro ao vento.

E faz com que eu queira que o tempo passe um pouco mais devagar.

Porque se ele corre, meu peito também dispara.

A visão de futuro parece gritar.
E esse grito desperta
De seu sono profundo
Uma senhora inquieta
Cujo nome não se sabe ao certo
Chamam-na de passado, de futuro, de agora
Dão a ela nomes próprios, cor de cabelo e de olhos
Há fotos, sons e cheiros que a levantam.

Quando a minha chega, normalmente, é porque a chamei de memória
Ou de Medeiros
Mas aqui prefiro chamá-la como minha terapeuta a chama:
A senhora do futuro
Vulgo, ansiedade.

A ansiedade é um estado emocional natural e universal que acompanha a experiência humana, caracterizada por sentimentos de apreensão, tensão e preocupação diante de situações percebidas como desafiadoras ou ameaçadoras. Embora, em sua forma moderada, desempenhe um papel adaptativo ao preparar o indivíduo para lidar com desafios, a ansiedade torna-se problemática quando ocorre de forma desproporcional, intensa e frequente, comprometendo o bem-estar e a funcionalidade do indivíduo. Esse fenômeno é amplamente estudado na psicologia e na psiquiatria, sendo descrito por especialistas como Aaron Beck, Viktor Frankl e Augusto Cury, que fornecem diferentes perspectivas sobre sua origem, impacto e tratamento.

A ansiedade distingue-se do medo, pois enquanto este se refere a uma reação imediata a uma ameaça concreta, a ansiedade envolve a antecipação de perigos futuros, muitas vezes incertos ou irreais. Segundo Aaron Beck, a ansiedade é impulsionada por padrões de pensamento distorcidos que levam o indivíduo a superestimar os riscos e subestimar sua capacidade de enfrentamento. Essa perspectiva

cognitiva ajuda a compreender por que muitas vezes a ansiedade é desproporcional às circunstâncias objetivas.

As causas da ansiedade são multifatoriais e abrangem aspectos biológicos, psicológicos, ambientais e comportamentais. Do ponto de vista biológico, estudos apontam para disfunções em neurotransmissores como serotonina e dopamina, que desempenham papéis cruciais na regulação do humor e na resposta ao estresse. Além disso, a hiperatividade do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, que controla a liberação de cortisol, contribui para a perpetuação de um estado de alerta constante. A predisposição genética também é relevante, com estudos sugerindo que indivíduos com histórico familiar de transtornos de ansiedade têm maior probabilidade de desenvolver a condição.

No campo psicológico, experiências traumáticas ou adversas, especialmente na infância, são fatores de risco significativos. Perdas, negligência ou abuso podem deixar marcas profundas, predispondo o indivíduo a reações ansiosas. Traços de personalidade, como perfeccionismo e hipersensibilidade ao estresse, também desempenham um papel. Viktor Frankl, em sua abordagem existencial, argumenta que a ansiedade pode surgir da falta de sentido ou propósito na vida, refletindo um vazio existencial que amplifica o desconforto emocional. Já fatores ambientais, como pressões sociais, instabilidade econômica e o impacto das redes sociais, intensificam a vulnerabilidade. A constante exposição a estímulos digitais e a comparação com padrões idealizados têm exacerbado os índices de ansiedade, especialmente entre jovens.

Além disso, escolhas de estilo de vida, como privação de sono, alimentação inadequada e uso abusivo de substâncias, como cafeína, álcool e drogas, contribuem para o agravamento da ansiedade. Essas práticas não apenas afetam o equilíbrio fisiológico, mas também dificultam a capacidade do indivíduo de lidar com os desafios do dia a dia, criando um ciclo vicioso.

A ansiedade manifesta-se de forma multidimensional, afetando o corpo, a mente e as relações sociais. Fisicamente, é marcada por sintomas como taquicardia, sudorese, tremores, tensão muscular e

problemas gástricos, que frequentemente levam o indivíduo a temer por sua saúde física, aumentando ainda mais a preocupação. Psicologicamente, a ansiedade se traduz em pensamentos ruminativos, dificuldade de concentração e sensação de alerta constante. No âmbito social, provoca isolamento, dificuldade em manter relacionamentos e comprometimento no desempenho profissional ou acadêmico. Em termos comportamentais, leva à evitação de situações que despertam medo, o que limita gravemente a vida cotidiana.

Quando não tratada, a ansiedade pode ter consequências devastadoras. Ela frequentemente evolui para transtornos como Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), fobias, Transtorno do Pânico e Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC). Além disso, é comum sua coexistência com outros transtornos mentais, especialmente a depressão, criando um ciclo de sofrimento emocional. Também existem implicações físicas de longo prazo, como o aumento do risco de doenças cardiovasculares e distúrbios do sono, decorrentes do estresse crônico. Augusto Cury alerta para o impacto da "era da ansiedade", na qual o excesso de estímulos e a falta de habilidades emocionais têm gerado uma epidemia global de transtornos mentais.

Para enfrentar a ansiedade, é essencial adotar uma abordagem ampla e integrada que combine intervenções psicoterapêuticas, médicas e mudanças no estilo de vida. A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é amplamente reconhecida como uma das formas mais eficazes de tratamento, ajudando o paciente a identificar e modificar padrões de pensamento distorcidos e a desenvolver estratégias práticas para lidar com situações desafiadoras. Outras abordagens psicoterapêuticas, como a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) e a psicoterapia psicodinâmica, também têm demonstrado eficácia em contextos específicos. Nos casos mais graves, o uso de medicamentos, como antidepressivos e ansiolíticos, pode ser necessário, embora deva ser prescrito e acompanhado por um psiquiatra devido aos riscos associados.

Mudanças no estilo de vida também desempenham um papel crucial na redução da ansiedade. Práticas regulares de exercícios físicos

ajudam a liberar endorfinas, promovendo sensação de bem-estar. Técnicas de relaxamento, como meditação *mindfulness* e respiração diafragmática, auxiliam no controle do estresse. Alimentação balanceada, sono adequado e redução do consumo de substâncias estimulantes são pilares importantes para o manejo da ansiedade. Além disso, o apoio social, por meio de grupos de suporte e redes de apoio, ajuda a diminuir o estigma e promove um enfrentamento mais efetivo.

A ansiedade é, portanto, um fenômeno complexo e multifacetado que exige atenção cuidadosa. Compreender suas causas, manifestações e consequências é fundamental para promover intervenções eficazes que resgatem o bem-estar emocional e a funcionalidade do indivíduo. Como destacam especialistas como Beck, Frankl e Cury, enfrentar a ansiedade não significa apenas aliviar sintomas, mas também construir um caminho para uma vida mais equilibrada e significativa, onde o medo não seja mais o guia, mas sim a superação e o autoconhecimento.

Referências

BECK, Aaron T. *Terapia Cognitiva e os Transtornos Emocionais*. 6. ed. Rio de Janeiro: Artmed, 1997.

FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido*. 36. ed. São Paulo: Vozes, 2018.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

FRANKL, Viktor E. *O Sofrimento de uma Vida Sem Sentido*. São Paulo: Vozes, 2017.

CURY, Augusto. *Ansiedade – Como Enfrentar o Mal do Século*. São Paulo: Editora Academia, 2006.



Francisco de Assis de França Júnior

Filho de Palmeira dos Índios-AL, ocupou cargos relevantes nesta cidade como vereador, secretário Municipal do Meio-Ambiente e Procurador Geral. Atualmente, possui títulos de Pós-doutor PPGCCRIM da PUC-RS, Doutor e Mestre em Direito pela Universidade de Coimbra (PT). Professor (graduação e mestrado) no CESMAC (AL), Advogado (OAB/AL 7315). É sócio efetivo da APALCA, ocupando a Cadeira Nº 25 (segundo Titular), cujo patrono é José Guilherme Tobias Granja.



Herófilo Soares Souza Pantaleão Ferro

É alagoano e possui cursos de Formação de Oficiais (1994); de Direitos Humanos (1998); de Aperfeiçoamento de Oficiais (2003); e Superior de Polícia (2011), sendo todos pela Academia de Polícia Militar Senador Arnon de Mello; é Coronel da reserva da Polícia Militar de Alagoas, Advogado e Mestrando em Direito pelo CESMAC/AL.

Pontes de Miranda, o *habeas corpus* e a prisão administrativa de militares por ato de indisciplina

Introdução

Como rapidamente se nota da atual previsão constitucional,¹ uma das vedações para a utilização da ação de *Habeas Corpus* é a privação da liberdade em caso de transgressão militar, cuja previsão de

¹ Art. 142, §2º.

prisão administrativa consta do art. 18 do Decreto 667/1969² e ainda do Estatuto dos Militares (Lei 6.880/1980), não podendo ultrapassar 30 (trinta) dias.

As previsões nesse sentido, portanto, não foram uma novidade da Constituição Federal vigente, de maneira que, como já constavam do ordenamento, atravessando inclusive todo tipo de regime de governo, elas foram comentadas por Pontes de Miranda em sua época.

Em uma de suas obras mais destacadas, em que se debruça sobre todas as características do *Habeas Corpus* no Brasil e fora dele, o autor apresenta sua perspectiva sobre o tema.

Assim, dada a importância da discussão, vez que as previsões se prestam a autorizar uma forma de prisão sem a necessidade de um mandado judicial, e, mais especialmente, sem permitir o uso da ação de *Habeas Corpus* para o controle de sua necessidade/razoabilidade/legalidade, é que se evidencia a importância dessa temática.

A problemática aqui proposta, portanto, está consubstanciada no questionamento sobre a justificativa apresentada por Pontes de Miranda para a existência desse modelo de prisão.

Como hipótese central, tem-se que o autor estava imerso em um conjunto de valores (jurídicos/culturais/sociais) que não o permitiam concluir de maneira diversa, ou seja, concordar com a prisão administrativa e com vedação da utilização do *Habeas Corpus* parecia a opção mais coerente diante do cenário com o qual tradicionalmente dialogava.

Por fim, o método escolhido para essa brevíssima análise, foi o hipotético-dedutivo, com ênfase numa abordagem qualitativa, a partir de uma revisão de literatura focada na perspectiva do autor em seu “História e prática do *Habeas Corpus*”, com a edição de 1961.

² A Lei 13.967/2019, que vedava essa prática, foi invalidada no julgamento da ADI 6595, em 2022, pelo STF.

Pontes de Miranda, o *habeas corpus* e a prisão administrativa de militares por ato de indisciplina

Observe-se que o autor enfocado estabelecia quatro pressupostos para que fosse percebida corretamente uma discussão sobre a transgressão disciplinar de militares: a) hierarquia; b) poder disciplinar; c) ato ligado à função; e d) pena. Segundo sua perspectiva, “desde que há hierarquia, há poder disciplinar, há ato e há pena disciplinar”, no que argumentava, sem qualquer margem para dúvidas, que qualquer modalidade de ingerência da Justiça “na economia moral do encadeamento administrativo seria perturbadora da finalidade mesma das regras jurídicas que estabelece o dever de obediência e do direito de mandar”³.

Pontes, portanto, considerava como inerente ao militarismo esse tipo de providência, tanto é que, na sequência, chega mesmo a afirmar que “com ou sem texto constitucional, onde quer que aqueles pressupostos se apresentem, não há cogitar-se de *habeas corpus*”.

Nesse contexto, ele considerava que “A pena disciplinar escapa a certos princípios rígidos que expõem as outras penas a apreciações judiciárias”, e que qualquer interferência judiciária consistiria em uma ação “atentatória do princípio da separação dos poderes”⁴.

Entretanto, Pontes advertia que, na ausência de qualquer pressuposto, como, p. ex., na demonstração de que não existiria, ali, uma hierarquia, o *habeas corpus* seria autorizado.

A vedação do *habeas corpus*, portanto, está vinculada à presença de todos os pressupostos enumerados acima (“a”; “b”, “c” e “d”), de maneira que, na ausência de qualquer um deles, a ação enfocada pode (e deve) ser manuseada em favor da liberdade de locomoção.

³ MIRANDA, Pontes de. *História e prática do habeas corpus*. 4. ed. Rio de Janeiro: Borsoi, 1961. p. 479.

⁴ *Op. Cit.* p. 480.

Além disso, Pontes argumenta ainda que a lei ou o regulamento militar poderiam estabelecer prazo máximo para esse tipo de prisão, ou poderiam ainda exigir um processo.

O fato é que, embora advogasse esse tipo de providência no contexto militar, sem que se permitisse a possibilidade de utilização do *habeas corpus*, Pontes, especialmente nas obras publicadas em sua fase mais amadurecida, nutria nítida perspectiva democrática.

Tanto é que, no seu “Democracia, liberdade, igualdade”, de 1979, o autor adverte que o “direito do homem” estaria na “enunciação exata e na asseguração”, no que o *habeas corpus* seria, num “mundo em que se quisesse fazer efetiva a liberdade física”, “esse ou outro remédio seria indispensável”, e que tal serviria como barreira contra o despotismo.⁵

Segundo ele, os meios para garantir a liberdade, como o *habeas corpus*, devem ser: “(a) fáceis, (b) rápidos, (c) gratuitos (pelo menos de despesas pequenas), e (d) prosseguíveis independente de custas”⁶, inaplicável, como vimos, na prisão de militar por indisciplina.

Na literatura a respeito, aliás, o argumento mais frequentemente utilizado é o de que essa prisão seria medida essencial para a manutenção da hierarquia e da eficiência das missões institucionais dos militares, devendo sua utilização respeitar, como é óbvio, os princípios legais, assegurando-se, p. ex., o devido processo legal, o contraditório e a ampla defesa.

Fica evidente que, para Pontes, seria como se os militares tivessem que suportar esse tipo de ônus, de não usufruir do *habeas corpus* diante de uma prisão por transgressão disciplinar, por conta de um “bem” maior, mesmo que numa democracia, o que, por óbvio, tem gerado todo tipo de discussão na literatura constitucional e processual penal.⁷

⁵ MIRANDA, Pontes de. *Democracia, Liberdade, Igualdade: os três caminhos*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1979. p. 372.

⁶ *Op. Cit.* p. 373.

⁷ FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de; LEITÃO, Bruno. A prisão administrativa de militares por indisciplina e sua (in)compatibilidade com o regime democrático.

Considerações finais

Como antevisto, não era nossa intenção emitir qualquer juízo de valor sobre o acerto ou não da vedação do uso do *habeas corpus* no caso de prisão por indisciplina militar em um contexto democrático, de modo que, como logo se percebe, o foco da brevíssima análise desenvolvida acima foi a perspectiva apresentada por Pontes de Miranda sobre esse tema.

Pontes, como restou evidente na pesquisa, estava convencido de que a previsão vigente era necessária no contexto militar, e que sua existência não comprometeria valores democráticos, de modo que, esse, sem dúvida, era o “espírito” de seu tempo, que não parecia permitir uma visão mais crítica a respeito de uma análise aprofundada sobre a efetividade (ou não) dessa providência na hierarquia e na disciplina na estrutura militar.

Desse modo, concluímos pela inegável importância da perspectiva ponteana na temática enfocada, devendo-se tê-la em mente na discussão sobre eventuais mudanças jurisprudenciais ou legislativas, observando-se que, como já sedimentado nos tribunais superiores, nenhum direito ou garantia (nem a vida)⁸ se reveste de uma proteção absoluta.

Revista Brasileira de Direito Processual Penal, 8(2), 2022.
<https://doi.org/10.22197/rbdpp.v8i2.702>.

⁸ Constituição Federal: Art. 5º [...] “XLVII - não haverá penas: a) de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, XIX;”

TERCEIRA PARTE

MODALIDADE TEXTUAL EM PROSA



(Crédito da foto: Fernando Rabelo)

Ricardo Ramos Filho

Escritor, professor de Literatura e orientador literário. Graduado em Matemática pela PUC-SP e doutor em Letras pela USP, ministra cursos e oficinas. É presidente da União Brasileira de Escritores (UBE). Faz parte do Conselho Administrativo da SP Leituras, e do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta. Publicou cerca de trinta livros infantis e para adultos. Lançou seu primeiro romance *Toda poeira da calçada* (março de 2025, pela Editora Patuá). É Sócio Honorário da APALCA.

Barber Shop

São Paulo é uma cidade sem referências geográficas. Inexistem morros, mar, coisas capazes de ampararem nossa memória. Outro dia passei pela Alameda Itu. Morei lá quando bem menino. Demoliram a nossa casa, simpático sobradinho geminado. Sumiram com o portão da frente no qual fui fotografado com papai em branco e preto, nós dois no porta-retratos. O velho sorrindo jovem, acocorado por trás de mim, a mão no meu ombro. Sempre vi no gesto carinho, amparo, amor. Eu ali dele, filho. Algumas fotos permitem emoções mutantes. O tempo passa e eu atualizo a forma de enxergar aquele papel antigo e amarelado. Ao ver diferente, cada vez de um jeito, encontro sentimentos variados. Saudade, talvez tristeza, não sei. Há, no entanto, estranha curiosidade. Como terá sido aquela época vivida tão longinquamente? Ter estado lá não basta para saber. Porque o passado se tornou sombra dentro de mim, vestígio apenas. E não há parede erguida para sustentar minha lembrança. A rua mudou, caiu. Aquele céu da minha infância já não pode ser alcançado da janela do meu quarto. Não há mais quarto, cortina, criança. A lua midiática de hoje deixou de ser pequenina, é diversa da que eu avistava deitado na cama por uma fresta deixada

aberta de propósito. Tornou-se grande, quase uma estrela. Virou perigeu. A garoa escondeu-se em meus olhos.

Saio andando por calçadas escuras sem registro em mim. Há mais prédios, menos claridade. Árvores floridas, cachorros, fezes embrulhadas em saquinhos, celulares, gente passando distraída digitando mensagens. Mudas conversas eletrônicas. *What's up?* Atravesso a Rua Augusta que já fez parte dos meus sonhos antes dos shoppings aprisionarem as pessoas. Nela viviam as mocinhas mais bonitas da paróquia. Mas é outra agora, nem parece a mesma via charmosa. Espanta-me o silêncio de suas vitrines. Vou caminhando sem cantar, até por não haver música em meu caminho. Os bondes já não andam sobre os trilhos. Asfalto, asfalto, asfalto.

Ando um pouco mais e paro em frente ao número 1148. Observo a placa do comércio: *Barber Shop*. O mesmo nome. A porta está aberta, vejo lá dentro os dois barbeiros da minha meninice: Manuel e Sebastião. Grisalhos, mais gordos, ainda trabalhando. O segundo era alegre. Recebia o moleque Ricardo com riso largo, acolhedor. Pegava a tábua onde eu me sentava para ficar mais alto e toda vez se espantava com o meu tamanho. Deixava-me feliz ao registrar com alarde meu crescimento. Papai cortava invariavelmente com o Manuel, um português baixinho e calado. Fico ali feito estátua, sem coragem para entrar. Mergulhado em lembranças recupero a atmosfera enfumaçada de então. Todos fumavam. O barbeiro manejava o pente e a tesoura, parava, ia até o cinzeiro, dava uma baforada e voltava ao serviço. Papai e todos os clientes adultos com seus cigarros acesos. E eu prometia a mim mesmo que um dia fumaria também. Naquela época fumava-se sem tanta consequência. Alguém dizia alguma coisa e todos desandavam a rir. E eu ria junto sem entender a piada. Quando a navalha raspava o pescoço, Sebastião me pedia para ficar parado. Eu via o perigo no espelho e obedecia. Algodão gelado, cheiro de álcool gostoso, talco para retirar os cabelinhos incômodos em seu espetar. O velho conversava com o lusitano. Gostava dele. Mais tarde fui entender quem era o tal de Salazar de quem tanto falavam mal. Vejo os dois ali curvados. Manuel e Sebastião. Sociedade e tanto. Certamente mais de

50 anos unindo destinos. E então Sebastião vem em minha direção, o mesmo jeito feliz de quem passou a vida apenas cortando cabelos e fazendo barbas. Quer saber se desejo um corte. Olha fixamente para mim. Percebo em seu olhar um quase reconhecimento. Bobagem. Como poderia? Recuso, estou atrasado para um compromisso, agradeço. Saio dali emocionado. São Paulo, meu amor.



Valdester Cavalcante Pinto

Médico pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), nascido em Palmeira dos Índios-AL. Especialização em Cirurgia Cardiovascular – Hospital do Coração – HCor (SP). Doutor em Biotecnologia – Renorbio – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fundador do Departamento de Cirurgia Cardiovascular Pediátrica e do Instituto de Coração – Incor Criança – Fortaleza - CE. Sócio fundador da *World Society for Pediatric and Congenital Heart Surgery*. Autor dos Livros: *De Nascença; Transplante Cardíaco - Um caminho para a vida; Um é um, dois é dois e um monte é um monte; O patinho feio e a diversidade; Cardiopatia Congênita - Rede de Atenção à Saúde; e Entre fios e nós*. Coeditor das duas edições: Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular Pediátrica. É Sócio Honorário da APALCA.

A tirania do pensamento único e a ilusão da liberdade cognitiva

A verdadeira evolução do pensamento é impossível em uma mente doutrinada, pois todo odo de doutrinação — política, religiosa, social ou cultural — opera precisamente mediante a supressão da capacidade de julgar e interrogar. Esse fenômeno assumiu uma dimensão particularmente perversa na era da alienação midiática, quando pessoas são coagidas a se enquadrar em tribos identitárias, cada uma portadora de verdades dogmáticas. O resultado é a transformação do espaço público, que deveria ser o lugar do diálogo reflexivo, em mero palco de embates entre narrativas fechadas em si mesmas.

Se, porém, essa maneira de doutrinação já seria grave, por si, ela se torna mais insidiosa quando o próprio conhecimento é reduzido a resumos tendenciosos, expressos como verdades absolutas. Sob o véu sedutor da chamada "inteligência artificial", o que se vê é na realidade a emergência de outra modalidade de controle — uma pseudo-erudição

que, sob a máscara da neutralidade técnica, serve a interesses político-econômicos bem definidos. A racionalidade instrumental, elevada à condição de novo dogma, sufoca o pensamento crítico e o faz em nome de suposta eficiência que, não por acaso, beneficia sempre as mesmas pessoas.

Em expressas circunstâncias, a ameaça à liberdade já não vem somente dos regimes autoritários tradicionais, provindo, maiormente, da própria erosão silenciosa da habilidade de pensar. Quando algoritmos passam a determinar, mais do que aquilo que sabemos, o modo como devemos saber, o ponto fundamental deixa de ser se somos livres para escolher, e sim se ainda conseguimos distinguir entre o que nos é imposto e aquilo que verdadeiramente pensamos.

Esta constatação conduz-nos, inevitavelmente, a outro aspecto crucial do problema: a uniformização do pensamento como modalidade sutil, mas eficaz da discriminação. Ao ignorar a pluralidade constitutiva da condição humana — manifesta tanto no conteúdo como no próprio ritmo e no modo de elaborar o pensamento —, o poder dominante impõe uma padronização cognitiva que nada mais é que outra face da doutrinação. O processo mental, que por natureza se alimenta de intersecções caóticas de ideias aparentemente desconexas, é agora submetido a uma lógica química e farmacológica de controle, como se houvesse uma cadênciia "correta" para pensar.

A exigência de linearidade — uma ideia de cada vez, em velocidade padronizada, cada conceito em seu compartimento estanque —, revela-se, com efeito, igual à antítese mesma do pensamento criativo, que sempre nasceu precisamente dos desvios, interferências inesperadas e dos improváveis. Mais grave ainda é ver como esse modelo é imposto desde a infância, negando às novas gerações o direito à diferença cognitiva. Ao forçar todas as mentes a seguirem o mesmo molde, o que se produz no fim não é a educação, mas a submissão antecipada — mentes preparadas a fim de não questionar, para aceitar docilmente, todavia, a doutrina vigente.

O resultado de tal fenômeno é a completa domesticação do pensamento. Quando desaparecem as contraposições, no instante em

que todas as vozes passam a ecoar o mesmo ritmo preestabelecido, a dominação atinge seu estádio mais perfeito: aquele em que os dominados acreditam piamente que ainda pensam por si mesmos. Neste ponto, a mais perigosa das tiranias se instaura — aquela que dispensa até mesmo o uso da força, pois conseguiu tornar imperceptíveis os próprios grilhões que nos prendem.



Moézio de Vasconcellos Costa Santos

É advogado. Escritor. Pesquisador. Professor de Ensino Superior (FDA/UFAL). Detentor de 20 (vinte) Comendas pelos relevantes serviços prestados a Alagoas e ao Brasil. É autor de vários livros sobre temas e áreas diferentes. É presidente da Federação das Academias de Letras, Artes, Cultura e Ciências deste Estado.

Resposta a um Agnóstico penedense

Será que a religião é coisa do passado? Estaria ela morrendo, sendo desmascarada pela ciência? Será que, como se costuma dizer, quanto mais culta e inteligente uma pessoa, menos religiosa ela se torna? A estas perguntas só podemos responder negativamente.

No decorrer desta nossa explanação, como resposta contundente a um amigo, lamentavelmente, agnóstico, incrédulo, ateu na verdadeira acepção da palavra, não temos a menor pretensão para dar-lhe lição de vida, mas queremos fazer uma reflexão sobre a religião, partindo do seu aspecto fenomenológico, na intenção de chegar ao seu significado mais profundo para a vida do homem. No intuito de demonstrar que o sentimento religioso não ruiu, mas sobrevive em meio a tanto progresso e desenvolvimento, concluiremos com a pretensão de responder à seguinte pergunta formulada pelo nosso amigo irreverente: “Por que o homem produz religião?”

A religião, um fenômeno tipicamente humano, sempre esteve presente na história da humanidade e, não raramente, influenciou de maneira profunda o seu decurso. Não existe povo isento de religião, mesmo que se afirme ateu, materialista ou desenvolvido demais para suportá-la, como nos parece ser o seu caso. Razão pela qual acreditamos no ateu/cristão ou até mesmo no cristão/ateu, mas não acreditamos, por hipótese nenhuma, no ateu/ateu.

Na busca do entendimento desta manifestação humana ela tem se apresentado de forma misteriosa, o que, muitas vezes, fez com que fosse mal interpretada. Seu caráter enigmático, como nos diz Rubem Alves, encontra sua razão de ser mais fortemente no fato de que o homem, apesar de não entender as origens da religião e muitas vezes destorcer o seu verdadeiro sentido, não consegue se desvencilhar do seu fascínio.

Mas, por que a religião ainda vive?

Podemos dizer que a essência da religião não está nos seus símbolos sagrados, nos objetos, nos ritos, na sua linguagem, até concordarmos com a sua alegação. O sentimento religioso, talvez a maior das expressões da imaginação, tem muito a ver com a vida concreta do homem. Como pano de fundo de todo o seu complexo de símbolos e objetos está uma experiência de vida. As entidades religiosas, como construções da imaginação, são sempre simbolizações de experiências realmente vividas. O homem, por sua vez, não inventou sobre a existência de Deus ou, se o quisermos, sobre a existência do Sagrado, mas o sentiu, viveu e experimentou em sua história. Gostaríamos muito que o nobre amigo entendesse, pelo menos, a veracidade desta nossa alegação.

Desta forma, será impossível a destruição da religião enquanto houver homem sobre a terra, pois ela não está para iludi-lo, para aliená-lo de seus problemas e da realidade, nem foi inventada por poderosos para servir de instrumento de opressão e dominação, como afirmam alguns “abestados” (abobalhados, tolos, inexperientes, ingênuos) da cultura, que vivem arrotando transcendência, esquecendo-se que são seres contingentes, limitados. A religião faz parte do ser humano. A religião faz parte do ser do homem. Ela está para que este se volte para o Absoluto e encontre nele a força que lhe falta ou a coragem necessária para resistir e vencer as dificuldades que a realidade lhe impõe. Diante de um mundo sem alma, onde os irmãos matam os próprios irmãos, ela faz brotar a esperança num mundo de amor, humano. Faz com que a vida mereça ser vivida.

David Émile Durkheim, considerado o pai da Sociologia Moderna, chefe da chamada Escola Sociológica Francesa e criador da Teoria da Coesão Social, observou isto muito bem em seu livro *The elementary forms of the religious life*: “Há algo de eterno na religião que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares com que o pensamento religioso sucessivamente se envolveu.”

A religião acredita na vida e, portanto, suscita no ser religioso a vontade de ver a utopia sentar os pés no chão o quanto antes. Mas, enquanto isto não acontece, ele espera. Tal sentimento revela muito bem que o homem, este ser contingente e finito, como já dissemos, não se contenta somente com a realidade deste mundo, mas precisa de algo maior que plenifique sua existência e valorize sua vida. Assim, é no Sagrado que ele deposita suas maiores expectativas.

Religião, se você quer saber, é a grande utopia que engendra no coração do homem a esperança: a esperança na vida.

Dizia-nos Rubem Alves: “É necessário reconhecer a religião como presença invisível, util, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir.”

Enfim, para concluir a nossa resposta, deixamos para sua reflexão três pensamentos: Edília Coelho Garcia, em seu livro *Educação Moral e Cívica* (1973, p. 76), dizia que a religião “é um sentimento absoluto de nossa dependência a um Ser Superior, transcendente, que nos inspira espontaneamente um sentido de culto.”

Já Romano Rezek, em seu livro *Deus ou Nada* (1975, p. 56), em sua reflexão sobre o ateísmo moderno, alerta-nos que “Até a época moderna, a humanidade era bem religiosa. As religiões lhe ofereceram uma participação quase direta nos mistérios da vida: o homem era organicamente ‘englobado’ no mistério que o ligou com Deus (ou com os deuses).”

E Rubem Azevedo Alves, em seu livro *O que é religião* (1981, p. 11), legou-nos que “A religião não se liquida com a abstinência dos atos sacramentais e a ausência dos lugares sagrados, da mesma forma como o desejo sexual não se elimina com os votos de castidade. E é

quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, os exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores, os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem... E surgem então as perguntas sobre o sentido da vida e o sentido da morte, as perguntas das horas de insônia e diante do espelho...”

Esperamos que o amigo pense e reflita sobre tudo isto.



Marcos Vasconcelos Filho

Integrante das Academias Palmeirense de Letras, Ciências e Artes (APALCA), Alagoana (AAL) e Pernambucana de Letras (APL), bem assim dos institutos arqueológicos, históricos e geográficos das Alagoas, de Pernambuco e da Bahia, professor universitário, doutor em Sociologia, bacharelando em Direito, alagoanista e ensaísta (vencedor, inclusive, de premiações nacionais), cujos temas dos livros (mais duma trintena deles) contemplam, interdisciplinar e especialmente, história e crítica.

Biografia: ofício e arte

“Nenhuma biografia vai além da descrição parcial de uma vida. Algumas serão longas, outras resumidas, mas, afinal, quanto não ignoraremos sempre das aspirações, dos sonhos, e dos sofrimentos que compuseram a existência de alguém? A contingência, no entanto, jamais assustou os biógrafos. Estes, de acordo com a sensibilidade de cada qual, satisfazem-se em fixar os aspectos que julgam essenciais, concatenando-os numa narrativa capaz de proporcionar o almejado ‘retrato’. / De fato as biografias assemelham-se às telas, que, em geral, exprimem o que o artista viu, e como viu. E não devem ser por isso censuradas, pois o primordial é se apresentarem isentas das deformações oriundas das idéias preconcebidas” (Luiz Viana Filho. “A vida de Joaquim Nabuco”. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1952], p. [9]).

Duzentos e tantos anos dês o aparecimento da palavra nos dicionários, leigos (mesmo indignos, até) teimam em confinar a biografia num senso prosaico: estaria ela, segundo a imagem deles, ao serviço da imortalização dos feitos de heróis e santos.

Inadiável, logo, aspirar-se a ir adiante da trivial e bronca significação.

O exercício biográfico não se reduz a louvaminha; às congratulações via louros; ao venerável; aos gozos de suas personagens centrais.

Melhor: ultrapassa a escritura acerca da vida de alguém.

O enquadramento de pessoas traduz-se em espécie de um gênero mais abrangente.

Afinal, podem ser objeto da criação biográfica manifestações culturais, instituições, conceitos, crenças, técnicas, grupos sociais, uma nação.

Assim, inexiste isso de hierarquia temática; o método de análise, par da sensibilidade, (des)legitimará assuntos.

Quem acertou foi Jorge de Lima (1893-1953): “mesmo o maior canto é / denominado – Biografia”, alarga o grã-poeta na abridura de “Invenção de Orfeu” (1952), sua obra-mestra.

Aos biógrafos, caberia um olhar oblíquo de perspectivas. Sim. Ciência ou arte, todavia, e sem hesitar, ofício, requer-se dos seus escritos ponderação entre o vero e a criatividade.

No seu clássico manual (agora oitentão) “A verdade na biografia” (1945), Luiz Viana Filho (1908-1990) – o nosso André Maurois (1885-1967); “mestre na arte-ciência desse gênero”, eleva-o Gilberto Freyre (1900-1987) –, pontua constituírem ao menos cinco as modalidades de biografias:

- (1) Simples relação cronológica dos acontecimentos;
- (2) Panorâmica de contextuação histórica;
- (3) Apreciação crítica das obras do protagonista;
- (4) Descrição pura da vivência (indulgente a intuições, mas sob controle, quanto à dimensão da natureza humana);
- (5) Pretexto de se tomar a existência como inspiração pra prosa ficcional.

Ora, ao contrário de excludentes “ous”, e unicamente afora, porventura, a última técnica, acreditamos nos “es” aditivos: bem poderiam se combinar fatos, conjuntura, criticidade e pitadas de psicologia.

Apenas aconselharíamos substituir-se a fantasia pelo estilo sóbrio, seguro, elegante, ensaístico, senhor, enfim, de personalidade.

Em livro já da madureza, “A vida de Eça de Queiroz” (1984), o biógrafo do Barão do Rio Branco (1845-1912), de Ruy Barbosa (1849-1923), Nabuco (1849-1910), Machado (1839-1908), Alencar (1829-1877) e Anísio Teixeira (1900-1971) quase condenará a imaginação quando do tentâmen de se reconstituir uma trajetória.

Se há vidas tão curiosas e perto de mágicas, por si mesmas dispensadoras das lucubrações, nenhum de nós, autores, estamos imunes de todo, porém, ao devaneio. (Inevitável, aliás, enamorarmo-nos um pouco dos nossos temas).

Longe estou, com tal assertiva, de defender, contudo, o sacrifício da honestidade ético-mental em favor da deturpação pelas conveniências pessoais (inclusive passionais).

A (ilusória) busca da “verdade” deve (ainda) guiar a sinceridade autoral, conquanto nem sempre consigamos escapar aos exageros, paradoxos, faltas, sentimentos, sereias, gostos, contumárias... nas construções do intelecto.



Erisvaldo Vieira da Silva

Professor. Formado em Letras (Português/ Inglês- UNEAL). Trabalha na Escola Estadual Antônio Macedo, Palmeira dos Índios-AL. Participou de diversas Antologias no Rio de Janeiro e São Paulo. Autor do livro *Mundo Paralelo*. Venceu dois concursos literários promovidos pela APALCA. Atualmente, é Sócio Colaborador desta instituição e adota a temática intimista e histórica em suas produções.

A cruz da cigana

— Margarida, nossos dias de cigano estão contado.
— Quais as nova?
— Arrumei trabaio. Vou trabaiá como caravaneiro.
— Caravaneiro? Como caravaneiro? — interessa-se a esposa.
— Tropa de burros. Vou levar cargas de argodão e outras coisa no lombo dos burro pro o sertão... sertão nordestino.

— Nossa! Mas é muito longe! Isso é coisa de muitos dia de viage, Severino.

— Margarida, sei que é trabaio penoso, complicado, mas é trabaio. Mas o que vou recebê adispois vai dá pra mode nós construir aquela nossa casinha que tanto nós quer pra criar o Pedrinho e a Julinha. Com algumas viage dessa, lá está nós em casa de tijolo.

Margarida pensou um pouco. Em passos lentos e coordenados, andou pela velha cabana cigana, viu os buracos do “telhado” remedados, o fogão feito de tijolos empilhados sapecando faíscas para tudo quanto era lado. Como gostaria de uma casa de verdade... uma casa de telhado, uma cama boa para dormir, um fogão fixo feito de cimento que não lhe faiscasse no rosto nem lhe queimasse os braços.

Severino e Margarida se casaram no meio do mundo, como andarilhos que foram durante um bom tempo de vida cigana. Não sabiam de suas origens, apenas que eram de um povo que antes mesmo

de o Brasil existir, eles já existiam lá pras bandas da Europa. Fatos relatam que os ciganos existiram desde tempos imemoriais, antes mesmo das civilizações ditas civilizadas. Povo de vida nômade, os ciganos representavam uma casta social que se caracterizava por não ter lugar fixo para viver. Severino e Margarida eram representantes desses povos e não tiveram padre nem igreja no casamento; o vestido de noiva resumiu-se a alguns trapos lavados de última hora. Sempre de vidas errantes, parando de lugar em lugar, não podiam se dar ao luxo de ambicionar cerimônias eclesiásticas. Agora ele, o Severino, queria sentar o prumo, estabelecer-se, fixar-se, criar família.

Estávamos no ano da graça de 1915, quando o Severino pegou sua primeira carrada de burros. Um total de 10 burros fortemente carregados de algodão, rapadura, algumas fazendas, pinga e alguns cachos de banana. Nas estradas de barro, abertas à foice e a facão, uma fila de burros, suados, fortes, em marcha de trote leve, descobria aos poucos pequenas povoações fincadas no meio das matas. Sempre que por uma dessas povoações ele passava, era bem recebido. Davam-lhe água, um cafezinho de vez em quando, e às vezes um pedaço de bolo de mandioca; enfim, o interior sempre foi hospitaleiro, principalmente naquele começo de século, onde a vida corria de forma bem mais simples que a nossa atual. Em troca, em suas paradas rápidas, fazia o papel do correio, do jornaleiro, do homem das notícias. Numa época sem as grandes inovações tecnológicas, era comum o serviço desses viajantes para deixar informadas aquelas pequenas comunidades.

Ora, no começo do século, tudo era bem mais difícil. Uma simples viagem do Sudeste para o Nordeste era coisa de muitos e muitos dias. As notícias na década de 10 andavam à tartaruga e o Severino, como andarilho que fora e ainda o era, sempre fazia o papel do homem-notícia. Eis um dos motivos por que era sempre bem-vindo. Não apenas isso, mas porque ele também era uma pessoa de muito carisma, sorriso fácil e gestos amigáveis. Não raras vezes e literalmente, trazia e levava cartas dos moradores espalhados pelo sertão.

Então, o verão deu adeus ao inverno e assumiu o seu posto. No sertão, não se conhece primavera e outono, apenas verão e inverno. As

água, cada vez mais escassas, transformavam a paisagem nordestina num cenário de fogo. Vegetações antes de um verde esplendoroso, agora exibiam nuances de palha seca. Uma simples beata de cigarro era suficiente para levantar cortinas de fogo na mata. Barreiros, antes cheio d'água pela superfície, agora eram só desolação com seus torrões secos e quebradiços. Os bois deles se aproximam, e, saudosos daqueles barreiros onde podiam mergulhar até a metade do corpo e beber água com fartura, aguardam o próximo inverno, se sobrevivessem à fome sertaneja. Calangos, em corridas loucas pelas estradas poeirentas, disputavam à tapa com outros da espécie os melhores e desprevenidos insetos. O carcará, no topo esquelético de uma árvore, olha desconfiado para a caravana de burros... É que um sitiante por ali, criador de muitas galinhas, anda de querer dar-lhe um fim. Motivo: sumiço exagerado de pintos novos.

Nesse cenário abrasador, lá vem o Severino com sua 18^a carrada de burros. Suado, garganta em brasa, abanando-se com o velho chapéu de palha. Mais um pouco e avista mais à frente, no sopé de uma serra, uma casinha simples fumando pelas telhas. Um preto velho sentado à porta, com um cigarro de palha o espera.

— Boa tarde, senhor! — Severino cumprimenta o velho cidadão; um cidadão escuro como as noites sem lua.

— Boa tarde, moço! — responde o cidadão levantando-se e tirando o chapéu em sinal de reverência, coisas do tempo antigo. Hoje as pessoas passam umas pelas outras e, se você não tiver cuidado, elas te atropelam. Coisas do tempo moderno.

— Uma aguinha aí, moço!?

— Apeie!

Severino ficou uma meia-hora naquele local trocando ideias com aquele moço descendente do Quilombo dos Palmares. Chamava-se Bento, o determinado cidadão. Homem com uma prole de 12 filhos em escadinha. O mais jovem com apenas um ano de idade e o mais velho com 14. Nessa época, a televisão ainda não existia por aquelas bandas. Era natural a assistência exagerada e, consequentemente, a

prole se tornava exagerada também. As famílias primitivas quase sempre eram bastante numerosas e, com o tempo, viravam clãs.

Saiu daquela casa por volta das duas horas da tarde. Verificou a carga, conferiu as amarraduras, tirou água salobra de uma pequena cacimba, deu-a aos burros. Com um aceno, despede-se do preto velho. Toca para o sertão, mata adentro, em marcha lenta. No caminho brasento e poeirento, vai encontrando carcaças de bichos mortos pela seca, resquícios da época de fartura, da época do Inverno. Sobe uma ladeira, precisa tomar cuidado. Vez por outra um burro quer empacar e leva umas “reiadas” para entender que burro é burro e não nasceu para ter vontades. Toca para o sertão... Pensa na mulher, em Margarida, que ficou em casa; agora, uma casa de tijolos, telhado bom, um fogão grande feito de cimento que não expelle faíscas no rosto da pobre mulher. Nos caminhos tortuosos com que já se acostumara a passar, ia construindo, em reflexões, a ideia de estabelecer-se, de criar raízes em sua terra; começar uma vendinha ou outra coisa qualquer para poder ficar perto de Margarida e dos filhos. Queria parar aquelas viagens que o deixavam ausente por tanto tempo. Os filhos andavam de reclamar a ausência dele, a mulher também, até porque estava grávida do quarto filho do Severino. Não tivesse cuidado, os filhos cresceriam e ele nem os conheceria. Era preciso fixar-se. Muitos existem que, por excesso de trabalho, esquecem-se da família. O tempo passa e eles nem se dão conta de que os filhos cresceram, deixaram suas casas, e alçaram voo. E a vida volta a ser como era antes: sempre monótona, a casa em silêncio, mas com um diferencial: estão velhos, casados com muitos remédios e a vida prestes a se esvair. Quando muito se tem sorte, recebem esporadicamente a visita dos netos e dos filhos... quando muito se tem sorte.

Ao longo desse tempo de viagens, Severino fizera muitas amizades pelo sertão. Sempre que chegava a algum lugar, os moradores das pequenas vilas e povoados do começo do século faziam questão que ele comesse dum pedaço de bolo, tomasse dum cafezinho quente feito na hora ou bebesse uma lapada de pinga do sertão. Nesse tempo, as pingas eram produzidas nas fazendas longe do fisco, ou pelo menos não

se tinha disso conhecimento. O Severino era por todos querido. Era uma daquelas almas que mesmo sem estudo e sem condições financeiras abastadas, a todos agradava.

Enfim, depois de alguns dias, tendo entregado a mercadoria da 18^a expedição e recebido todo o dinheiro, dirige-se a uma feira ali perto. A mulher reclamava a ausência de uma cabra leiteira pro mode, segundo ela, ajudar os pirralhos no crescimento, e agora que mais um apareceria, uma cabra leiteira fazia-se mister.

Uma feira era coisa curiosa no sertão. Ganhava ares de festa. A ela, afluía todo tipo de gente. Tinha o retratista e suas fotos lambe-lambe; o vendedor de peças de fazenda pro mode as caboca ficarem bunita; tinham as barracas. As barracas vendiam de tudo, mas as mais assediadas eram aquelas com gêneros alimentícios e bebedícios. Nelas, os matutos discorriam sobre causos: histórias malassombradas, gente que virava bicho, lobisomens em noites de Lua Cheia; mulheres que viravam bestas-feras por terem batido nas mães e corriam campo nas madrugadas dando grandes e terríveis gritos.

Entre uma golada e outra, os matutos mais espertos sapecavam a língua no vigário, que só queria o dinheiro da comunidade; desciam a ripa no político local — quanto a isso, faziam à boca miúda, caso vazasse o falatório, gente perdia a língua literalmente. Quem poderia esquecer do coroné que mandara decapitar os pertences do Herculano por ter ofendido uma menina? Ora, fato tão espetaculoso e inescrupuloso jamais poderia ser esquecido. Era preciso ter cuidado com a língua.

Os matutos eram alegres, felizes, apesar de exibirem sorrisos sem dentes. Sua grandessíssima maioria era formada por analfabetos, mas guardavam na memória a hierarquia cultural oriunda dos antigos. Infelizmente, muitas e ricas histórias da tradição cultural se perderam para sempre na poeira do tempo, por falta de um escrevedor. Por falta do espírito cultural que nunca norteou as mentes dos povos colonizadores do Brasil.

Severino chegou à feira de animais, os bolsos cheios de dinheiro.

— Em quanto qui fica uma cabrinha dessas, moço?
— Cinquentaminréis, Severino.
— Ochente, e cumaqui tu sabe do meu nome? — surpreende-se.
— Mais quem num ti conhece, ôme? Se aprochegue por aqui qui hoje nós faiz negócio. Faço um precinho bão pro sinhor.

Depois de uma pechincha pra cá, uma pechincha pra lá, enfim, Severino compra uma cabrinha bonita, tetuda, malhada. Margarida, com certeza, ficará feliz com a malhada.

— Quanto qui tu qués no bode? Agora eu me arretei.!
— Vige, o cabra tá com dinhero. — Alegra-se o vendedor.
— Com dinhero dos oto. Mais tenho aqui um bocadinho que dá pro mode comprá um. Diz logo antes que eu me arrependa.
— O mermão preço da cabritinha.
— Fechado.

Severino sacou do dinheiro, pagou e disse até mais ver. Partiria logo nas primeiras horas do dia seguinte; não via a hora de ver o rosto feliz de Margarida e também dos filhos mais novos querendo montar na cabrinha.

O dia amanheceu belo. Às primeiras horas da manhã, o sol ainda se espreguiçando de uma noite de doze horas, pássaros afinando as cordas vocais, árvores chacoalhando suas folhas ao sabor do vento, lá vai o Severino, lá vem o Severino e sua tropa de agora doze animais. Lá vem o Severino, lá vai o Severino, vem apressado, vai apressado, em trote. Burros descarregados, pernas descansadas, lá vem o Severino. Tem ânsia de chegar, chegar a casa com os presentes: uma cabrinha leiteira e um bode. Deseja olhar nos olhos de Margarida, olhar a felicidade que brilhará naqueles olhos de cigana.

Futuramente, nasceriam cabrinhas e bodinhos. Cabrinhas e bodinhos que, com o tempo, transformar-se-iam novamente em cabras adultas, bodes adultos e gerariam mais cabrinhas e mais bodinhos. No correr de poucos anos teria uma verdadeira criação. Compraria um pedaço de chão, pro mode colocar os animais. Venderia leite. Queria chegar logo; os filhos ficariam felizes, ele também ficaria feliz na

felicidade da família. Margarida sorria com aqueles dentes perfeitos que a natureza, por despeito, dera a ela.

Mas, lá vem o Severino, lá vai o Severino. O ex-cigano Severino e sua tropa de agora doze bichos já vem, já vai. Vai subindo e descendo as terras de barro; de quando em vez, olha a correntinha de uma cruz dada pela mulher. A cruz da cigana, como gostava de chamar desde que se converteu ao cristianismo. Passa por um: “Como vai, Severino”? Passa por outro: “bom dia, Severino; boa tarde, Severino; boa noite, Severino”. Severino vem descendo a Serra da Serpente com suas infinitas curvas. Chega a ficar tonto com tantas curvas. A Serra da Serpente é muito íngreme, urge ter cuidado. Se a cabrinha leiteira e o bode despencarem daquela altura, ele não vai ver os olhos de felicidade de Margarida e o desejo dos meninos de montar na cabrinha. Reduz a velocidade, retira um pedaço de rapadura da mochila. Com uma mão, enfia a rapadura na boca; com a outra, lança goela abaixo um punhado de farinha. Levanta a vista, o dia vai escurecendo aos poucos, melhor procurar um local para apear.

As estrelas no céu são brilhantes. Têm de várias cores: azuis jovens, amarelas adultas, vermelhas velhas. Os grilos fazem serenatas repetidas de uma nota só, uma coruja passa emitindo seu grunhido noturno, enquanto o céu se ponteia de mais estrelas. Severino não entende por que que o céu é azul, não sabe por que as estrelas são de diferentes cores e de variados tamanhos. Ele não entende por que os grilos cantam, por que os pirilampos têm luz própria; o Severino não sabe por que... por que... por que... A única coisa que Severino sabe de verdade é que quer ir para casa, ver o sorriso de Margarida e de seus filhos com a sua chegada, principalmente porque a pretendida cabrinha leiteira, há tanto tempo um sonho de Margarida, ele finalmente conseguira comprar e, de quebra, levava até um bode. Severino era gente simples, de gestos simples, atitudes simples, mas de sensibilidade aguçada.

O Severino adormece de repente. A noite faz-se mais profunda, os grilos se calam, as estrelas não mais brilham, a coruja silenciou seu canto e a tropa de animais emudeceu seus ruídos.

Tudo se transformou na mais terrível escuridão. Severino dorme, dorme um sono profundo. Não sente mais o cheiro das coisas, não ouve mais os barulhos da noite, não vê mais as estrelas azuis, e amarelas, e vermelhas. Severino está dormindo... Nessa noite, ele não sonharia com a Margarida sorrindo, os olhos cheios de alegria com a chegada dele; não sonharia com o terreno que compraria para gerar uma criação de cabras. A última visão de Severino antes de dormir foi uma estrela de fogo saída do meio da escuridão. A última coisa que o Severino ouviu foi um barulho seco, rápido. A última coisa que o Severino sentiu foi um escurecimento profundo que o fez dormir... Apagou-se de repente, adormeceu de repente, de repente, profundamente...

— Aonde o senhor vai pai? — quer saber o Arnaldo, garoto de cinco anos de idade.

— Enfeitar com flores a cruz da cigana, meu filho, venha comigo. É bom que você vá se acostumando, porque quando eu morrer, você é que vai ficar responsável de todos os anos ir à cruz da cigana, limpá-la e colocar nela flores.

— Por quê? — Interessa-se o menino.

— Aquela cruz, meu filho, é sagrada. Ali morreu um inocente. Conta o meu bisavô, que por essas bandas há muito tempo, andava um senhor caravaneiro muito respeitado. Dizia que era um homem simples, mas com um coração do tamanho do mundo. A todos ajudava, a todos era solícito. E os mais velhos contam que foi assassinado enquanto repousava de uma de suas viagens. Foi morto covardemente e roubaram-lhe todo o dinheiro que o pobre tinha arrecadado com a venda da mercadoria. Por essas bandas, como todos o conheciam, mas ninguém sabia de onde ele era, acharam por bem levantar a cruz em sua homenagem. Todos os anos muitas senhoras da região vão até aquela cruz e fazem para o caravaneiro assassinado no tempo antigo muitas preces. Rezam pela alma do falecido.

— Mas por que a cruz se chama “A cruz da cigana”? — quer saber o menino Arnaldo, levemente emocionado.

— No local do assassinato, encontraram uma correntinha com uma cruz no pescoço da vítima e nela, colada, uma pequena folhinha que dizia: Leva essa cruz para que Deus possa te abençoar nos teus caminhos. Volta pra mim. Tua cigana. Assim, todos resolveram chamar a cruz que lá está de...



Jorge Tenório

Nascido no município de Palmeira dos Índios, é formado em Ciências Contábeis. Trabalhou na UFAL e na Caixa Econômica Federal. Foi agraciado com prêmios e comendas neste Estado. É membro efetivo da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes (Cadeira Titular Nº18, cujo Patrono é José Pinto de Barros), da Academia Maceioense de Letras e da Academia Alagoana de Letras. Publicou 11 romances: *O sacripanta, São José, Guerra de tolos, Armações do Capeta, O ouro do Coronel, A virgem do Alto dos Bodes, Finados & Desafinados, Vidas Tortas, O sumiço dos vira-latas, Arame Farpado e A Pretendida*. Também é autor de duas peças teatrais: *Finados & Desafinados* e *A Pretendida*.

O menino levado e o cachorro doido, que talvez não estivesse doido

O menino levado sacudiu uma pequena pedra no anum, que, trepado no lombo do boi, fazia sua refeição de carrapato. A ave preta, assustada, alçou voo e foi embora. Por sua vez, o boi não gostou nadinha daquilo e deu um mugido, reclamando: o anum era seu amigo e parceiro, alimentava-se do incômodo parasita que lhe sugava o sangue e lhe causava bicheira.

Nem aí para a raiva do boi e do anum, o menino deu uma risada e retomou sua caminhada. De repente, agachando-se, pegou no chão outra pedra e a sacudiu numa lagartixa que saiu do mato e atravessou o caminho. A pedra não atingiu a coitada, mas a fez correr para a outra margem com mais pressa, ali parando enquanto balançava a cabeça, talvez desaprovando a atitude do menino levado, que deu outra risada. Foi quando ele viu uma manga amarelinha num dos galhos mais altos de uma mangueira à beira da estrada. Estava com fome, já era perto de meio-dia, e antes de sair para a escola só comera um pedaço pequeno

de cuscuz com leite. A mãe fazia o cuscuz depois de ralar as espigas de milho no ralo de lata, ainda quando ele estava na cama com preguiça de se levantar, mas a pouca comida não dava para satisfazer as muitas bocas da casa: os pais e sete filhos. E o leite era dado por Seu Florêncio, que era um homem bom e tinha pena do povo pobre do povoado. Ele criava umas vacas e tirava leite toda manhã, logo cedinho, no curral, que ficava bem pertinho do povoado. Às vezes, dia de sábado ou domingo, quando não tinha escola, iavê-lo tirar leite. O homem amarrava as pernas traseiras da vaca com um pedaço de corda, botava um balde embaixo do úbere e puxava os bicos compridos, fazendo espirrar o leite, que aos poucos ia enchendo o balde. Depois, com uma caneca de lata, enchia uma garrafa de vidro e lhe entregava, dizendo:

– Toma, menino, leva pra comadre.

Ele chamava todo mundo do povoado, os adultos, de comadre ou compadre. Era vermelho e ficava mais vermelho ainda quando dava risadas. Gostava de rir, e ria uma risada bem engraçada. Às vezes o menino travesso imitava a risada de Seu Florêncio, que dava uma risada por cima da outra quando era imitado.

– Peraí, menino danado, que vou te dar um cocorote.

A carreira era tão grande que batia o pé na bunda. Bastavam as chineladas que sua mãe lhe dava quando o pegava fazendo traquinagem. Já o pai tinha a mão mais pesada e costumava usar o cinto para castigar os filhos. Lembrava-se da grande pisa, a maior de todas, que ele deu no filho do meio. E justamente por sua causa, por isso nunca esqueceu. Acontecera na casa que ficava afastada do povoado, aquela onde a família morava ainda quando o pai era vaqueiro e também onde nasceram todos os filhos. Certo dia o pai foi despedido pelo fazendeiro para quem trabalhava porque vinha faltando ao serviço. Gostava de uma pinga, e isso atrapalhava sua vida. O patrão acabou perdendo a paciência e o mandou desocupar a casa para botar nela um vaqueiro que prestasse. Foi no dia em que isso aconteceu que o pai deu a pisa medonha no filho do meio, talvez querendo descontar nele a raiva que sentia do patrão. Tudo ocorreu quando o menino, já taludinho, deu um empurrão na rede do alpendre na qual o filho caçula se balançava. Com

o balanço forte, o caçula foi lá, veio cá, dando uma risada, mas quando foi lá de novo caiu da rede, passando do riso ao choro, e um choro escandaloso, aí o pai no mesmo instante tirou o cinto e correu atrás do autor da travessura, o filho do meio passou por baixo de uma cerca de arame farpado, o pai também passou, o menino ultrapassou outra cerca, o pai também, mas rasgou a camisa e levou um arranhão do grampo pontiagudo do arame, e isso só fez aumentar sua ira, e quando o pai finalmente conseguiu alcançar o filho, o cinturão vadiou nas costas dele. Mais tarde, ao ver as marcas do cinto nas costas do irmão, o menino levado se arrependeu de ter chorado tão alto, pois a queda da rede não doera tanto assim.

Depois que foram morar no povoado, o pai nunca deixou de usar o chapéu de couro de vaqueiro, mas já não era mais vaqueiro, trabalhava na empreitada, ajudava a limpar as roças dos outros e recebia por dia trabalhado, isso quando era tempo de chuva, quando a água caía do céu e fazia as plantações de milho e feijão ficarem verdes e também deixava a rua de barro do povoado molhada e cheia de poças.

Naquele dia, que por sinal era um dia de época de frutas, o menino levado fugira da escola para ir bater pernas por aí. No recreio os outros meninos foram jogar bola de meia no campo improvisado ao lado do grupo escolar e não o chamaram porque o achavam ruim de bola. Então, depois de lhes dar uma língua bem caprichada, escapulira por um caminho qualquer. E a diversão estava boa, melhor do que jogar bola de meia, arriscando-se a arrancar uma unha do pé no chão duro e cheio de catombos. Já espantara com uma pedrada aquele passarinho que estava em cima do boi, já dera um susto numa lagartixa, e agora ia se lambuzar com a manga amarelinha que vira lá em cima da mangueira.

Subiu na árvore frutífera com agilidade de macaco. Estava acostumado a fazer isso. Acomodou-se na galha, pegou a fruta, e daí a pouco só restava o caroço dela. Mas mordera com cuidado porque havia um dente mole na boca. Era mais um para sua mãe arrancar. Ela amarrava um pedaço de linha no dente e o puxava com força. Dava um grito de dor, mesmo que só doesse um tiquinho. Mas certa vez sua mãe

amarrou a linha no dente errado, no vizinho que não estava mole, puxou, puxou, e nada. Ele gritava juntando saliva na boca. E aproveitando um vacilo da mãe, que se interrogava porque o dente resistia tanto, conseguiu se desgarrar dela e saiu correndo pelo quintal da casa, o fio de linha pendurado na boca. O quintal era um só para todas as casas, já que não havia cercas delimitando espaços. Vendo-o correr, a cabra do vizinho correu atrás dele, deu-lhe uma marrada nos fundilhos, ele estatelou-se no chão, mas quando se levantou chorando, sua mãe viu que o dente mole tinha sido arrancado com a queda, então ela foi agradecer à cabra, ficou rindo enquanto alisava-lhe a cabeça. Queria ver se fosse nela a marrada da cabra se ela iria alisar-lhe a cabeça, iria nada, braba como era iria chamá-la era de um nome feio, isso se não revidasse a marrada com um chute.

Ainda na galha da mangueira, ele viu outra manga amarelinha e foi pegá-la. Ia dando uma dentada na fruta quando se lembrou de sua mãe, que gostava muito de manga espada. Levaria aquela de presente para amansar a raiva dela, pois tinha quase certeza que a professora já fora contar-lhe o seu sumiço depois do recreio. A fuxiqueira fizera isso outras vezes. E sua mãe lhe dera umas chineladas. Ficava com uma raiva danada da professora, tinha vontade de nunca mais ir à escola. E, para ele, escola era uma coisa muito chata, embora sua mãe lhe tivesse dito certa vez que deveria estudar para virar gente quando crescesse. E por acaso não era gente? Por acaso era bicho igual a um porco, um cachorro ou um burro? Talvez fosse burro, que já lhe haviam chamado desse nome na escola. É que não gostava de estudar, gostava era de brincar com os amigos, andar pelo mato e chupar manga trepado na mangueira. A tarde escurecia, e ele na brincadeira com os amiguinhos. Voltava para casa todo sujo de poeira e barro. Resmungando, sua mãe fazia-o lavar os pés a pulso na bacia, a água ficava preta de tanta sujeira. Por ele, ia dormir era com os pés sujos mesmo. E não era só isso, sua mãe não lhe dava sossego. Inventava de cortar suas unhas com uma tesoura cega.

– Suas unha parece um cavador, parece inté unha de lubisome.
Ave Maria!

E quando ela catava piolho nele? Parece que se divertia fazendo aquilo. Botava-o no colo e ficava separando seu cabelo fio por fio. Quando encontrava um piolho estalava-o com duas unhas. Sentia prazer em fazer isso, em matar os coitados dos piolhos. Ela se divertindo, e ele numa agonia danada para escapar das garras dela e ir logo brincar na rua ou no mato.

– Fique queto, seu cabrito! – ordenava sua mãe.

Cabritos eram os filhos da cabra do vizinho. Esse povo grande tem cada uma! Os cabritos mamavam no peito da cabra.

– Mãe, eu já mamei no peito da senhora?

Nesse dia, além do esbregue, levou um puxão de orelha e um cocorote. Precisava tudo isso por causa de uma pergunta boba? A injustiça lhe doeu tanto que teve vontade de fugir de casa. Iria morar num buraco da grota, beberia água da cacimba e comeria manga, goiaba e jaca. Certo dia comera tanta jaca mole que ficara empanzinado e vomitara muito, só faltando botar as tripas para fora. Sua mãe até ficou preocupada que ele morresse, pensando que era uma doença braba. Mas a verdade é que de fome e sede não morreria se fugisse de casa. Outra coisa boa se fizesse isso era não ver mais a cara triste do pai, que no verão ficava sem fazer nada, capiongo, a reclamar da vida. Mas quando a fome apertava muito dentro de casa e não tinham o que comer, o pai botava a espingarda no ombro, o bisaco a tiracolo e ia caçar passarinho na capoeira. Sua mãe assava os passarinhos, que eles comiam com farinha seca. Às vezes comiam a farinha com um pedaço da rapadura que seu pai trouxera da feira da cidade.

Acabou não resistindo e comeu a outra manga. Ficou com a cara toda melada e amarela da fruta. Saiu caçando outra com os olhos para dar de presente à mãe. De repente viu uma lá na ponta de uma galha fina. Arriscou-se, quase caiu, mas conseguiu pegar a manga. Só que, minutos depois, quando voltava para casa, teve que jogá-la num cachorro que surgiu do nada e, latindo, começou a perseguí-lo, a correr atrás dele. Desesperado, gritava e pedia socorro. Mas quando já via o quintal de casa, o cachorro o alcançou e lhe deu uma mordida na perna. Saindo de casa naquele momento com a espingarda na mão, pois ia

caçar passarinho, o pai deu um tiro no animal, que ganiu e se aquietou no chão. Corria o boato de que um dos cachorros do povoado ficara doido, daí o pai supôs que aquele era o dito-cujo e o matou sem titubear. Ainda não tinham certeza se o cachorro ficara realmente doido, mas na hora da agonia o pai nem se lembrou disso. A verdade é que o cachorro morreu e o menino foi levado pelo pai para dentro de casa com a canela arranhada pelos dentes afiados do animal. A ferida inflamou, ficou vermelha, mesmo a mãe do menino botando muito sumo de sambacaitá nela.

Diziam que gente que é mordida por cachorro doido também fica doida ou morre. Com medo de acontecer isso com o filho caçula, a mãe foi chamar a rezadeira do povoado. A velha entrou com uns ramos de mato no quarto do menino, e na sala durante um tempo se ouviu apenas a voz dela rezando umas rezas que só ela sabia e ninguém conseguia entender direito. Quando finalmente a mulher saiu do quarto trazia na mão as folhas de mato murchas. A doença do cachorro que fora transmitida para o menino agora estava nas folhas, então o menino estava salvo, nem ia ficar doido e nem morrer, afirmou com convicção a rezadeira. E daí por diante o menino levado foi melhorando, melhorando, até ficar totalmente curado. Na certa o cachorro não estava doido, comentaram os que não acreditavam nos milagres da rezadeira e achavam que aquilo não passava de lorota.

O menino ficou até contente após ser mordido pelo cachorro porque a mãe chegou a lhe dar alguns dengos, uns afagos e o chamava de meu filhinho, meu caçulinha. E para completar a felicidade, passou uma semana sem ir à escola; até a professora, compreensiva e com uma cara menos séria, veio visitá-lo. Quando ele voltou a frequentar a escola virou o herói da turma, todos queriam ver as marcas que os dentes do cachorro doido, que talvez não estivesse doido, deixaram na sua canela.



Germana de Araújo

Graduada em Estudos Sociais, pós-Graduada em História, fez Curso de Teclado profissional; é musicista e instrumentista. Nascida em Palmeira dos Índios, é professora de Música, aposentada, e sócia efetiva da APALCA, ocupando a Cadeira Nº 13 (segunda titular), cujo Patrono é Dom Matheus Rocha.

História da música

A música é uma das formas de expressão mais antigas e universais da humanidade. Sua história é rica e diversificada, abrangendo milhares de anos e várias culturas ao redor do mundo.

A origem da música é desconhecida, mas acredita-se que ela tenha surgido junto com a linguagem, como uma forma de comunicação e expressão. Os primeiros instrumentos musicais foram provavelmente feitos de materiais naturais, como pedras, madeira e cordas.

Ao longo da história, a música evoluiu e se diversificou, influenciada por fatores culturais, sociais e tecnológicos. A música clássica, por exemplo, surgiu na Grécia Antiga e se desenvolveu ao longo dos séculos, com compositores como Bach, Mozart e Beethoven.

No século XX, a música popular se tornou uma força dominante, com o surgimento de gêneros como o jazz, o blues, o rock e a música eletrônica. Artistas como Elvis Presley, The Beatles, Bob Dylan e Michael Jackson se tornaram ícones culturais e influenciaram gerações de músicos.

Hoje em dia, a música é mais diversificada do que nunca, com uma infinidade de gêneros e estilos. A tecnologia também revolucionou a forma como a música é criada, produzida e consumida, com a ascensão da música digital e das plataformas de *streaming* (transmissão de áudio ou vídeo, via internet).

Em resumo, a história da música é uma jornada fascinante que reflete a criatividade, a diversidade e a evolução da humanidade.

Música e cultura

A música é uma expressão fundamental da cultura humana, refletindo a identidade, a história e os valores de cada sociedade. Ela é uma forma de comunicação universal, capaz de transcender fronteiras linguísticas, geográficas e culturais.

Em cada cultura, a música desempenha um papel único, seja como forma de expressão religiosa, ceremonial, social ou artística. Ela é uma parte integrante das tradições, dos rituais e das celebrações de cada comunidade, ajudando a fortalecer a coesão social e a preservar a memória coletiva.

A música também é um reflexo da diversidade cultural, com cada sociedade desenvolvendo seus próprios estilos, instrumentos e técnicas musicais. Desde o jazz americano ao samba brasileiro, do reggae jamaicano ao flamenco espanhol, cada gênero musical é uma expressão autêntica da cultura que o originou.

Além disso, a música tem o poder de unir pessoas de diferentes culturas e origens, promovendo a compreensão, o respeito e a troca cultural. Ela é uma linguagem universal que pode ser compreendida e apreciada por todos, independentemente da sua origem ou cultura.

Em resumo, a música é uma expressão fundamental da cultura humana, refletindo a diversidade, a criatividade e a identidade de cada sociedade. Ela é uma forma de comunicação universal que pode unir pessoas e culturas, promovendo a compreensão, o respeito e a troca cultural.

Música no processo de aprendizagem

A música desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos indivíduos. Aqui estão algumas maneiras pelas quais a música pode influenciar o processo de aprendizagem:

Benefícios cognitivos

Melhoria da Memória: A música pode ajudar a melhorar a memória, pois as canções e melodias podem ser mais fáceis de lembrar do que informações textuais.

Desenvolvimento da Linguagem: A música pode ajudar a desenvolver a linguagem, pois as canções e rimas podem ajudar a melhorar a pronúncia e a compreensão da linguagem.

Aumento da Concentração: A música pode ajudar a aumentar a concentração e a atenção, pois as melodias e ritmos podem ajudar a manter o foco.

Benefícios emocionais

Redução do Estresse: A música pode ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade, pois as melodias e harmonias podem criar um ambiente calmante.

Aumento da Motivação: A música pode ajudar a aumentar a motivação e a inspiração, pois as canções e melodias podem criar um ambiente estimulante.

Desenvolvimento da Empatia: A música pode ajudar a desenvolver a empatia e a compreensão, pois as canções e melodias podem criar um ambiente de conexão emocional.

Benefícios sociais

Desenvolvimento da Comunicação: A música pode ajudar a desenvolver a comunicação, pois as canções e melodias podem criar um ambiente de interação social.

Aumento da Cooperação: A música pode ajudar a aumentar a cooperação e a colaboração, pois as canções e melodias podem criar um ambiente de trabalho em equipe.

Desenvolvimento da Identidade Cultural: A música pode ajudar a desenvolver a identidade cultural, pois as canções e melodias podem criar um ambiente de conexão com a herança cultural.

Em resumo, a música é um recurso valioso no processo de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos indivíduos. Ela pode ser usada para melhorar a memória, a linguagem, a concentração, a motivação, a empatia e a comunicação, além de promover a cooperação, a colaboração e a identidade cultural.

Musicalização na educação infantil

A musicalização é uma ferramenta fundamental na educação infantil, pois contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança. Aqui estão algumas razões pelas quais a musicalização é importante na educação infantil:

Desenvolvimento Cognitivo - A musicalização ajuda a desenvolver a memória da criança, pois as canções e melodias são mais fáceis de lembrar do que informações textuais.

Desenvolvimento da Linguagem: A musicalização ajuda a desenvolver a linguagem da criança, pois as canções e rimas ajudam a melhorar a pronúncia e a compreensão da linguagem.

Desenvolvimento Emocional - A musicalização ajuda a reduzir o estresse e a ansiedade na criança, pois as melodias e harmonias criam um ambiente calmante, bem como ajuda a aumentar a motivação e a inspiração na criança, pois as canções e melodias criam um ambiente estimulante.

Desenvolvimento Social - A musicalização ajuda a desenvolver a comunicação na criança, pois as canções e melodias criam um ambiente de interação social, e ajuda a aumentar a cooperação e a colaboração na criança, pois as canções e melodias criam um ambiente de trabalho em equipe.

Desenvolvimento Motor - A musicalização ajuda a desenvolver a coordenação motora na criança, pois as atividades musicais, como

dançar e tocar instrumentos, ajudam a melhorar a coordenação e o equilíbrio, bem como ajuda a aumentar a criatividade na criança, pois as atividades musicais, como improvisar e criar músicas, ajudam a desenvolver a imaginação e a criatividade.

Em resumo, a musicalização é uma ferramenta fundamental na educação infantil, pois contribui para o desenvolvimento integral da criança, incluindo o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor. É importante incluir a musicalização no currículo educacional para ajudar as crianças a se desenvolverem de forma saudável e equilibrada.

Música e saúde humana

A música é uma forma de expressão universal que tem um impacto profundo na saúde humana. Ela pode influenciar nossas emoções, pensamentos e comportamentos, e até mesmo afetar nossa saúde física:

Benefícios Físicos da Música - música pode ajudar a reduzir a dor crônica, especialmente em pacientes com doenças como a fibromialgia e a artrite.

Melhoria da Pressão Arterial: A música pode ajudar a reduzir a pressão arterial, especialmente em pacientes com hipertensão.

Aumento da Imunidade: A música pode ajudar a aumentar a imunidade, especialmente em pacientes com doenças crônicas.

Benefícios Emocionais da Música: A música pode ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade, especialmente em pacientes com doenças mentais; pode ajudar a melhorar o humor, especialmente em pacientes com depressão; e pode ajudar a aumentar a autoestima, especialmente em pacientes com doenças crônicas.

Benefícios Cognitivos da Música: A música pode ajudar a melhorar a memória, especialmente em pacientes com doenças neurodegenerativas; pode ajudar a aumentar a concentração, especialmente em pacientes com doenças mentais; pode ajudar a

melhorar a linguagem, especialmente em pacientes com doenças neurodegenerativas.

Terapia Musical – É uma forma de tratamento que utiliza a música para promover a saúde e o bem-estar. Ela pode ser usada para tratar uma variedade de condições, incluindo doenças mentais, doenças crônicas e doenças neurodegenerativas.

A música é uma ferramenta poderosa que pode ser usada para promover a saúde e o bem-estar. Ela pode influenciar nossas emoções, pensamentos e comportamentos, e até mesmo afetar nossa saúde física. A terapia musical é uma forma de tratamento que pode ser usada para tratar uma variedade de condições, e é uma opção que deve ser considerada por qualquer pessoa que esteja procurando por uma forma de promover a sua saúde e o seu bem-estar.

Música no cérebro

A música é uma forma de expressão que tem um impacto profundo no cérebro humano. Ela pode evocar emoções, memórias e sensações, e até mesmo afetar nossa saúde física e mental.

O cérebro humano é capaz de processar a música de forma complexa, envolvendo várias áreas cerebrais. Aqui estão algumas das principais áreas envolvidas:

- CórTEX Auditivo: responsável pela percepção e análise do som;
- CórTEX Motor: envolve-se na coordenação motora e no controle dos movimentos;
- Hipocampo: associado à memória e ao aprendizado;
- Amígdala: envolve-se na resposta emocional e no processamento de estímulos emocionais.

A música pode afetar o cérebro de várias maneiras:

- Liberação de Dopamina: a música pode liberar dopamina, um neurotransmissor associado à recompensa e ao prazer;
- Ativação de Emoções: a música pode evocar emoções, como alegria, tristeza ou medo;

- Melhoria da Memória: a música pode ajudar a melhorar a memória e o aprendizado;

- Redução do Estresse: a música pode ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade.

A música pode ter vários benefícios para o cérebro, incluindo:

- Melhoria da Saúde Mental: a música pode ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade;

- Aumento da Criatividade: a música pode ajudar a aumentar a criatividade e a imaginação;

- Melhoria da Coordenação Motora: a música pode ajudar a melhorar a coordenação motora e o controle dos movimentos;

- Aumento da Empatia: a música pode ajudar a aumentar a empatia e a compreensão entre as pessoas. Ela é uma forma de expressão que tem um impacto profundo no cérebro humano e pode evocar emoções, memórias e sensações, e até mesmo afetar nossa saúde física e mental.

Por fim, dizer que a musicoterapia é uma forma eficaz de terapia que pode ser utilizada para promover a saúde física, emocional e mental, possuindo uma variedade de benefícios e pode ser aplicada em múltiplos contextos.

Referências

HANSSEN, Suzanne. **Os benefícios da música para a saúde.** SPRINGER, 2016.

TARUSKIN, Richard. **A história da música.** São Paulo: Unesp, 2010.

ZATORRE, Robert. **Neurociência da música.** Oxford: Oxford University Press, 2013.



Olegário Venceslau de Oliveira e Silva

Advogado, escritor e folclorista. Ex-Presidente da Comissão Alagoana de Folclore, membro da Academia Maceioense de Letras, sócio da Academia Brasileira de Poesia, sócio honorário da APALCA e dos Institutos Históricos e Geográficos do Rio Grande do Norte, Paraná, Espírito Santo e Campinas/SP. Autor das obras: *Álbum do Cinquentenário de Chã Preta*; *Reisado não dança mais*; *Ecos de uma Homilia*; *Duas Lanças – 100 anos de Cavalhada em Chã Preta*; *Cônego Jatobá- um apóstolo em Viçosa*; *Mestres do Folclore Brasileiro*; *Memórias políticas de Chã Preta*; *Monólogos de final de tarde e Banguê, Fornalha e Bagaceira*.

Lira dos vinte anos

A penumbra que recai sutilmente sobre a escrivaninha cuidadosamente talhada pelo artífice, aos poucos vai-se esvaindo qual poeira por entre as mãos, reverberando-se num silêncio sepulcral, dando lugar doravante ao breu da noite, com todo seu misticismo. Nesta amálgama temporal inerente a existência humana, com seus devaneios e loucuras, a mão trêmula do vate faz deslizar airosamente a pena por sobre a pálida folha, que aos poucos emoldura uma lídima aquarela travestida de legível soneto. Dos amontoados escombros de pretéritas lembranças, que insistem povoar a imaginação humana, surgem ávidos sentimentos que paulatinamente se materializam em borrões de tinta, trazendo à guisa os primeiros versos cadenciados, qual lira a ecoar seus incipientes acordes sonoros, num monólogo quase que etéreo.

Sob o cintilante raio de luz que se espraia da finíssima vela de cera, ladeada por amealhados papéis e não menos antiquíssimas anotações, os sussurros intermitentes do poeta são ouvidos por este apenas, reproduzindo sonoramente os versos dolentes que perpassam seu pensamento e se assomam no esbranqueado papel, num testemunho indelével de êxtase intelectual em câmara ardente. No proposital

intervalo entre o delírio poético que anima a psiquê humana e a corporificação de sua obra, o vinho que embriaga o espírito é degustado amiúde, qual nécta derramado nas aras celestes dos Deuses olimpianos. Nestas horas mortas da existência humana, a repicar pausadamente no alto da parede de tijolos sobrepostos, dando conta de um arcaico relógio que insiste em continuar a bater, numa beligerância temporal quase que inglória.

A fina garoa que recai por sobre a deserta rua, nos resquícios de uma gélida madrugada encoberta de empalamada neblina, traz consigo dolorosas reminiscências guardadas em segredo no âmago do poeta, num frenesi surreal. Qual plateia a ovacionar o intérprete com sonoros e vibrantes aplausos, o bardo recebe os mais lídimos encômios dos fantasmas que povoam sua imaginação, após exaustivo labor de sua criação literária. Ser poeta é um mistério abstruso, destino final de alguns mortais que nos atalhos da vida aceitaram esta missão, compelidos a uma vivência de solidão e nostalgia, numa sempre dubiedade entre a lira e a espada.

E nas sinuosas estradas de sua efêmera existência, adstrito ao destino imposto como punição e glórias terrenas, o poeta eterniza sua obra entre os labirintos e encruzilhadas que lhe são instados a trilhar, perdido em devaneios que lhe servem de fanal numa interminável procura, fazendo coro ao soneto lusitano de Fernando Pessoa: “*Suave é viver só/ grande e nobre é sempre viver, simplesmente/ [...] vê de longe a vida/ nunca a interrogues/ [...] a resposta está além dos Deuses.*”



Júlia Karolline Vieira Duarte

Alagoana de Palmeira dos Índios, é servidora pública efetiva do Tribunal de Justiça de Pernambuco. Pós-graduada em Direito Penal e Processual Penal pela Academia Brasileira de Direito Constitucional. Bacharela em Direito pela Faculdade Cesmac do Sertão. Sócia efetiva da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes, ocupando a Cadeira Nº 33. Patrona: Vanda Ávila Ramos. Tecladista. Participação em antologias literárias diversas e autora de textos entusiastas da Educação, buscando unir os ramos do Direito e da Literatura.

Em certas pausas do dia, escrevo...

Despertei. Sob os fortes raios de luz de uma segunda-feira de primavera, levantei. Como de costume, antes de começar o expediente, fui logo seguindo o aroma do café que já circulava pelos corredores do Fórum. Garanti minha dose diária de café, que me acompanha nas tantas e tantas páginas dos processos judiciais, com os quais passaria o dia.

Comecei. Cada página que ia lendo, cada ato que ia cumprindo, lembrava daquela luz que me deparei ao acordar. É que me fez pensar na missão de muitas vidas a iluminar. E não apenas na primavera. Mesmo quando os invernos chegarem, sempre haverá motivos para irradiar.

Acho que nem vou mais reclamar do sol forte da primavera... e olha que as temperaturas estavam bem altas, mas o sol brilhava tanto, que me convenceu a assim como ele muita luz emanar.

Assim segui pelas próximas dias, até que o sábado chegou.

Troquei, então, o café pelo vinho, fui na estante de livros e escolhi uma obra de filosofia. Agora já não são mais os autos de processos judiciais, nem as folhas de livros jurídicos, com os quais passei grande parte da semana. Entre um gole e outro, ali estava eu, folheando ensinamentos sobre a "A arte de viver".

Nessa vida por demais ligeira, as pausas, em especial quando regadas a café ou vinho, são sempre uma ótima pedida.

Agora, finalmente, descanso. Semana encerrada.



Carlindo de Lira Pereira

Professor com Graduação em Letras (Português e Inglês e suas literaturas) e Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa (UFAL). Mestre e Doutor em *Ciencias del Educacion: Universidad Internacional Tres Fronteras* (Paraguai-PY). Sócio fundador da Academia Arapiraquense de Letras e Artes e Sócio Honorário da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes - APALCA. Autor de livros e Antologias. Professor Assistente da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Vice-diretor e Diretor do Campus II, em Santana do Ipanema/AL.

Minha professora de francês

Era a aula mais esperada por mim e pela turma da 5^a Série “C” da Escola Hugo José Camelo Lima, em Arapiraca, Alagoas. Duas vezes por semana, pela manhã, a turma tinha aula de Francês no ensino fundamental. Eu ficava contando os dias para ela, loirinha, baixinha, olhos azulados, corte de cabelo à moda das mulheres francesas da década de 70. Era o ano de 1972, onde a influência da cultura francesa se fazia forte no cenário sociocultural e educacional brasileiro.

Vivíamos aqui no Brasil sob os auspícios do regime militar e o sistema educacional brasileiro foi transformado nos moldes tecnicistas, ideologicamente importados dos Estados Unidos da América. E, evidentemente, seguíamos o modelo militarista de rígida disciplina nas escolas.

Ao chegarmos à escola pela manhã, aproximadamente 7h, nós, alunos e alunas, deixávamos os cadernos e livros na sala de aula sobre a carteira. Aqui lembrando que as carteiras eram coletivas, isto é, sentavam-se de três a quatros alunos ou alunas por vez. Em seguida, íamos para o pátio, que (na Escola Municipal Hugo José Camelo Lima) era uma quadra de futebol, onde eram realizados os treinos ou aulas de

Educação Física. Lá também já estavam fixadas as três bandeiras: de Arapiraca, de Alagoas e do Brasil.

Aproximadamente, às 7h20 da manhã, chegavam à quadra de cimento o diretor (com fama de ser austero), Prof. Benildo Medeiros, acompanhado das professoras, professores, servidoras, servidores técnicos para hastear as respectivas bandeiras sob o som de um disco de vinil numa radiola, que tocava os hinos das bandeiras já citadas, enquanto estávamos todas e todos perfilados, braços estendidos na lateral do corpo ou, simplesmente, postados entrelaçados para trás.

Todos éramos exortados a cantar alto e forte e os docentes acompanhavam com os olhos, o abrir de boca dos discentes, na articulação da letra dos hinos pátrios. Tão somente, após cantarmos os hinos, nós, alunos e alunas, recebíamos a ordem do diretor para nos dirigirmos às salas de aula e esperarmos a professora. Esta era geralmente do gênero feminino mesmo, porque dificilmente via-se um professor nessa fase de estudo! Ao chegarmos às salas, ficávamos à vontade, na “linguagem militar” (mas era assim que se falava na época, mesmo!).

Quando a professora já vinha longe da entrada da sala de aula, todas e todos se apressavam a entrar, pois a última que entrava na sala e fechava a porta era a professora. Detalhe: todas as alunas e todos os alunos ficavam em pé, juntos às carteiras, esperando-a entrar, sentar-se e autorizar os discentes a sentarem. Neste momento, ainda com eles entreolhando-se em silêncio, a professora iniciava a chamada.

Em seguida, iniciava a aula: muitos ditados e muita escrita na lousa era o padrão a seguir. Geralmente era assim: passava-se o assunto e depois cobrava o conteúdo em atividades preparatórias para o teste, que era a primeira avaliação escrita ou oral; já a segunda e temida prova era sempre escrita em todas as áreas. Entrava professora, repetia o “padrão”, saía e entrava outra; havia o intervalo do recreio e depois retornava às aulas-padrão até completar o horário da saída. Às 12h, tocava a sineta ou sirene.

Contudo, eis que um certo dia, chegou uma professora diferente, que já se destacava pelo seu biotipo europeu à moda francesa: loirinha,

olhos azuis, cabelo com penteado à mulher francesa, roupas à francesa e falava uma língua com pronúncia que somente ouvíamos nos filmes e novelas... já entrou na sala falando: “*Bon jour mes élèves!*”

Soou estranho e ficamos aguardando o que poderia vir em seguida. Então, ela falou em português que estava ali como professora da Língua Francesa. Enquanto ela se apresentava, entrou outra pessoa, uma ajudante dela, e colocou sobre o birô e sobre uma cadeira uma vitrola, discos de vinil, retroprojetor, papeis mimeografados, flanelógrafos e figuras pequenas de pessoas e objetos.

Particularmente, nunca tinha visto tais instrumentos tecnológicos e material recortado em forma de figuras dentro de uma sala de aula, até aquele momento; apenas a vitrola era já por mim conhecida, porque meu irmão mais velho, Jadson, levava uma vitrola pra tocar na casa dos meus pais em alguns finais de semana.

Todos os alunos e alunas entreolhavam-se curiosos e riam um para o outro, sem entender exatamente o que era tudo aquilo. Neste momento, a professora, já em pé, escreveu na lousa preta com giz branco o seu nome e pronunciou: “Shirley”. Como de costume, todos anotamos o nome dela e da disciplina no caderno doado pelo Governo dos militares.

Em seguida, a Profa. Shirley segurou um livro em francês, *grammaire*, e disse que iríamos estudar os pronomes pessoais em língua francesa. E leu em voz alta: *Je, Tu, il, Elle, On, Nous, Vous, ils e Elles*. Disse o que era masculino e feminino e, em seguida, começou a chamar os alunos e alunas para colocar a figura masculina junto ao nome masculino e procedeu do mesmo modo para o feminino.

Foi ali, pela primeira vez, que nós, alunos e alunas, fomos chamados a participar ativamente do momento-aula de ensino-aprendizagem e a professora sempre pedia aplausos para quem ia até a lousa colocar a figurinha no “flanelógrafo” (instrumento didático da época, onde se colavam as figuras usadas pela professora de Francês).

Eu, garoto tímido, comecei a me entusiasmar com o jeito de ensinar da Profa. Shirley, que não ficava apenas nessa técnica de ensino. Após alguns alunos e alunas repetirem esse momento, ela abriu a

vitrola, colocou um disco de vinil grande, *long play*, e informou para que todos a ouvissem agora. Colocou para tocar e ouvimos um cantor francês *Christophe*, cantando pela primeira vez nessa língua, a música *Les Marionnettes*. Muito animada e bem ritmada. Este foi um daqueles momentos que registramos pra sempre em nossa vida estudantil. Foi memorável: “*Moi je construís des marionnettes / Avex de la ficelle et du papier / Elles sont Jolie les mignonnettes / Je vais, Je vais, les présentér...*”

Toda a turma fora fisgada auditivamente pela magia da sonoridade fonológica francesa! Mas, não somente, pois os caminhos didáticos percorridos pela professora Shirley, ao planejar e ao executar suas aulas, colocava seus alunos no centro do processo de aprendizado e nós atuávamos juntamente em parceria com ela.

Assim, seguíamos os pedagogos americano John Dewey e brasileiro Anísio Teixeira. Este defendeu a concepção de educação integral e construiu as primeiras escolas em tempo integral na Bahia. Da alfabetização até aquele momento, nenhuma outra professora tinha usado a música popular como recurso didático para o ensino-aprendizagem de seus alunos. A professora Shirley fora uma desbravadora ao usar música como estratégia motivadora em aula para seus alunos aprenderem a língua francesa!

E (acreditem!), isso tudo estava acontecendo, metodológica e didaticamente, numa sala de aula de uma escola municipal, em Arapiraca, Alagoas, na década de 1970, numa época em que ensinar limitava-se à saliva, lousa e ao giz branco...

Foram aulas espetaculares e inesquecíveis, pois até dos momentos avaliativos (as temidas provas da época), das aulas de francês da Profa. Shirley, nós, seus alunos, gostávamos!!



Maria de Lourdes Ribeiro

Formou-se professora primária na então Escola Normal Rural Cristo Redentor, em Palmeira dos Índios. Fez bacharelado em História (UFAL) e pós-graduação em Educação Ambiental no SENAC-RJ. Auditora Fiscal da Previdência Social, participou de Concurso Literário promovido pelo *International Woman's Club* de Alagoas, obtendo o primeiro lugar com a crônica “A Associação dos Moradores do Jardim Botânico em defesa de uma figueira centenária”. Membro do Grupo Literário Alagoano (GLA) e sócia efetiva da Academia Palmeirense de Letras, ocupando a Cadeira Nº 24. Patrona: Ananete Lima de Macedo.

Verdes lembranças

Tenho lindas e verdes lembranças da Princesa do Sertão, majestosamente aninhada na falda da serra da Boa Vista, entre as serras do Goiti e do Candará. Lembro-me, contudo, do grande susto que tomei numa das minhas visitas à casa paterna, em gozo de férias, quando avistei o GOITI desnudado da sua vegetação, cocuruto à mostra como enorme e avermelhada careca gretada pelo sol. O mesmo ocorreu com o Candará, onde o amigo Lula (Luiz de Melo Neves, mais tarde fundador e regente do “Coral Palmeirense Nunes Garcia”), quando menino, brincava escorregando do topo, por entre as bananeiras, até lá embaixo, onde matava a sede e se refrescava num manancial de límpidas águas, desaparecido após a necessária extirpação do produtivo bananal, em consequência do ataque de praga violenta.

O desaparecimento do verde, no entanto, não ocorre apenas no entorno da zona urbana palmeirense. Há dias, adentrei-me pelo sertão, até Batalha, e constatei que os umbuzeiros (*spondias tuberosa*) e juazeiros (*zizyphus joazeiro*) – numerosos, na minha infância! - não mais enfeitavam a árida paisagem. Nem mesmo a sombra que aquelas

árvores sertanejas tão generosamente ofereciam ao vaqueiro e ao gado, para o descanso merecido em meio à labuta sob o sol causticante, foi motivação suficiente para que o homem as preservasse. Assim, a extinção da flora do Sertão, em futuro não muito distante, afetará a mesa dos que apreciam uma boa umbuzada, prato delicioso servido na Semana Santa, principalmente.

E os araçás que faziam a delícia da minha infância? Onde estão os pés de araçá? O juazeiro foi muito importante para minha família: periodicamente, papai mandava preparar o pó da casca daquela árvore para que toda a família com ele escovasse os dentes. Agora sei que aquele pozinho, para o qual alguns parentes torciam o nariz, é usado como matéria-prima de dentifrícios pelos grandes laboratórios multinacionais.

É sabido que pesquisadores daquelas empresas são enviados à Amazônia e aos remanescentes da Mata Atlântica com o objetivo de conhecer e apropriar-se da nossa flora que os enriquecerá ainda mais, pois os fármacos daí resultantes são por eles patenteados e vendidos muito caro. As populações tradicionais dessas matas, detentoras de vasto cabedal relativo às propriedades medicinais das plantas, são contatadas e terminam transmitindo os seus saberes - tudo quanto aprenderam com os seus ancestrais...

A crônica falta de verbas para a Ciência e a mentalidade meramente extrativista dos empresários que exploravam a seringa, por exemplo, permitiram o início do saque aos nossos tesouros florísticos, muitos dos quais endêmicos. Assim ocorreu com a nossa seringueira (*Hevea Brasiliensis*), ouro branco da floresta amazônica, levada em mudas para a Malásia.

É necessário conhecermos mais e melhor o acervo cultural dos povos indígenas e de outros habitantes das florestas e rincões desse Brasil, detentores de grande sabedoria, para sua preservação. Com a palavra, os laboratórios das Universidades!



Jackeline Siqueira Formiga.

Advogada pela Universidade Federal de Alagoas, poetisa e romancista, nascida em Palmeira dos Índios, é autora da quadrilogia do romance sáfico: *Os Olhos de Júlia* e *Os Cabelos de Álice*. O primeiro volume da obra lhe rendeu o prêmio “Mulheres que Escrevem Alagoas, 2024”, organizado pela Biblioteca Pública Graciliano Ramos, em parceria com a SECULT-AL. Integrante do quadro de associado da Academia Palmeirense de Letras como Sócia Colaboradora (2025).

Mãe é amor, e o amor não tem preconceito, e o preconceito não é de Deus

– Está pronta, amor? – Maria perguntou, mão apertando a de Helô, ao pé da escada externa do largo prédio em estilo colonial, de parede azul-royal e fachada branca, cujo pavimento superior compunha-se de doze janelões emparelhados.

– Estou. E você? – Helô devolveu a pergunta. – Ótimo! Então, vamos?

De corações acelerados e mãos gélidas, subiram a larga escadaria e cruzaram a soleira da alta porta de madeira do Lar para Adoção Santa Bárbara a fim de terem contato com as crianças que ali moravam à espera de uma família.

Foram recebidas por uma noviça. Helô tremia quando entrou, de mãos dadas com Maria igualmente trêmula, na sala da direção da instituição e sentaram-se, conforme foram orientadas, em um sofá de couro marrom à espera da diretora. Não esperaram muito, logo uma mulher, de aproximadamente setenta anos, olhos negros, semblante sereno, compleição física frágil e andar um tanto quanto curvado, vestida em um hábito de freira, apresentou-se como Irmã Dolores. Maria e Helô ergueram-se do sofá, de feições tensas e sorrisos tímidos.

– Sentem, minhas filhas, sentem – disse a freira, com a voz mansa e baixa. – Fiquem à vontade. – Sentou-se, ela mesma, em uma poltrona quase à frente do casal. – Quer dizer que vocês querem adotar uma criança?

– Sim – Maria respondeu, a voz um pouco travada pelo nervosismo. – A gente vem amadurecendo essa ideia há algum tempo já.

– Vocês são irmãs? Mãe e filha? – perguntou a freira, de olhos estreitados.

Maria e Helô entreolharam-se e leram em seus olhos o mesmo pensamento: a freira as via como irmãs ou mãe e filha porque as rejeitava como casal. Sabiam que, a partir da resposta àquela pergunta, o desejo de serem mães poderia ser frustrado. Temerosa, porém, segura de sua decisão, Helô passou o braço por dentro do de Maria, fitou a religiosa e, com humildade, disse:

– Não, o laço afetivo que nos une é outro. – Respirou fundo e, de um fôlego só, acrescentou: – Nós somos casadas há doze anos.

O silêncio que tomou conta do ambiente só não foi absoluto graças às vozes de crianças ao longe invadindo o espaço. Helô não desviou os olhos da freira nem por um segundo. A leitura da fala anterior somada ao medo de ser literalmente rechaçada como mãe por causa de sua sexualidade a impulsionava a buscar sinais de repulsa no rosto da religiosa. Para Helô, o silêncio de Irmã Dolores perdurou por horas, mas, em verdade, foi rompido em menos de dez segundos.

– Pensando aqui com meus botões: – disse a freira. – Doze anos é muito tempo para um casal ficar sem filhos. Por que demoraram tanto?

A aceitação de seu casamento explicitada na palavra “casal” pronunciada de forma tão natural e o puxão de orelha contido na pergunta superaram, em muito, as previsões mais otimistas de Maria e Helô. Sem ter o alcance das angústias secretas de ambas, Irmã Dolores as espiava com olhos sinceros à espera da resposta. Maria liberou a respiração apreensivamente suspensa, e Helô sorriu aliviada. A leitura da fala inicial e do curto silêncio da freira foram apenas efeitos dos

vários traumas deixados pela homofobia ao longo de suas vidas. Assim concluíram.

– Nós temíamos não sermos aceitas como mães – Helô desabafou.
– O medo nos privou de buscarmos a adoção há mais tempo.

– Por não serem um casal hétero? – a freira perguntou, embora soubesse a resposta. – Não ligo para isso. Mãe é amor, e o amor não tem preconceito, e o preconceito não é de Deus. – Irmã Dolores lançou um olhar materno às duas e seguiu com suas indagações: – Se tinham medo de não serem aceitas para adoção, por que não recorreram à inseminação artificial? Muitas de vocês fazem isso.

– Eu estou com cinquenta e dois anos – disse Maria – e já sinto os efeitos da menopausa, não poderia engravidar, mas Helô tem trinta e dois, está em idade fértil e tem útero e ovários saudáveis, poderíamos sim gerar nosso filho, porém...

– Queremos ser mães do coração – Helô deu continuidade à fala de Maria. – Foi nossa escolha, feita há muito tempo. Seremos muito felizes assim.

– Então, a adoção é uma escolha, apesar do medo da rejeição? – A freira quis ter certeza, ambas responderam com um sonoro sim. – Não é por falta de alternativa? – A resposta “não”, esperada por Irmã Dolores, veio verbal e com um frenético menear de cabeça para reforçá-la. – Isso é muito importante, essas crianças já sofreram muito, apesar da pouca idade, elas merecem um lar, para o qual são escolhidas não por falta de opção, mas por querer, por amor. – Irmã Dolores deu uma curta pausa a analisar os rostos mais relaxados de Maria e Helô e, depois, perguntou: – Vocês já cumpriram as outras etapas para adoção?

– Sim. – A resposta veio de Maria. – Já fizemos nossa habilitação na Vara da Infância e da Juventude e iniciamos o processo, até atestados de sanidade mental e certidões criminais tivemos de providenciar – Maria brincou para quebrar o clima. – Já fomos incluídas no cadastro do Sistema Nacional de Adoção, o SNA.

– E agora aguardam resposta, não é mesmo? É, demora um pouco. Vocês vieram ao lar para conhecer as crianças, mas o que esperam encontrar?

– Uma criança precisando de mãe, um lar e amor – Helô respondeu.

– Temos dezenas de crianças com esse perfil, filha. – A freira mostrou-lhes as palmas abertas como a dizer que a resposta era vaga. – O que eu quero saber é: qual a ideia de criança existe aí na cabecinha das duas? – Irmã Dolores esclareceu.

– Características? É isso? – Maria quis confirmar se entendeu certo.

– Características, exatamente. Idade, estado de saúde, gênero, etc.

– Deixamos em aberto, quando preenchemos o formulário – Helô adiantou-se na resposta. – Torcemos, na verdade, para sermos escolhidas por uma delas e sejamos aceitas na fila de adoção. Nossos corações se reconhecerão, Irmã.

– Hum! – A religiosa sibilou, tamborilando os dedos no braço da poltrona. – Então, não exigem o combo recém-nascido-saudável-branco, não procuram a imagem e semelhança de vocês, não querem apenas as de olhos azuis e...

– Ave Maria! – Helô exclamou com grande espanto. – Não.

– Não procuramos um produto, Irmã, procuramos um filho ou filha – Maria completou, com certa indignação.

– Perdão. É comum isso acontecer, então... Bom, esse não é o caso de vocês. Amém! Tenho mais uma pergunta a fazer. – Helô e Maria remexeram-se no sofá a se empertigarem, prontas para responderem. – E se os corações de vocês escolherem uma criança com algum irmão, vão separá-los?

Maria e Helô ficaram em suspenso por alguns segundos, não analisaram aquela hipótese. O olhar especulativo da freira as impedia de trocarem olhares cúmplices para combinarem a resposta. Diante daquela situação, cada uma resolveu responder com seu coração e, em uníssono, disseram não. Entreolharam-se com sorrisos de alívio por seus corações estarem em perfeita sintonia.

– Adotaremos a família inteira, se necessário – Maria complementou a resposta, agora com a segurança de que Helô a acompanharia na decisão.

Irmã Dolores alongou os lábios em um sorriso de satisfação.

– Maravilha! Vamos conhecer as crianças? – A freira pôs-se em pé. Helô e Maria a acompanharam no gesto. – É por aqui.

Maria e Helô visitaram os quartos onde as crianças dormiam separadas por sexo e por idade repletos de meninos e meninas desde a mais tenra idade até os dezoito anos incompletos, sendo que, em sua grande maioria, negras e em idade acima de cinco anos, “as mais difíceis de serem adotadas”, conforme explicou a freira. Visitaram o refeitório e as instalações onde as crianças brincavam, estudavam e desenvolviam trabalho artístico. Era tudo muito simples, e as instalações precisavam de reforma. Maria perguntou como o lar era mantido.

– Doações – disse a freira. – Caso queiram ou conheçam alguém que possa nos ajudar na reforma do prédio, ficaremos muito gratos.

Maria olhou para Helô e viu nos olhos dela o mesmo nome que no seu.

– Temos uma amiga arquiteta que pode ajudar sim – Helô comentou.

Uma hora já se passara e, embora elas tivessem se encantado por várias crianças, a culpa por só poderem adotar uma, salvo tivesse algum irmãozinho, conforme prometido, interferiu em sua conexão com alguma criança em especial.

– A culpa não ajuda muito nesse momento – disse a freira, notando a feição sofrida de Maria. – Abram seus corações ao amor, não à compaixão.

Para animá-las, Irmã Dolores passou a narrar histórias de adoções bem-sucedidas, enquanto caminhavam pelo jardim. Em certo momento, Helô virou a cabeça de lado e sentiu o coração palpitar ao ver um menino fonzinho correr de uma palmeira leque a outra, como a observá-las em segredo. Helô seguiu sua caminhada e, para não o desestimular em sua brincadeira, fingiu não o vir e o espreitou com o canto do olho em sua corridinha travessa e furtiva entre as palmeiras. Helô baixou a cabeça e sorriu com a artimanha da criança ao vê-la correr nas pontas dos pés a fim de evitar ser descoberto pelo barulho de seus pezinhos nas

pedras brancas do jardim. Em certo ponto, a freira parou abruptamente, levando Helô e Maria a fazerem o mesmo. A criança, pega de surpresa por aquela parada não programada, teve de se contentar em mal esconder-se atrás de uma roseira.

— Irmã, como se chama aquele menino? — Helô apontou com o queixo para a criança, cujo corpo, mesmo tão franzino, não se tornara invisível atrás da roseira. Timóteo? Hum! — Helô trocou com Maria um olhar de cumplicidade.

— Eu não o tinha visto ainda — Maria disse, espiando discreto para o garoto.

— Ele sempre se esconde quando aparece alguém visitando as crianças — a freira explicou. Maria e Helô a fitaram com uma grande interrogação na testa. — Ele tem medo de não ser escolhido, por isso, prefere não ser visto.

— Ele tem quantos anos? — Maria quis saber. — Quase cinco?! Está aqui desde quando? Nossa! Desde que nasceu? — A criança agachou-se e as espiou com curiosidade, certa de ser invisível. Maria sorriu e pensou: “meu coração já lhe viu”.

— Podemos falar com ele? — Helô indagou, com um olhar quase de súplica.

— Sim. Mas não se espantem se ele fugir. — A Irmã esticou o pescoço a fim de melhor visualizar a criança e a chamou: — Vem cá, Timóteo. Essas moças querem te conhecer. — O menino ergueu-se, deu um passo para o lado e mostrou-se por inteiro, pareceu querer ir ao encontro das três mulheres, mas relutou. — Vem, meu bem, não tenha medo, elas só querem falar contigo. — A criança deu alguns passos para trás, a freira virou-se para as duas e disse: — É como eu falei, ele é arredio, dificilmente ele virá... — Irmã Dolores interrompeu-se, pasma, ao ver Timóteo correr em sua direção. — Deus seja louvado! — disse, boquiaberta.

Helô apertou o antebraço de Maria com força. Maria a fitou e viu seus olhos rasos d’água, também emocionada, repousou sua mão sobre a dela e lhe fez um sinal com a cabeça para lhe passar segurança. “Estamos juntas”, Maria pensou. Timóteo parou a dois metros delas.

Tímido, aproximou-se devagarinho. Trêmula, porém, controlando as lágrimas para não assustar a criança, Helô ajoelhou-se e abriu os braços lentamente a convidá-lo para um abraço.

– Oi amiguinho, tudo bem? – Maria perguntou ao notar o rostinho relutante de Timóteo. Agachou-se apoiada em um dos joelhos e estendeu a mão. Timóteo olhou para Helô esforçando-se para não enrugar o rosto e irromper em lágrimas, depois para a fisionomia pasma da freira e, por fim, para Maria, para quem assentiu com a cabeça em resposta. As mãozinhas esfregando-se ansiosas motivaram Maria a sorrir e, percebendo que Helô não conseguiria falar sem embargar a voz, seguiu na tentativa de comunicar-se com ele. – Eu sou Maria, e essa é Helô.

– Oi, lindinho! – Timóteo arregalou os olhos ante a doçura na voz de Helô. – Tudo bem? – Timóteo sorriu e sacudiu a cabeça positivamente. – Vem cá. – Helô estendeu a mão, a palma virada para cima, Timóteo deu dois passos e segurou as pontas de seus dedos, Helô fechou a mão devagar prendendo os dedos miúdos dele nela, olhou-o com meiguice e, antes de pronunciar a próxima palavra, Timóteo entrou em seu abraço e enlaçou seu pescoço. Helô suspirou aliviada, abraçou o corpinho magro de Timóteo e estendeu os olhos à Maria, ela lhe piscou em resposta, liberando as lágrimas presas nos seus. Nada mais precisavam para entenderem que seus corações, como um só, escolheram Timóteo como filho e foram, por ele, escolhidas como mães.

– Timóteo – Maria disse, alisando sua cabeça coberta por uma pelugem de cabelos pretos e crespos. Timóteo desfez o abraço em Helô e virou-se para ela. – Você quer ser nosso filho? – Maria perguntou, acarinhando sua bochecha. Timóteo esboçou um sorriso, mas sufocou sua emoção mordendo a mãozinha fechada, olhou para a freira em busca de autorização para responder e recebeu dela uma piscada seguida de um sorriso. – Quer morar com a gente e nós três sermos uma família feliz? – Maria seguiu. Timóteo tirou a mãozinha da boca, e seus olhos encheram-se de água. Ele olhou para o sorriso doce de Helô e, sem nada dizer, saltou para os braços de Maria e a apertou com força.

Maria ergueu-se, trazendo consigo o menino agarrado ao pescoço. Helô pôs-se em pé, abraçou os dois e beijou Maria por sobre o ombro de Timóteo: – Nossa família está completa, amor.

– Nosso filho – Helô colou sua testa na dela, com Timóteo entre elas.

Após liberarem a emoção, a freira as convidou para retornarem à sala da administração. Maria a acompanhou com Timóteo grudado a seu corpo e Helô logo atrás, acarinhando o rosto da criança, repousado sobre o ombro de Maria.

Alguns minutos depois, outra freira entrou na sala e, a muito custo, levou a criança com a promessa de que após o banho ele poderia revê-las. Ao ficarem sozinhas com Irmã Dolores, uma conversa mais delicada foi iniciada. Maria e Helô ouviram atentas o passo a passo até a Vara da Infância e Juventude autorizar o estágio de convivência supervisionada de Timóteo com recomendação do Lar.

– Nós não podemos levar agora? – Helô indagou, em completa agitação. – Não, Irmã! Há meses não nos procuram, não nos indicam uma criança. Nós nos encontramos, nós duas e ele, Timóteo já é nosso filho, não podemos deixá-lo aqui. Maria. – Virou-se para a companheira em aflição. – Não saímos daqui sem ele.

– É preciso cumprir os trâmites, amor, já sabíamos disso – disse Maria, com grande pesar. – Eu sinto muito, meu bem.

– E se outra família, à nossa frente, levá-lo de nós? – Helô perguntou, aflita.

– Confie nela, filha – Irmã Dolores apontou para uma linda imagem de Santa Bárbara exposta em um altar ao canto da sala. – Ela lutará por vocês.

– Confiamos, Irmã, mas, no momento, precisamos de ajuda terrena – Helô rebateu, mãos na cintura e caminhar nervoso pela sala. De repente, parou e balançou o dedo indicador no ar. – Eu sei quem pode nos ajudar. Irmã, me dê um segundo, por favor. – Trêmula, puxou o celular do bolso da calça de Maria e fez uma ligação. – Júlia vai resolver essa parada para nós. Alô, Júlia...

A amiga que resolveu a parada foi Álice. Em poucos minutos, Caroline Melo, sua advogada para causas cíveis, chegou ao lar de adoção. Após uma breve conversa com Irmã Dolores, coleta de sua declaração atestando a aprovação delas como candidatas a mães de Timóteo, seguiu para o fórum, e, em duas horas, o lar de adoção fora intimado da liberação para o estágio de convivência com Timóteo.

– Fomos beneficiadas pela infeliz falta de interesse de casais por crianças acima de quatro anos – disse a advogada. – Vocês foram lááá para o topo da fila. Olha, o sistema de adoção tem se aprimorado muito, juiz nenhum negaria a convivência da criança com vocês porque o que importa é o melhor interesse dela.

– Irmã Rita – Irmã Dolores gritou, eufórica, à porta de sua sala. A freira chamada prontamente a atendeu. – Vá buscar Timóteo. Traga as coisinhas dele.

– Coisinhas dele? – Helô perguntou. – Não precisa, Irmã, vamos comprar roupas para ele. Doutora, qual o próximo passo? – Conversavam sobre as regras da decisão judicial, quando a voz de Timóteo invadiu doce os ouvidos de Helô.

– Mamãe! – Timóteo gritou.

Helô e Maria saíram às pressas da sala e o esperaram ajoelhadas e de braços abertos. Timóteo corria à frente de Irmã Paula pelo corredor do lar de adoção, o sorriso branco escancarado contrastando com o tom escuro de seu rostinho feliz. Presa à sua mão direita, tremulava, com o balançar eufórico dos braços, uma girafa de pelúcia. Timóteo foi protegido pelos braços maternos de Helô e Maria, e seu rosto até então marcado por dor e abandono, encheu-se de beijos carinhosos.

Ao saírem do lar de adoção, Maria, Helô, Timóteo e sua girafinha, única coisa que quis levar consigo, deram de cara com Marta, Simone, Júlia e Álice, com as mãos repletas de sacolas com presentes para o novo membro do grupo.



Ana Clara Vieira de Vasconcelos

A escritora palmeirense possui formação no Magistério pela Escola de Educação Física e Desportos - Universidade do Brasil. Sócia efetiva da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes – APALCA, ocupando a Cadeira Nº 28 (sua 3^a titular), cujo Patrono é Sebastião Jacinto Silva.; Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas - IHGAL e Fundação das Culturas e das Artes de Palmeira dos Índios - FACUPIRA. Autora de livros, artigos em jornais e revistas sobre folclore e patrimônio alimentar.

A universalidade do folclore

Não poderia deixar de registrar as estórias e histórias que meus avós, pais e amigos, pessoas que nos cuidaram quando crianças e encheram-nos de sonhos, ajudaram a florescer nossa imaginação. Para elucidar sobre mitos, lendas e o universo criativo, Renato Almeida, em “Vivencia e Projeção do Folclore, na página 147 sobre lendas, ele afirma que é a narrativa fantasiosa sobre um fato real. Ao contrário do mito que é uma história inteiramente fantástica, porém muitas lendas têm traços míticos de sorte que não é raro a diferenciação, é complicada e difícil. Assim é a imaginação coletiva dos povos. No cenário brasileiro, de Norte a Sul, lendas como o Saci Pererê, a Vitória Régia, Negrinho do Pastoreio, Mula de Padre, Mapinguari, Papangu e Bicho da Usina Uruba, (Alagoas).

A importância incontestável do imaginário popular é a afirmativa por mais de um milênio trazida por colonizadores falando sobre fadas das histórias da *Branca de Neve*, *A Bela Adormecida*, *A Gata Borralheira* entre outras. Isso explica o contar das estórias, como adiante veremos, sobre as origens portuguesas, espanholas e de outros países e continentes, que aqui aportaram desde o descobrimento das terras das Américas. Citamos: *A bela adormecida*, de Charles Perrault

(escritor francês), *Chapeuzinho vermelho*, *Cinderela*, *O gato de botas*, e *O pequeno polegar*.

Hans Andersen (1805-1865), na Dinamarca, escreveu *A pequena Sereia* e a *Rainha das Neves*, inspirando o filme *Frozen*.

Escritores no Brasil com temas populares dão destaque a Ariano Suassuna em *O Auto da Compadecida*, donde se inspirou em história de cordéis, a exemplo de João Grilo e suas peripécias (Giambatiste Basile 1634-36 e Teófilo Bragal). Câmara Cascudo cita versões antigas: 1132, no Cancioneiro da Vaticana, Sec. XIII e XIV... chegou Payo de Maas Artes: com seu *de chartes*, semelha-me busuardo vindo em cerame; em cordel, Cancão de Fogo – O menino e o Passarinho. Mazzaropi, no cinema brasileiro, fez importantes filmes com os personagens do autor; também outros se inspiraram nessa literatura, citando as óperas como protagonista, o Malazartes de Oscar Lourenzo Fernandez e Graça Aranha, Camargo Guarnieri e Mário de Andrade.

Folcloristas alagoanos: Dr. Théo Brandjao, Hekel Tavares, Arthur Ramos, José Maria Tenório Rocha, Professor Pedro Teixeira, Prof. Ranilson França, Dr. Olegário Venceslau, Prof. José de Arimatéia Vasconcelos, Dr. José Vieira Passoa Filho (José Celso), Ana Clara Vasconcelos, Ana Cristina Moreira, Max Rocha, Fernando Lobo, Carmem Lúcia Dantas, Carmem Lúcia Omena, Luiz Gonzaga Barroso Filho, Ivan Barros (escreveu Lendas do Sertão). Demais folcloristas, nos Boletins da Comissão Alagoana de Folclore.

Escritores palmeirenses: Jorge tenório, Jorge Vieira, Adalberon Cavalcante, Luciano de Matos, Alba Granja Medeiros, Ademar Duarte Constant, Amarílio Santos, Alvino Correia, Ana Clara de Vasconcelos (folclorista), Cristina Moreira (folclorista), Antônio Caetano Pinto (folclorista), Antonieta de Barros Torres, Carlos Pontes, Elias Medeiros, Eraldo Vieira de Melo, Epaminondas José de Araújo, Everaldo Damião da Silva, Francisco Xavier de Macedo, Gilberto Marques Paulo, Geovan Xavier Benjóino, Graciliano Ramos de Oliveira, Hélio Luiz Lima de Moraes, Herbert José Lisboa Martins Torres, Isvânia Marques da Silva, Ivan Bezerra Barros, João Francisco Duarte, José Jurandir de Oliveira, José Pantaleão Neto, José da Costa

Sampaio, José Delfim da Mota Branco, José Maria Melo da Costa, José Alves Pereira, Lidenor de Mello Motta, Luiz de Barros Torres, Luiz Antônio, Manoel Bezerra e Silva e Maria Lúcia Duarte. No seu todo conteúdo, baseia-se na natureza em todos os aspectos da vida.

Musicistas, grafia singular (partituras): Julião Marques, Cícera Germana, Eugênio Pacchelli, Wellington Augusto. Temos registros de Monsenhor Luiz Ferreira, José César de Barros, padre Bonifácio, Amparo Neves, Luiz Neves, padre Norato Rosas, (1901), Raul Moura, Vange Oliveira, Breno Wanderley e Edson de Aguiar.

Mesmo na frenética corrida espacial, entre as ciências e *fakes*, o interesse financeiro, o poder, percebe-se que a sobrevivência da humanidade parte da seriedade, do sonho e de fantasias.

Mundo que segue.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

MELO, Veríssimo de. **Folclore infantil.** Livraria Editora Cátedra. Rio de Janeiro – 1981.

VASCONCELOS, Pedro Teixeira de. **Folclore, dança, música e torneio.** Maceió - 1978.



Ruth Freitas de Assis Nunes

Professora universitária aposentada pela UFAL, na disciplina Sociologia. Nascida em Palmeira dos Índios-AL, tornou-se sócia efetiva da Academia Palmeirense de Letras, ocupando a Cadeira Nº 05 (sua 2^a titular), cujo Patrono é José Delfim da Mota Branco. É autora de quatro livros: *Rol de Sentimentos*, *Solidariedade Educacional*, *Essências* e o *Gato Nikita*.

Sonhando

Viajo imaginariamente pelas galáxias e lá encontro um Anjo branco e lúcido que, com a mão no queixo, falava em silêncio, de que todos devemos acreditar na imensidão do infinito e na eternidade do tempo. O espaço estava muito iluminado com o raiar do dia e umas nuvens buliçosas começaram a formar figuras inusitadas de bichos e de outras coisas muitas.

O sol brilhante se espalhou por aquele lado e conferiu à terra uma maravilhosidade ímpar. Foi quando um pássaro começou a cantar melodiosamente cá embaixo, con clamando o Anjo lá de cima a se apresentar às pessoas do planeta Terra.

O Anjo desceu sorrindo muito e chegava até a se engasgar, de tão engraçado achar as pessoas indo e vindo como se estivessem a borbulhar. Ao aterrissar, ele foi até uma comunidade de pessoas muito humildes e ficou estarrecido em visualizar tanta falta de elementos que garantem a sobrevivência dos seres humanos. Então, ele chorou copiosamente e suplicou a Deus que enternecesse os corações dos políticos daquele país, para dar dignidade àquelas numerosas famílias.

Voou dali para o litoral e viu prédios suntuosos e querendo arranhar o céu, onde moravam os ricos da sociedade. Então perguntou ao transeunte quanto custava um apartamento daqueles. A resposta foi impactante, pois os números de três dígitos correram da boca do

informante. Estarrecido o Anjo ficou e não conseguia compreender como ser tão rico ali e tão pobre acolá.

Então, soube que grandes escritores como Graciliano Ramos e muitos outros, até poetas como Patativa do Sertão e cantores como Luiz Gonzaga, já cantavam, nos seu tempo, essas misérias das desigualdades humanas.

E o anjo soube também que uns pensadores de países longes do Brasil também falavam em igualdade social, sendo um deles Karl Marx (com o seu livro *O Capital*), Gramsci e Rosa Luxemburgo, que deram suas existências em prol dessa utopia.

Também soube que alguns homens pensadores, entre eles Platão, afirmavam que primeiro as ideias são pensadas e somente depois executadas.

O Anjo soube, ainda, que uma das escolas de samba do Rio de Janeiro fazia o maior espetáculo coreográfico da face da terra, onde milhões de reais eram gastos para fazer rainhas e reis encantados, com baianas e porta-bandeiras, carros alegóricos muito altos e tudo de uma criatividade e lindeza inimagináveis.

Sem mais nada entender daquilo tudo que presenciava, o Anjo aspergiu muitas estrelinhas de São João nas comunidades periféricas, e as crianças dali que brincavam de roda ficaram entusiasmadas e curiosas para saber como eram elaboradas aquelas coisinhas luminosas. Ao serem apanhadas, não queimavam as mãos da meninada.

E bem pertinho delas - e sem ser visto por elas - o Anjo gargalhava.

Aquele Anjo tinha um projeto de aproximação com o mundo material, pois se sentia profundamente humano nas suas conjecturas metafísicas e físicas.

Era ele um Anjo exponencial e desejoso de muitas felicidades a espalhar pelo mundo e parecia até que a grandeza espiritual dele impunha-se a si próprio, tal era a sua vontade de fazer todos os humanos felizes.

Seu território galáctico era lírico e podia até transformar o mundo, se a maior Divindade assim o quisesse.

Sabia que todos os homens resultam do binômio corpo e alma, unidos em amores ardentes e em segredos delicados, enquanto não se fartam de viver juntos. Observou que nesse tanto amor espiritual e tão pouca vida material, o homem vai se desgastando com a idade, enquanto o cristal luminoso da alma muda de lugar e continua...

A alma transformada ou evoluída vai ocupando físicos, sabendo seu tempo de firmeza absoluta em tudo e sendo relativa nos corpos que se reduzem a pó. Mas, a alma, segundo o Anjo, vai ocupando vidas escassas e apressadas (ou demoradas). Afirma, ainda, que a alma vai constantemente caminhando, lépida e fagueira, em viva formosura, graça pura, luz alta e serena, raio de divina programação de Deus, sendo ela o sol em que cada um de nós está.

E, em sua viagem imaginária, o anjo vai contemplar o mar da Jatiúca para meditar sobre sua instabilidade de movimentos ruidosos e impetuosos, ou calmos e impávidos, mas sempre por muitíssimos anos, espalhando suas salgadas ondas borbulhantes pelo litoral imenso e impactante.

Dessa forma, o Anjo não para no tempo, no mar, nas primaveras ardentes de tantas flores, nos verões sertanejos, nos invernos do Sul e nos outonos do tempo todo. O Anjo, sempre cantando o que lhe vem no peito translúcido, diz que “tudo vem de Deus” e que os homens deste planeta Terra precisam se dar as mãos e fazer o mundo inteiro feliz.

E o Anjo volta para sua galáxia.

Senta-se no trono e, com a mão no queixo, esperançoso de um futuro feliz para todos, homens e natureza, sorri levemente e sopra no ar beijos para o povo de Palmeira dos Índios!...

QUARTA PARTE
ENTRE VERSOS E REVERSOS



Luzia Rodrigues

Professora, graduada em Pedagogia e Letras (UFAL) e Pós-Graduada pela UNOPAR em Gestão e Organização em Escola. É autora de vários textos em antologias deste Estado. Em 2017, foi agraciada no prêmio “Mulheres Que Escrevem Alagoas” concedido pela SECULT-AL. Sócia correspondente da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes (APALCA). Integrante do grupo Confraria: Nós, Poetas (Maceió-AL).

“Princesa do Sertão”

Oh, Palmeira dos Índios!
Que um dia me acolheu
Não sei se foi obra de destino
Como tudo aconteceu
“Princesa do Sertão”
Trago excelente recordação
Na vivência
Da minha infância e juventude
De um estado de plenitude
Galguei na cadência
Do ritmo, a poesia
Na busca da beleza e alegria.

Oh, Palmeira dos Índios!
Terra da Cultura e da Arte
Povo acolhedor por toda a parte
Aqui tudo se rima
E contamina
Na diversidade
Das lendas de “Tixiliá e Tilixi”

E dos índios Xucuru-Kariri
Dos ilustres alagoanos
Jofre Soares e Jacinto Silva
E Graciliano Ramos
Com sua total simpatia
Foi prefeito e escritor
Sua raiz aqui fincou
E com sua força viril
A cidade o consagrou.

Oh, Palmeira dos Índios!
Cidade serrana com seus encantos
Cristo de Goiti fascinante
Sou povo sabe como é...
Cativante e hospitaleira
Nossa Senhora do Amparo, a padroeira
Erguendo a força da fé
E um tom de saudade
Renasço na mesma cidade
Com o título de “Sócia Correspondente”
Voo cego de sentimentos
E dessa intensa felicidade
Agradeço a APALCA seu reconhecimento.



Elisabeth Wolbeck Jüngermann Dorta

Médica, professora, artista visual, escritora, poetisa e ilustradora. Esta alagoana, nascida em Palmeira dos Índios, participou de várias exposições artísticas e Antologias (Maceió). Autora do livro *Baú de Poesias* (2023). É sócia efetiva da Academia Palmeirense de Letras, ocupando a Cadeira Nº 36 (como sua titular), cujo Patrono é Geraldo Costa Sampaio. Pertence à Confraria “Nós, Poetas” (Maceió - AL).

Palmeira, Princesa do Agreste

Essa terra tão garrida,
De palmeiras e natureza fenomenal.
Cercada por belas serras:
Candará, Boa Vista, Goiti.
Banhada por rios e açudes:
Coruripe e Traipu.
És uma estrela radiosa,
incrustada no Agreste,
do solo fértil Alagoano,
A PRINCESA DO SERTÃO.

Essa terra rica de História,
De bravura e fé sem par,
Nasceu em seio indígena,
XUCURU e KARIRI.
Embalada numa lenda de amor,
Amor profundo de Tilixi e Tixiliá.
Fundada há mais de 250 anos,
Desde 1889, Emancipada.
A 136km da capital Maceió
Quarta maior cidade aclamada.

Essa terra tropical úmida
Sempre por seus filhos idolatrada,
Berço de grandes personalidades,
Jacinto Silva, Jofre Soares, Graciliano,
Simplícios, Tenórios, Pimentel,
Monsenhor Macedo, Odilon, Luiz B. Torres...
Muitos mais tem ofertado seu legado.
Dentro do nosso coração está,
Palmeira dos Índios, terra abençoada.
Sua gente hospitaleira,
Ao estrangeiro não nega morada.

Essa terra celeiro de talentos,
Pela APALCA aclamada,
Nas altitudes de 342 metros,
Pelo Cristo do GOITI abençoada.
Tua bandeira nas cores verde-branco-amarelo,
Teu brasão tem a cruz e o escudo.
Indicando tradição e vocação cristã.
Ramos de algodão e milho sua riqueza.
Coroa sobre cacto, atestando teu título de princesa.
Mais uma coroa sobreposta ao escudo:
A cidade, tua honra, tua glória e nobreza!



Mônica Campos Albuquerque

Formada em Tecnologia de Segurança do Trabalho. Autora de livros: *Néctar da Paixão* (2017-MG) e *Poesia e suas amplitudes* (2023-SP). Participou das antologias: *Encontro di-versos* (2017-MG); *Primeira Antologia da Confraria Nós, Poetas* (2023- AL); *Eros* (2023-SP); duas edições da revista *Mensageiro de poesia*. Portugal: maio/junho de 2018 e julho a setembro/2018. Participou de Recitais Literários (SESC-AL, Teatro Jofre Soares e Teatro Deodoro). É Sócia Correspondentes da APALCA.

Uma nova mulher...

Dei um tempo em tudo
Em meus sonhos,
Em meus quereres,
Em minhas dores,
Em meus amargores,
Em meus questionamentos,

Mas dei um tempo...
Em mim,
No que idealizava ser real
No que explodia em meu peito
No que me afligia
Em meu ser,

Pois foi preciso
Me resguardar, silenciar e me afastar
Para poder transbordar todas as lágrimas e deixar desaguar no mar da desilusão,
Sentimentos ainda vivos e inconstantes,
então lancei todas as minhas dores para o universo,

Pois não aguentava mais dias e noites frias e longas
sufocando e dilacerando toda e qualquer esperança
que ainda possuía no amor,

Então cheguei ao fundo do poço, olhei para o céu, para o meu “eu”
e respirei outros ares, descobri outros horizontes,
outras estradas, outros recomeços,
pois o meu real era ilusão, coisas de minha mente sonhadora,

Coisas de um coração carente, só!
Onde vi coisas que não existiam e caí em queda livre de um penhasco,
trazendo na alma o mais triste lamento,

Mas sobrevivi, então despertei e renasci,
Aprendi a enxergar com a razão e voltei a sorrir, a viver,
A me redescobrir
E hoje sou mais eu,
Sou mulher,
Sei o que quero,
E onde quero chegar,
Me amo e isso basta!

E o meu coração?
Hoje está liberto, voando cada vez mais alto
com suas asas brancas, cheirosas e macias feito algodão,
livre para sonhar e para amar novamente.



Rafaela Silva de Oliveira

Escritora com formação em Eletrotécnica (2009), pelo Instituto Federal de Alagoas – IFAL. Advogada, formada em Direito (Universidade Regional da Bahia -2015), pós-graduada em Direito Tributário (Universidade de Tiradentes) e em Direito Empresarial (Faculdade Focus). Escreve para Antologias deste Estado. Vencedora do X Concurso Prosa e Verso Graciliano Ramos (2023), pela Academia Palmeirense de Letras. É sócia colaboradora da APALCA.

Sou Filha do Meu Sertão

No meu sertão nordestino
O sol nasce reluzente
Brilha no rosto do povo
Que sorri tão contente
E o calor que ali impera
Vale mais que um ouro ardente.

Na terra rachada e quente
Tem o riso da criançada
Tão puro como a luz viva
Que entra na alma encantada
Mesmo o chão sendo sofrido
A alegria é celebrada.
Ah, meu sertão tão querido!
Tem beleza e tradição
Com o luar e os terreiros
Cantoria e oração
Tem poeta, tem locutor
Cada um com sua paixão.

Brotam flores no mandacaru
Na noite que Deus pintou
Tão branca na escuridão
Que até o breu clareou
É flor feita pra amar
Com o brilho que o luar deixou.
Tem fogueira nas calçadas
Tem sanfona e brincadeira
Tem prosa nas madrugadas
Com riso na noite inteira
E cada casa é um ninho
De alma simples e verdadeira.
Quero viver nesse chão
Sentir o sol me tocar
Ver o céu de noite clara
Com a lua a iluminar
E a flor de mandacaru
Com seu jeito de encantar.
Sou filha do meu sertão
Com amor no coração
Sou sol, sou luz do arrebol
Sou cantiga e oração
Sou vento que sopra livre
Nas colinas do torrão.
Tem reza no pé da serra
Tem promessa em romaria
Tem vaqueiro lá na mata
Tem o toque da harmonia
Com zabumba e com pandeiro
Cantador faz cantoria.
Lá no terreiro da roça
Tem café coado na hora
Tem prosa de fim de tarde
Tem sossego que não demora

E o cheiro da lenha acesa
Faz saudade vir embora.
Tem mulher forte e guerreira
Tem menino sonhador
Tem esperança plantada
Mesmo em tempo sem flor
E tem fé que não se abala
Nem com seca, nem com dor.
No inverno tudo floresce
A terra canta de amor
O verde cobre os caminhos
E se acende o interior
A fartura toma conta
Do feijão ao girassol.
Tem chuva que vem mansa
No silêncio do sertão
Cada pingo é uma bênção
A cair no chão do chão
E a alma do nordestino
Transborda gratidão.
O sertão não é só luta
É beleza, é poesia
É cultura que resiste
Feita de sabedoria
É raiz que não se arranca
Mesmo com ventania.
Por isso eu sou orgulhosa
De ser do chão do agreste
De falar com voz firme
De ser brava e nordeste
Sou filha da terra seca
Mas minha alma é celeste



Ari Lins Pedrosa

Formado nos cursos: Técnico de Estrada pela Escola Técnica Federal de Alagoas (Maceió-AL/1979), Ciências Contábeis (CESMAC) e Pós-graduação em Auditoria, Controladoria, Finanças e Gestão. Autor de 29 livros publicados. Participou de 46 antologias. Recebeu 67 prêmios literários. Sócio Correspondente da Academia Palmeirense de Letras (APALCA) e integrante da “Confraria Nós, poetas”. Sócio efetivo das Academias: Alagoana de Cultura, Maceioense de Letras e Acad. de Letras e Artes do Nordeste (ALANE).

Senhora

O vento valsa no espaço etéreo,
parece voo messiânico
que varre meus pés de jeito mecânico.
O rosto da senhora alva é funéreo,
deixando meu coração estéril,
sem permitir emoção,
só meus olhos
ficam fixos nos seios rígidos,
perdido de tesão.



Pedro Duarte de Oliveira

Nascido em Palmeira dos Índios-AL, é Jornalista, escritor, professor universitário e membro da União Brasileira de Escritores. Autor de colunas semanais em vários espaços de jornais deste Estado e país, além de Blogs.

Autor de cinco livros que permeiam diversas temáticas atualizadas. É sócio efetivo da Academia Palmeirense de Letras - APALCA, ocupando a Cadeira Nº 26. Patrono: Marçal José de Oliveira (seu avô).

O parto

No silêncio da noite cerrada,
quando a lua vigia sem som,
um grito pequeno irrompe
e rasga o ventre do dom.

É vida que pede passagem,
na palma da mão do destino,
com cheiro de sangue e coragem
e olhos que ainda são meninos.

Os ventres se abrem em fé,
as dores dançam em roda,
e a parteira, com mãos de maré,
acolhe o tempo que brota.

Não há milagre mais puro,
nem palavra que contenha,
o instante em que o escuro
se curva diante da centelha.
É o primeiro sopro no peito,
a luta, o calor, a missão.

É o mundo ganhando um jeito
de bater outro coração.

No nascer não há vaidade,
só entrega, calor e lamento.
É o começo da eternidade
num breve e imenso momento.

(Para minha mãe Delvira e todas as parteiras do Nordeste).



Diego Viana Cabral

Artista alagoano e natural desta cidade, é também poeta, cantor, compositor, músico violonista e administrador. Tornou-se Bacharel em Administração de Empresas pela UNEAL. Tecnólogo em Sistemas Elétricos pelo IFAL. Sócio efetivo da Academia Palmeirense de Letras – APALCA, ocupando a Cadeira Nº 03 (como seu 3º Titular), cujo Patrono é Francisco Nunes Brasil (Chico Nunes).

Doce

O ar que eu respiro parece estar com Seu sabor
Sinto por aqui uma brisa doce
Parece que eu vejo Seu rosto ligado ao meu
E com Suas palavras resgataria
As minhas lembranças do que é o amor
Me tornando mais jovem
Podendo até saltar para o alto do céu
E voltar com um pouco mais dessa luz que nos ilumina,
À cor do mel

Eu vou dormir, sob um céu estrelado
E contar quantas estrelas, tem ao Seu redor
Doce é sentir Seu abraço, nas manhãs frias
Pois quando eu mais preciso, eu sinto esse sabor
E me volta o calor

Doce é sentir Seu gosto nessas águas
Doce é ouvir Sua voz ressoando em meu ouvido
Purifica minha pele me enchendo da Tua essência
Que me dá uma energia que eu nunca tenha sentido
A neblina que se formara em volta dessa cama
Já se foi pela luz da janela desse quarto
Doce é ver os Seus olhos olhando para os meus
E me libertar dessas correntes que tem me aprisionado

Mas se as estrelas do céu me guiam por outros caminhos
Apareces em minha mente me dizendo onde seguir
Doce é sentir o vento trazer Seu perfume
E isso traz a alegria de nós não estarmos sós
De nós não estarmos

As nuvens que eu vejo agora dão lugar
As nuvens que eu vejo agora dão lugar
As nuvens que eu vejo agora dão lugar a um sol
Dão lugar a um sol
Dão lugar

Há um sol
Ha um céu
Há um dia
Tão doce
Tu vens
Como uma brisa
Tão doce



Pedro Paulo Barbosa

O escritor, ator e autor de pequenas peças teatrais é filho de Palmeira dos Índios-AL. Poeta. Autor do livro em prosa intitulado “Curumins”. É sócio Colaborador da Academia Palmeirense de Letras (APALCA).

Incerteza

Eu nem ia fazer poesia
E nem sei por quê...
É que eu queria dizer
Coisas alegres, bonitas,
Aqui,
Somente pra você.

Queria falar de flores,
Daquelas do meu jardim,
Da Rosa,
A mais cheirosa,
Que eu a quero
Só pra mim.

Mas resolvi me calar,
Sentado,
Com a mão no queixo...
Olha bem,
Deixe de “aveixo”,
Fique calma, por favor,
Pois agora aqui lhe deixo
Um abraço:
Com muito AMOR.

Anexos – Matérias de jornais sobre o Ano Jubilar da APALCA



Apêndice – Fotos da cerimônia do Ano Jubilar

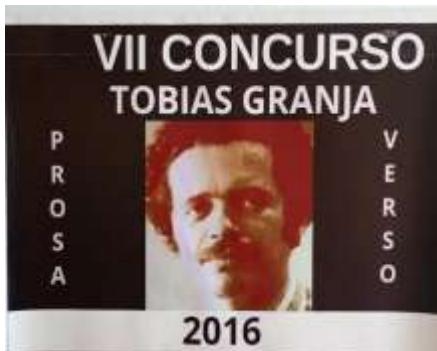






DEZ EDIÇÕES DO CONCURSO PROSA E VERSO (Fomentando a leitura e a produção de textos!)





DIRETORIA EXECUTIVA

(Gestão 2024-2026)

Presidente	Isvânia Marques da Silva
Vice-presidente	Maria José Cardoso Ferro
Secretária- Geral	Maria Norma A. B. de Holanda
Secretária Adjunta	Ana Cristina de L. Moreira
Tesoureiro Geral	Paulo Bezerra Nunes
Tesoureiro Adjunto	Ana Clara V. de Vasconcelos
Orador Oficial	Aloísio Alves Souza
Diretores Sociais e do Protocolo	Ruth Freitas de Assis Nunes
	Maria Alexsandra Eugênia da Silva
Diretoras de Biblioteca	Auta Tânia do Nascimento Lima
	Maria Adriana da Silva Torres
Diretores de Relações Públicas	Eugênio Pacelli Neves Rocha
	Cícera Germana Silva de Araújo
Conselho Fiscal	Francisco de Assis de França Júnior
	Júlia Karolline Vieira Duarte
	Rafaela Silva de Oliveira

Ode ao mérito: A cultura é o pão que alimenta o espírito

Sinto a alegria e a honra de ter sido um dos fundadores desta instituição e, mais tarde, seu presidente de honra, na sucessão do insubstituível e inesquecível Dom Fernando Iório. Hoje, celebramos mais um ano de vida da Academia Palmeirense de Letras – APALCA, templo sagrado da palavra, guardiã da memória e da inteligência palmeirense.

Sob a liderança firme e amorosa da escritora Isvânia Marques, que conduz esta casa com perseverança, dedicação e devoção à cultura, a APALCA cumpre sua meritória missão: promover o florescimento da arte, da música, da literatura, da história e da gente desta terra.

É motivo de orgulho ver reunidos, sob este mesmo teto simbólico, escritores e escritoras, poetas e poéticas, cada um contribuindo para o engrandecimento da nossa identidade coletiva.

Estamos todos de parabéns. E é justo, neste instante de júbilo, transmitir à confrira Isvânia Marques o reconhecimento e o mérito desta vitória, que é de todos nós, mas sobretudo dela, pela incansável dedicação em manter viva a chama que ilumina a intelectualidade palmeirense.

Ivan Barros (jornalista e escritor)



ISBN: 978-65-83366-10-8



NET-PR/ACQUARO/1